



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEOG
MESTRADO**

DIANE MARIA OLIVEIRA SACRAMENTA

**“LUGARES QUE MIGRAM”
AS IMAGENS DO MUNDO VIVIDO PELOS ASSENTADOS DO CANOAS EM
PRESIDENTE FIGUEIREDO (AM).**

Manaus/Am
2010

DIANE MARIA OLIVEIRA SACRAMENTA

**“LUGARES QUE MIGRAM”
AS IMAGENS DO MUNDO VIVIDO PELOS ASSENTADOS DO CANOAS EM
PRESIDENTE FIGUEIREDO (AM).**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Geografia/PPGEOG da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Prof^a Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Orientadora

Manaus/Am

(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Sacramenta, Diane Maria Oliveira

S123lug “Lugares que migram” as imagens do mundo vivido pelos assentados do Canoas em Presidente Figueiredo (AM) / Diane Maria Oliveira Sacramento. - Manaus: UFAM, 2010.

131 f.; il. color. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas, 2010.

Orientadora: Prof^a. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

1. Migração interna – Presidente Figueiredo (AM) 2. Territorialidade humana 3. Identidade social I. Nogueira, Amélia Regina (Orient.) B. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (1997): 314.727.2(811.3)(043.3)

DIANE MARIA OLIVEIRA SACRAMENTA

“LUGARES QUE MIGRAM”
AS IMAGENS DO MUNDO VIVIDO PELOS ASSENTADOS DO CANOAS EM
PRESIDENTE FIGUEIREDO/AM.

Dissertação apresentada à Comissão julgadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEOG da Universidade Federal do Amazonas/UFAM.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
Orientadora - UFAM

Prof^o Dr. Nelcionei José de Souza Araújo
Membro – UFAM

Prof^o Dr. Sidney Antonio da Silva
Membro - UFAM

Conceito: _____

Manaus, ____ de _____ de _____

Aos meus pais, Aláide e Daniel, cujas vivências conduziram-me a pensar a temática em discussão.

Dedico

A minha família que se faz sempre presente, mesmo estando separados geograficamente, e, principalmente aos meus irmãos Doniel e Adriano pelo apoio financeiro e técnico na realização deste sonho;

A Derleide, Socorro Lima, Irmão Efraim, Irmã Natália e Natasha pelas orações;

Ao Kenes pela companhia;

Aos amigos do mestrado, pelo respeito;

À Daniela Alves e Taiane pela compreensão e apoio técnico na elaboração dos Mapas;

A Rosinei e Hilkie pela amizade;

Ao Ricardo pelas críticas;

A Christiane Bruce, amiga e irmã que a vida me proporcionou, pela compreensão e companheirismo nessa caminhada;

A profª Alem Silvia Marinho dos Santos pela confiança;

Aos Sujeitos colaboradores da Pesquisa, sem os quais não seria possível a elaboração deste trabalho;

À Fundação de Amparo à pesquisa na Amazônia/ FAPEAM pelo apoio financeiro;

Ao Profº Dr. Benhur Pinós da Costa, meu primeiro orientador, por conduzir-me a pensar a abordagem e procedimentos metodológicos que melhor apreendessem o mundo vivido dos sujeitos da pesquisa;

Aos professores do Curso, à Banca Examinadora, e em especial a minha orientadora Profª Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, por pensar a geografia como uma ciência cujos conhecimentos ultrapassam a racionalidade científica, o que possibilitou esta realização;

E, sobretudo, a DEUS;

Agradeço

*Eu nasci num recanto feliz
Bem distante da povoação
Foi ali que eu vivi muitos anos
Com papai mamãe e os irmãos
Nossa casa era uma casa grande
Na encosta de um espigão
Um cercado pra apartar bezerro
E ao lado um grande mangueirão
No quintal tinha um forno de lenha
E um pomar onde as aves cantava
Um coberto pra guardar o pilão
E as traíças que papai usava
De manhã eu ia no paiol
Um espiga de milho eu pegava
Debulhava e jogava no chão
Num instante as galinhas juntava
Nosso carro de boi conservado
Quatro juntas de bois de primeira
Quatro cangas, dezesseis canseis
Encostados no pé da figueira
Todo sábado eu ia na vila
Fazer compras para semana inteira
O papai ia gritando com os bois
Eu na frente ia abrindo as porteiras.
Nosso sítio que era pequeno
Pelas grandes fazendas cercado
Precisamos vender a propriedade
Para um grande criador de gado*

*E partimos pra a cidade grande
A saudade partiu ao meu lado
A lavoura virou colônia
E acabou-se meu reino encantado
Hoje ali só existem três coisas
Que o tempo ainda não deu fim
A tapera velha desabada
E a figueira acenando pra mim
E por ultimo marcou saudade
De um tempo bom que já se foi
Esquecido em baixo da figueira
Nosso velho carro de boi. .*

(Música: Meu Reino Encantado.
Composição: Valdemar Reis e Vicente F. Machado)

Epígrafe

RESUMO

O Canoas apresenta-se como Comunidade e Assentamento rural. Sua dinâmica pode se melhor compreendida considerando duas etapas, antes e após a chegada do Projeto de Assentamento (P.A.). Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi descrever e compreender como os migrantes assentados representam suas vivências e os lugares de seus trajetos, bem como o Canoas, criando com ele uma relação de identidade. Participaram da pesquisa dez colaboradores adultos, não naturais da região norte, devido às experiências adquiridas na migração, e três dos antigos habitantes do lugar, demonstrando a percepção sobre a chegada desses novos sujeitos. Os mapas mentais e a história oral nos auxiliaram no acesso ao mundo vivido de cada indivíduo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na perspectiva fenomenológica da Geografia. Portanto, esta pesquisa contribui na compreensão da (re) construção do lugar nas multidimensionalidades do vivido, bem como, da relação de identidade existente, ou não, pois é a partir da manifestação das relações estabelecidas que o mesmo acontece.

PALAVRAS-CHAVE:

Percepção, Representação, Lugar, Migração, Identidade.

ABSTRACT

Canoas is a rural community and a settlement. Its dynamism might be better understood if we consider its two periods: before and after the settlement project (SP). Thus, we aim to describe and comprehend how settled migrants represent their way of life and paths taken, as well as Canoas, developing an identity relationship with it. Ten migrant subjects not from the North region participated in the research due to their background in the migration process. Three old inhabitants also participated in the research to describe their perception upon migrants' arrival. Mental maps and oral history help us understand each subjects' experience lived upon settlement. It is a qualitative research in phenomenological geography; therefore, it contributes to comprehending and rebuilding the past place in multidimensional views, as well as the relationship in the existing identity or not since it is in the displaying of the relationships that they occur.

KEY WORDS:

Perception, Representation, Past place, Migration, Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Trajeto dos migrantes Assentados no P. A. Canoas.....	50
Figura 02: Trajeto Migrante Assentado 01.....	52
Figura 03: Trajeto migrante Assentado 02.....	57
Figura 04: Trajeto Migrante Assentado 03.....	59
Figura 05: Trajeto Migrante Assentado 04.....	61
Figura 06: Trajeto Migrante Assentado 05.....	62
Figura 07: O lugar revelado.....	64
Figura 08: Trajeto Migrante Assentado 06.....	65
Figura 09: Trajeto Migrante Assentado 07.....	69
Figura 10: Trajeto Migrante Assentado 08.....	72
Figura 11: Trajeto do Migrante Assentado 09.....	74
Figura 12: Trajeto Migrante Assentado 10.....	76
Figura 13: Localização Geográfica de Presidente Figueiredo/AM.....	82
Figura 14: Perfil da Vila do Canoas.....	83
Figura 15: Pastagem no ramal N. Progresso.....	84
Figura 16: Tanque para piscicultura no ramal Tracauá.....	85
Figura 27: Estrada no Ramal Urubui I.....	86
Figura 18: O Canoas antes da criação do PA para o Habitante 02.....	89
Figura 19: A manifestação do Canoas atual para o Habitante 02.....	92
Figura 20: A revelação do Canoas para o Migrante Assentado 01.....	94
Figura 21: A revelação do lugar para o Migrante Assentado 02.....	95
Figura 22: A revelação do lugar para os Migrantes Assentados 05 06.....	96
Figura 23: A revelação do lugar para o Migrante Assentado 07.....	98
Figura 24: Barracão da Comunidade.....	99
Figura 25: A revelação do Lugar para a Migrante Assentada 08.....	100
Figura 26: A revelação do lugar para a Migrante Assentada 10.....	101
Figura 27: O Canoas atual do Migrante Assentado 01.....	102

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 MIGRAÇÃO E IDENTIDADE: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR.....	20
1.1 A GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA.....	21
1.1.1 O Estudo das Representações.....	22
1.2 A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA NA GEOGRAFIA.....	26
1.3 ENTRE A MIGRAÇÃO E O LUGAR: A QUESTÃO DA IDENTIDADE	30
1.3.1 (Re) Construindo Identidades com/do Lugar.....	31
1.3.2 O Migrante: Um Sujeito em busca de um Lugar.....	36
1.3.3 O Lugar: A Necessidade de Estar.....	41
2 REPRESENTAÇÃO DO VIVIDO NOS LUGARES E DOS LUGARES VIVIDOS: DO LUGAR DE ORIGEM AOS LUGARES DE SEUS TRAJETOS.....	45
2.1 PENSANDO A REPRESENTAÇÃO DOS LUGARES VIVIDOS E DO VIVIDO NOS LUGARES.....	46
2.2 AS IMAGENS DO MUNDO VIVIDO NO TRAJETO DA MIGRAÇÃO.....	49
2.3 INTERPRETAÇÕES ACERCA DO VIVIDO NA MIGRAÇÃO.....	76
3 ENTRE A TOPOFILIA E A TOPOFOBIA: UM LUGAR CHAMADO CANOAS.....	80
3.1 UM LUGAR CHAMADO CANOAS.....	81
3.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CANOAS.....	86
3.2.1 A Comunidade Santa Terezinha.....	87
3.2.2 O Projeto de Assentamento.....	90
3.3 A (RE) CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR.....	118
CONSIDERAÇÕES.....	122
REFERÊNCIAS.....	128

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO



Esta pesquisa é resultado de reflexões das leituras realizadas sobre a realidade das manifestações das relações estabelecidas no campo brasileiro, que levam a intensos fluxos migratórios, seja para atender às necessidades básicas do migrante, ou mesmo, a do capital. Entretanto, a motivação maior partiu de experiências próprias, do contato direto com os colaboradores da pesquisa e da leitura de trabalhos já realizados no Assentamento, que demonstraram que parte significativa da população que constitui o Canoas é oriunda de outros Estados da Federação. De acordo com Silva (2005) e Souza (2007), 50% dos moradores que ali vivem são naturais de outros Estados brasileiros, destacando-se: paraenses, maranhenses e cearenses. A reflexão da leitura desses trabalhos de monografias, além de minhas próprias experiências como filha de agricultores migrantes, pai baiano e mãe mineira, que se deslocaram de seu lugar de origem, percorrendo vários lugares, até fazerem parte do conjunto das famílias que viveram, e de outras que ainda continuam vivendo neste lugar, possibilitaram-me pensar em conhecer melhor as vivências desses sujeitos que chamaremos de migrantes assentados.

Conduzimo-nos com a proposição de que pensar a representação do trajeto e do vivido nos lugares é pensar em conhecer e compreender melhor o mundo vivido de sujeitos cujas experiências são adquiridas ao longo desses percursos, por diversos lugares, nos quais há tanto a aquisição quanto o compartilhamento de práticas vivenciadas entre os migrantes.

O migrante traz sempre a lembrança dos lugares por onde passaram cujas experiências podem ser agradáveis ou desagradáveis, as quais demonstram as relações estabelecidas entre eles e os lugares. O migrante não migra sozinho. Seja qual for à causa de sua saída, a migração sempre deixará marcas impressas na memória de cada indivíduo. Podemos mudar de um bairro para outro, de uma cidade, de um estado ou de um país para outro, a mudança ocorre em busca de um lugar, mas levamos conosco o lugar que ficou. Conosco segue a lembrança dos amigos, a primeira escola, a primeira casa, o quintal, os vizinhos, o rio que era um ponto de encontro, e outros elementos que constituíam aquele lugar.

Outra proposição é que esses sujeitos não realizaram o seu percurso diretamente para o Canoas, e que apesar de já existir uma relação

estabelecida entre eles e o lugar que vivenciam, não significa que aí permanecerão. Em seus trajetos assimilaram e compartilharam experiências, essas foram e são assimiladas e compartilhadas no Canoas, e é através dessas experiências que se constroem os lugares, dando a cada um suas especificidades. Assim, a pesquisa nos possibilitou uma melhor compreensão da (re) construção do lugar, e o significado dos lugares vividos em cada trajeto.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, o de descrever e compreender como os migrantes assentados representam suas vivências, os lugares de seus trajetos e o Canoas, criando com eles uma relação de identidade. Para tanto, nos apropriamos da descrição das experiências vividas desde seu lugar de origem até o Canoas e da representação dos lugares experienciados através dos mapas mentais com a intenção de perceber o significado desses lugares e, principalmente, do Canoas como lugar atual que é (re) significado, conferindo-lhes uma dinamicidade própria, conforme os elementos culturais inseridos com a chegada desses novos sujeitos. Contudo, para não nos limitarmos na percepção e representação do vivido pelos migrantes que chegam com a criação do Assentamento, levamos também em consideração a percepção daqueles que já habitavam o lugar sobre o processo de (re) construção do Canoas com a chegada desses novos sujeitos.

Na apreensão da realidade vivida optamos por realizar uma pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica. Os mapas mentais e as narrativas, como já salientamos acima, foram utilizados como procedimentos metodológicos. E como todo trabalho científico, constitui-se de revisão bibliográfica, na qual discutimos os conceitos por nós utilizados e a metodologia adotada. Foi realizado trabalho de campo, com observação direta e realização de entrevistas semi-estruturadas na área de estudo com dez migrantes assentados e três habitantes que viviam no lugar antes mesmo da territorialização do Assentamento. A coleta dos dados foi realizada tendo como base as técnicas utilizadas pela história oral, sendo: a *pré-entrevista*, *entrevista* e a *pós-entrevista*. Os mapas mentais foram elaborados com ênfase nos elementos mais significativos existentes no lugar para cada indivíduo.

A *pré-entrevista* foi o momento em que ocorreu o primeiro contato entre entrevistador e colaborador, sendo colaborador o sujeito da pesquisa como

bem ressalta Meihy (2005). Nessa etapa houve a apresentação de ambas as partes e da proposta de trabalho. Autorização para a gravação, transcrição e publicação dos depoimentos. Definição do local, data e o período (horas, podendo ser flexível, conforme a dinâmica das narrativas) da gravação.

No momento da entrevista, independentemente do encontro anterior, com o gravador ligado retomou-se o tema do projeto e foi salientado o papel do colaborador (sujeito entrevistado). Nas entrevistas de história oral de vida, de acordo com Meihy (2005) as perguntas são amplas e colocadas em grandes blocos, de modo a indicar os grandes acontecimentos. Esses blocos devem ser divididos em três ou quatro partes, não ultrapassando cinco. O entrevistador deve falar o mínimo possível. Sua participação deve ser sempre estimuladora e jamais de confronto.

Concluída as entrevistas, realizamos a *pós-entrevista*. Estabelecemos uma data e voltamos para a conferência das transcrições pelos colaboradores. As entrevistas transcritas, ao serem devolvidas para os colaboradores, estavam completas, sem erros de datas e imprecisões de nomes citados e equívocos de digitação.

A *Transcrição* é entendida como o processo da mudança do estágio da gravação oral para o código escrito. Ela pode ser literal ou não. Nesses termos, segundo Meihy (2005) é dividida em: *transcrição*, *textualização* e *transcrição*.

A *transcrição absoluta* é a primeira do processo de passagem de um documento oral para o escrito. Nesta etapa foram colocadas as palavras ditas em estado bruto. Perguntas e respostas foram mantidas, repetições, erros e palavras sem peso semântico. Inclusive ruídos e barulhos sem relação com a entrevista, como: campainhas, risos, miados de gatos ou latidos de cachorro, etc. e mesmo os erros de linguagem. Há pessoas e grupos que defendem esse tipo de transcrição, como se as palavras fossem mais importantes que o sentido do depoimento. O importante não são as palavras, mas o que elas contém. “O que deve vir a público é um texto trabalhado no qual a interferência do autor seja clara, dirigida para a melhoria do texto” (MEIHY. 2005, p. 182).

A segunda etapa da transcrição, conforme Meihy (2005) diz respeito à *textualização*. Nessa fase suprimiram-se as perguntas. O texto passa a ser do

narrador. Escolhe-se uma frase para ser colocada na introdução da história de vida. Ela serve como guia para a leitura da entrevista, pois representa uma síntese da moral da narrativa. Nesse tipo de transcrição as idéias são privilegiadas, perguntas, erros gramaticais, sons e ruídos são eliminados, palavras sem peso semântico reparados, tudo em favor de um texto mais claro e liso.

A última etapa da transcrição, como bem descreve Meihy (2005) é a *transcrição*, que se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude. Há interferência do autor no texto, e é refeito várias vezes. Tudo deve obedecer a acertos combinados com o colaborador, que legitima o texto no momento da conferência. Partindo do princípio de que existem diferenças entre a língua falada e a escrita, o mais importante na passagem de um discurso para o outro é o sentido. Enfatizar o sentido do discurso, e não as palavras em si, implica em intervenções e desvios capazes de sustentar os critérios decisivos. O que determina se a transcrição procede ou não, é o reconhecimento do texto procedido pela conferência e pela autorização do colaborador, demonstrando se ele se identificou ou não com o resultado. O que comprova a qualidade final do texto.

Outra etapa realizada por nós foi a da interpretação, que segundo Thompson (1992) deve ser o momento da relação das narrativas com a discussão teórica que norteou o estudo. Realizadas as transcrições, relacionamos as narrativas com a teoria. No nosso caso, procuramos perceber como os lugares são representados pelos migrantes assentados, o significado de suas experiências e como os mesmos vivenciam o Canoas.

A pesquisa levou em conta as técnicas da história oral no que diz respeito à transcrição das narrativas: transcrição, textualização e transcrição, conferência e interpretação. No que se refere à passagem da linguagem oral para a escrita, priorizamos a transcrição por considerar o significado das palavras mais importantes do que as palavras por si mesmas. Como critérios de inclusão para os sujeitos que colaboraram na elaboração deste trabalho, considerou-se:

- a) Os chefes de família (sujeitos adultos);

- b) Os colaboradores deviam ser naturais de outros estados brasileiros, exceto região norte (pela experiência obtida na migração);
- c) Três dos antigos habitantes do lugar, que o vivenciava antes da territorialização do Projeto de Assentamento (PA);
- d) Ser assentado (ter sua situação regularizada no INCRA – Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Desta forma, o universo da pesquisa foram os migrantes assentados não naturais da região norte que vivem no Canoas, nossa escolha deu-se por considerar o longo trajeto por estes percorridos, neste sentido compartilharam, bem como assimilaram muitas experiências, as quais são compartilhadas no Canoas, onde são assimiladas novas experiências e (re) construídas novas relações com o lugar. Considerando esse processo de (re) construção do lugar incluímos também três dos antigos habitantes, para que pudéssemos analisar como os mesmos percebem a chegada desses novos sujeitos.

Não participaram da pesquisa, moradores naturais da região norte (exceto os três antigos habitantes), devido terem realizado um trajeto dentro da própria região, e, mesmo sendo a Amazônia caracterizada por sua heterogeneidade, entendemos ser as diferenças culturais entre as macro regiões mais marcantes entre si. Também não participaram da pesquisa crianças, adolescentes e jovens, pois os mesmos são naturais do próprio lugar, quando não são, chegaram ainda na infância, e nesse caso não possuem muitas lembranças do trajeto nem do lugar de origem.

Antes de irmos à campo e entrarmos em contato com os sujeitos que são os colaboradores, mesmo já os conhecendo, até porque também fazemos parte das famílias que foram assentadas, falamos primeiramente com a representante da comunidade que nos repassou informações sobre o Canoas e seus habitantes.

A elaboração dos mapas mentais foi realizada individualmente. Cada colaborador fez o mapa mental de seu trajeto e do Canoas no momento da chegada e um atual. Dos moradores antigos apenas um contribuiu com as elaborações dos mapas mentais do Canoas. Dos migrantes dois não colaboraram com a elaboração do mapa mental do trajeto e dois do Canoas. No que se refere ao Canoas, um considerou que a representação gráfica dos

demais estava de acordo com a realidade, e, o outro por ter feito sua viagem definitiva, não estando mais entre as famílias assentadas. A última etapa do processo é caracterizada pela análise e interpretação dos dados relacionando-os com a teoria, na tentativa de perceber o sentido da migração na vivência desses sujeitos, e do próprio Canoas.

A obtenção dos dados para a elaboração deste trabalho aconteceu em dois momentos: o primeiro em julho de 2009 (antes da qualificação), e o segundo em abril de 2010 (após a qualificação). No primeiro momento tínhamos a intenção de trabalharmos apenas com migrantes que chegaram com a criação do PA. Entretanto, após o exame de qualificação incluímos também antigos habitantes do lugar.

Em julho de 2009, obtivemos nossas primeiras entrevistas. Os dias estavam ensolarados, o que contribuiu bastante na locomoção pelos ramais, até porque em dias chuvosos alguns ficam intrafegáveis. O que aconteceu quando retornamos em abril do corrente ano (2010). Nesse retorno nosso objetivo consistia em realizar a conferência das narrativas transcritas, elaborar os mapas mentais e incluir os novos sujeitos (antigos habitantes) da pesquisa. Entretanto, o processo não aconteceu conforme o esperado.

Cinco dos colaboradores que participaram das dez primeiras entrevistas não puderam colaborar na elaboração dos mapas mentais. Um nos disse que só participaria dessa etapa, se nós garantíssemos uma reunião onde estivessem presentes técnicos do IDAM e do INCRA. Reafirmei para o mesmo que não possuíamos vínculo com esses órgãos, portanto, não nos comprometeríamos com a realização desta reunião. A postura deste assentado deixa claro sua insatisfação com as políticas implementadas na região do Assentamento. O segundo informou que estava muito ocupado naqueles dias, seria bom que retornássemos em outro momento, retornamos, mesmo assim ele não pode participar. O terceiro achava que não conseguiria elaborar o mapa mental. O quarto apenas não participou e a quinta colaboradora, infelizmente, não pode participar devido às dificuldades de acesso ao ramal, onde fica seu terreno, por esse motivo não conseguimos falar com a mesma.

Considerando as dificuldades acima mencionadas, incluímos outros cinco colaboradores que aceitaram participar da pesquisa para atendermos à

nossa proposta de trabalho, cujo projeto foi desenvolvido com a colaboração de dez migrantes. Com a inclusão de três sujeitos que vivenciavam o Canoas no período anterior ao PA.

Partimos de três questões: para os dez migrantes assentados tivemos como base: o lugar de origem, os lugares de seus trajetos, e o lugar atual; para os três antigos habitantes duas questões: O Canoas antes e após a chegada do PA. Não interferimos na maneira como os mesmos narraram suas experiências, por considerá-los sujeitos autônomos. Nesses termos, tomamos a história oral, na perspectiva da história oral de vida, como procedimento metodológico, para a realização desta pesquisa por valorizar as versões individuais das pessoas sobre os fenômenos. “Afirma-se, pois que cada depoimento para a história oral tem peso autônomo, ainda que se explique cultural e socialmente” (MEIHY, 2005). Os mapas mentais, conforme Nogueira (2001), são abordados como representações gráficas que demonstram o vivido imediato, sendo construídos com informações subjetivas do espaço vivido, tratando-se, portanto, de uma interpretação fenomenológica da realidade de cada indivíduo.

Como resultado desse processo obtivemos a presente Dissertação estruturada em três capítulos:

No primeiro capítulo temos a intenção de apresentar uma discussão entorno de uma abordagem da renovada geografia cultural. Destacamos a importância do estudo das representações, principalmente, na perspectiva fenomenológica a partir da abordagem da geografia cultural humanista. Inserimos no debate os conceitos-chave: identidade, migração e lugar, pois a compreensão desses conceitos nos ajuda a perceber o significado do trajeto e do próprio lugar. Por acreditarmos que é na relação de identidade que cada migrante tem, ou não, nos lugares experienciados, que os mesmos são (re) construídos.

Migração, Identidade e Lugar: na verdade, pensar essa relação nos trouxe muitas preocupações. A primeira delas diz respeito à discussão da própria categoria lugar, que em sua discussão teórica nos conduz a uma relação de identidade tanto com as paisagens quanto com os indivíduos que o constituem. Por outro lado temos o conceito de migração, que nos possibilita

pensar em indivíduos que vivenciam outros lugares não correspondentes ao de origem, o migrante. Nesses termos, como pensar a relação de identidade entre migrantes, os lugares de seus trajetos e o Canoas, e principalmente, tratando-se de uma migração interna?

No segundo capítulo fazemos a descrição e interpretação do mundo vivido de cada sujeito desde o lugar de origem aos lugares do trajeto, na tentativa de reconstituir os lugares vividos e o vivido nos lugares através das narrativas e dos mapas mentais. Através dos mapas mentais analisamos como os lugares são representados, buscando compreender o significado desse processo, cujo trajeto conduziu cada um desses indivíduos ao Canoas, contribuindo na sua (re) significação. O que os possibilitou pensar na busca do lugar ou de um lugar onde se reconheçam como sujeitos autênticos, sentindo-se dentro do processo de (re) construção do mesmo. Nesse caso, enquanto tal fenômeno não se materializa, a alternativa é a migração. Demonstrar os trajetos do fenômeno espacial da migração, e, como os mesmos são experienciados, podem contribuir na compreensão da formação deste lugar chamado Canoas. O que é discutido no terceiro capítulo.

No terceiro capítulo foi feita a apresentação do lugar conforme a representação que os migrantes têm do mesmo, bem como a percepção que os antigos habitantes têm da dinamicidade que envolve as transformações no Canoas. Partimos das experiências que esses indivíduos têm do lugar, sejam elas agradáveis, ou não. A partir das vivências representadas nos mapas mentais e nas narrativas podemos perceber como ocorreu a (re) construção e qual o significado desse lugar para seus habitantes.

Sendo assim, demonstramos nesta dissertação o resultado da pesquisa de nossa proposta de trabalho, que acreditamos ser relevante na medida em que nos proporciona a compreensão da (re) construção do Canoas. Demonstrando que o lugar possui sua dinamicidade, e, que o mesmo é resultado das interações entre os sujeitos que o constituem, sendo cada um portador de uma rica experiência. Simultaneamente, gostaríamos de destacar a importância desta pesquisa para o desenvolvimento local através de políticas públicas, fazendo referência às discussões que permeiam grupos defensores do planejamento participativo, considerando políticas que têm como base as

necessidades do mundo vivido de cada sujeito. Nesse sentido, o resultado deste trabalho, além de contribuir para pensarmos na relação de identidade entre os elementos que o constituem e seus habitantes, pode servir como um instrumento de planejamento para se pensar nas políticas a serem implementadas neste lugar chamado Canoas.

CAPÍTULO I:

MIGRAÇÃO E IDENTIDADE: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

1 MIGRAÇÃO E IDENTIDADE: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

Cada imagem e idéia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e de cada fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade (LOWENTHAL, 1985, p. 141).

Neste capítulo apresentamos as contribuições de geógrafos que desenvolveram trabalhos na perspectiva fenomenológica para a consolidação da Geografia Cultural Humanista, contribuindo de maneira significativa na apreensão do conhecimento do mundo vivido do indivíduo. Prosseguindo abordamos uma breve leitura dos conceitos de identidade, migração e lugar, em busca de uma melhor compreensão dos mesmos. A partir dessa discussão podemos pensar a (re) construção do lugar considerando os diversos sujeitos que o constituem, e que contribuem de diferentes maneiras na formação de uma identidade, até porque a identidade depende da diferença, para ser manifestada. “EU” reconheço-me diante do “OUTRO”, com o qual me identifico, ou não, conduzindo a uma relação de identidade, remetendo-nos à idéia de pertencimento.

1.4 A GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA

A Geografia antes mesmo de ser elevada à categoria de ciência, já aparecia como conhecimento geográfico em trabalhos científicos, nas descrições dos lugares em obras de historiadores e filósofos. A partir de meados do século XVIII é inserida no grupo das ciências, caracterizada pela generalidade, objetividade, racionalidade e rigorosidade metódica herdada do cartesianismo. Conforme Gomes (1996) foi fortemente marcada pela dualidade existente no pensamento geográfico de seus principais representantes, Humbolt e Ritter.

A dualidade existente no pensamento geográfico transcende os séculos, e, nos dias atuais está fortemente inserida nos debates que envolvem a (re) significação desta ciência. Atualmente, os modelos utilizados para realização de trabalhos na ciência moderna passam por uma crise, devido suas limitações na apreensão da realidade. Crise essa, bastante discutida possibilitando a abertura para a realização de trabalhos que enfocam as manifestações culturais de pessoas e grupos, assim como o mundo vivido tal como é percebido por cada indivíduo.

A geografia cultural tem em sua base contribuições importantes de autores como C. O. Sauer, cujo enfoque privilegia os aspectos culturais existentes na paisagem, mesmo que de maneira superficial, conforme ressalta Claval (1999). Dessa maneira,

“[...] A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da terra, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície ou [...], as marcas visíveis, realmente extensivas e expressivas da presença do homem [...]” (SAUER, 2003, p. 23).

No início do século XX, esta abordagem da Geografia, de acordo com Claval (1999), estava voltada para os estudos que focavam a diversidade das pequenas células de sociedades de etnólogos e dos campos do mundo tradicional. Com a chegada do progresso técnico, a facilidade das comunicações e a industrialização das fabricações de utensílios, a geografia cultural entra em declínio. Com o desenvolvimento dessa uniformização o conceito de “gênero de vida” torna-se inadaptados, ou melhor, não se aplica à

análise dos meios urbanizados e industrializados, que se desenvolvem de maneira generalizada, rapidamente.

1.4.1 O Estudo das Representações

A geografia cultural que estava prestes a desaparecer até início dos anos 1970, renova-se. Antes consistia basicamente na descrição da cultura dos diferentes povos, com base principalmente na etnografia, agora diante do novo contexto são as representações negligenciadas até então, que serão estudadas (CLAVAL, 1999). “Trata-se, pode-se dizer, de uma continuidade renovada, aberta a novos desafios, com ênfase no significado dos objetos e ações humanas, além de forte sentido crítico da realidade” (CORRÊA, 2001, p. 28).

A partir de 1950, Claval demonstra que os autores envolvidos com as pesquisas considerando o estudo das representações, no primeiro momento, não tinham a intenção de se afastar das correntes dominantes na disciplina. Os mesmos tinham como objetivo mostrar as limitações da racionalidade científica. Mas, foi na década de 1970, quando começa a surgir, na Geografia, trabalhos na perspectiva fenomenológica, que essa abordagem toma força. Esses estudos tiveram como contribuição, inicialmente, as pesquisas dos geógrafos de língua inglesa, com a preocupação de compreender melhor as representações que os sujeitos têm do mundo/lugar. Dessa forma,

Foi através do interesse renovado pelo sentido dos lugares que a pesquisa sobre as representações passou a integrar as novas preocupações: representações têm uma carga emotiva que as pesquisas começaram a levar em conta. Os pesquisadores descobrem os trabalhos de Gaston Bachelard sobre os sonhos da terra, da água, do ar. A dimensão simbólica das representações se torna significativa para todos os geógrafos humanos (...) (CLAVAL, 2008, p. 17).

Nesse sentido, como nos afirma Holzer (2008), dentro desta empreitada, todos os temas levantados pela geografia estão em aberto para a pesquisa, mas dentro deles o que mais desafia a renovação da geografia

cultural, é o da aplicação rigorosa, consciente e corajosa do método fenomenológico. Portanto,

A contribuição da Geografia Humanista para a ciência está na revelação de materiais dos quais o cientista, confinado em sua própria estrutura conceitual, pode não estar consciente. O material inclui a natureza e a gama da experiência e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambigüidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas (TUAN, 1985, p. 159-160).

No estudo das representações como uma abordagem da geografia cultural-humanista insere-se a investigação das imaginações geográficas, com a intenção de compreendê-las. É nesse sentido que Claval (2001) afirma ser o objetivo da geografia atual, compreender a maneira como as pessoas vivem sobre a terra, experienciam os lugares que habitam ou visitam, encontram indivíduos e grupos, dão um sentido a esses contatos e tentam modificar as realidades nas quais vivem. O autor ressalta que sem a análise das representações não se compreenderia nunca como as coisas são concebidas e quais significados elas têm na vida dos homens. Logo,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p. 17).

Prosseguindo, Woodward (2000) afirma que esses sistemas simbólicos possibilitam sermos o que somos e aquilo no qual podemos nos tornar: a representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas, o que nos possibilita pensar a percepção e representação dos lugares vividos e do vivido nos lugares pelos sujeitos de nossa pesquisa, considerando a relação estabelecida no e com o lugar, enfatizando os elementos mais significativos nesse processo.

Na atualidade, vários trabalhos são desenvolvidos dentro da abordagem das representações. Para Sarmento (2004) uma importante noção

para estudar e decifrar o significado das representações e subseqüentes construções de lugares e paisagens é a de discurso. Os discursos podem ser compreendidos como práticas de significados, fornecendo quadros para compreender o mundo. Um cuidado que deve ser tomado quando estamos interpretando os temas das representações, é reconhecer os discursos nos quais elas estão situadas.

Além dos discursos, outros estudos apresentam os mapas mentais como uma forma de representação gráfica do mundo vivido, entretanto os mesmos seguem em perspectivas diferenciadas, como podemos ver em Kozel (2007) e Nogueira (2001). Ao pensá-los como uma forma de linguagem, Kozel (2007) afirma que os mesmos permitem ir além da referência ao lugar, e ao mundo vivido cujas bases se encerram na fenomenologia. A autora apresenta a discussão concebendo-os como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. A idéia de que as representações são fundamentalmente de natureza social, não despreza o espaço vivido, mas enfatiza que os signos das imagens construídas pelos indivíduos são oriundos de uma construção social.

Diferentemente da concepção de Kozel, os Mapas Mentais podem ser concebidos como representações dos homens que vivem no lugar, portanto, “os Mapas Mentais são representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares por nós experienciados” (NOGUEIRA, 2001, p. 93), estando esses mapas estreitamente relacionados à perspectiva fenomenológica, que representa o vivido imediato. Eles são subjetivos e construídos a partir da percepção do espaço, nesse sentido os seres humanos elaboram imagens acerca do espaço vivido e percebido (LENCIONE, 1999).

Cada lugar tem sua especificidade, tanto nas características naturais, como culturais. Em alguns se sobressaem as paisagens rurais, em outros as urbanas. As pessoas o representam conforme suas experiências, que pode ser tanto individual quanto o resultado das relações sócio-culturais. Até porque,

O espaço que os geógrafos estudam não é a planície uniforme e sem obstáculos dos economistas. Diferencia-se pelo seu relevo, seu clima

e pelas formas de povoamento. Ele tem histórias variadas, dependendo dos lugares e áreas. As pessoas identificam-se com a área onde moram desde crianças, a área para onde migram, com a área onde trabalham e onde tem amigos (CLAVAL, 2008, p. 17).

Ao descrever um determinado lugar o indivíduo pode valorizar os elementos espaciais que caracterizam a paisagem rural por ser essa uma presença marcante no seu cotidiano, destacando os elementos mais significativos pelos lugares por onde passou, por exemplo: os arrozais, os cafezais, as pastagens, as praias, o córrego, etc. Sendo, os mapas mentais as representações dos homens que vivem no lugar, trata-se de um instrumento que sistematiza o conhecimento adquirido através da experiência no e com o lugar. Para Nogueira (2001), não interessa demonstrar apenas o visível, mas também o invisível que pode ser percebido através do simbólico que atribui um significado a esses elementos espaciais, conferindo sentido ao lugar.

Portanto, estudos sobre representações em Geografia buscam compreender a realidade através das relações desenvolvidas na sociedade entre os indivíduos, e entre a sua consciência e o mundo, ou mesmo, entre sujeito e objeto. São retratadas, não especificamente, de modo individual, mas, também de natureza social. A representação reflete nas maneiras de ser e agir das pessoas, tanto em atitudes racionais, quanto imaginárias, e através dos discursos que são formados ao longo da vida, variando conforme o mundo de cada um, gênero, classe ou categoria social a que pertence, hábitos e crenças. As representações são carregadas de imagens e significados, assim como pode estar relacionada a atitudes de poder. Não será demais destacar que nosso foco é a representação das imagens do mundo vivido na perspectiva fenomenológica, compreendendo a escala do vivido imediato de cada indivíduo, que experiencia o mundo e nele não está sozinho.

1.2 A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA NA GEOGRAFIA

A partir da década de 1950, principalmente, vários autores desenvolveram pesquisas na perspectiva fenomenológica da geografia, contribuindo no desenvolvimento de uma abordagem que ultrapassa modelos

teóricos de apreensão da realidade. Esta perspectiva preocupa-se de imediato com a realidade vivida por cada indivíduo.

O primeiro a tratar a geografia em sua perspectiva fenomenológica foi Sauer, para ele,

Toda ciência pode ser encarada como fenomenologia [...]. Todo o campo do conhecimento é caracterizado pela sua preocupação explícita com um certo grupo de fenômenos que ele se dedica a identificar e ordenar de acordo com suas relações (SAUER, 1998, p. 13)

Em geral, os geógrafos, tais como Relph (1970) e Nogueira (2004) são unânimes em afirmar que Eric Dardel em seu livro *L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique* é o responsável pela descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia, sendo um referencial na discussão sobre a categoria “geograficidade”, que se refere às várias maneiras de sentir e conhecer os ambientes, em todas as suas formas e os relacionamentos com o espaços e as paisagens, mesmo sendo um precursor dessa abordagem na geografia, Dardel não foi reconhecido de imediato por seus contemporâneos.

O objetivo de Relph (1979) é esclarecer os traços fundamentais das bases experimental e fenomenológica da ciência geográfica: as experiências de lugares, espaços e paisagens, tanto as agradáveis quanto as desagradáveis que todos têm, embora não conheçam nada de geografia como ciência formal. Destacamos aqui a epígrafe retirada da narrativa de um migrante ao enfatizar o porquê de seu deslocamento, considerando as diversas etapas de seu trajeto: “andar, andar! Conhecer! meu negócio era conhecer! Porque a pessoa estuda geografia, mas é teoria. Mas se você estuda geografia e sabe que existe aquele lugar, se você for lá, você sabe que é certo, é verdade” (MIGRANTE 09).

As bases fenomenológicas da geografia consistem de três pilares: de espaço, paisagem e lugar na medida em que são diretamente experienciados pelo mundo vivido (RELPH, 1979). Para este autor essas categorias do pensamento geográfico se apresentam carregadas de sentido, e estão diretamente relacionados ao mundo vivido. Enfatiza que é entre as paisagens,

no espaço ou no lugar que são realizadas as diversas experiências, estas transformam as paisagens, dão sentido ao espaço, e constroem o lugar. Tais categorias estão entrelaçadas, pois lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares.

O fascinante nessa abordagem é que ela parte dos conhecimentos pré-científicos, e que cada indivíduo não é compreendido como objeto da pesquisa, e sim como sujeito, sendo juntamente com o pesquisador o responsável pela construção do trabalho. Nogueira (2004, p. 209) retoma a discussão sobre “o homem enquanto sujeito que está no mundo, portanto, tem dele uma experiência de vida”. Para a autora, a fenomenologia, além de fazer uma descrição minuciosa dos fenômenos pesquisados, busca também, estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo, relacionando a noção de intencionalidade com a “geograficidade” de Eric Dardel. Nogueira resgata os princípios da fenomenologia, sendo: a descrição, a redução fenomenológica, a intencionalidade e a intersubjetividade.

Esses princípios são todos descritos na proposta de Nogueira (2004), e em Buttmer (1985) encontramos mais detalhadamente os princípios da intencionalidade e da intersubjetividade.

Tomando conhecimento sobre os princípios da fenomenologia, restamos certa compreensão sobre cada um. “A fenomenologia é o estudo das essências”, a essência da percepção e da consciência, por exemplo. Trata-se de descrevê-las, e não de explicá-las e nem analisá-las. É a descrição dos fenômenos em si, sendo “o retorno às coisas mesmas” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 05). Descrevendo os fatos como eles realmente são independentemente dos conhecimentos existentes na psicologia, sociologia e biologia “as experiências aqui ressaltadas são as dos homens que as vivem, as que são resultados do envolvimento dele com e no mundo” (NOGUEIRA, 2004, p. 214).

De acordo com Merleau-Ponty tudo o que o sujeito sabe do mundo, mesmo devido à ciência, o sabe a partir de sua visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Nesse caso,

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 07)

A redução fenomenológica requer um voltar-se para os fenômenos da maneira como o percebemos, sem o objetivo de saber se o que percebemos é verdadeiro, ou não. A partir do retorno às coisas mesmas, chegamos à noção de intencionalidade. “A atitude fenomenológica demanda um retorno à evidência, aos próprios fatos, como são produzidos, e uma investigação dos atos da própria consciência” (BUTTIMER, 1985, p. 169). A noção de intencionalidade sugere que cada indivíduo seja o foco de seu próprio mundo, mesmo que ele próprio não tenha consciência desse processo.

A fenomenologia, conforme Dartigues (2005), refere-se a uma descrição que busca o sentido do mundo para o sujeito, ou seja, é a tentativa de compreender a maneira de perceber e representar o mundo existente na consciência do sujeito, pois é exatamente a essência do humano que interessa à fenomenologia, tendo como base a intencionalidade e a subjetividade. A fenomenologia, nesse sentido, é o estudo da constituição do mundo na consciência. Dessa maneira,

Quer se trate de uma coisa percebida, de um acontecimento histórico ou de uma doutrina, ‘compreender’ é retomar a intenção total – não somente o que são a representação, as ‘propriedades’ da coisa percebida, a poeira dos ‘fatos históricos’, as ‘idéias’ introduzidas pela doutrina -, mas a única maneira de existir que se exprime nas propriedades da pedra, no vidro ou do pedaço de cera, em todos os fatos de uma revolução, em todos os pensamentos de um filósofo (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 15-16).

A noção de intencionalidade dá margem à compreensão dos significados das experiências no mundo, o sentido que as relações estabelecidas possuem para cada indivíduo, nos diferentes momentos e lugares, ou seja, no tempo e no espaço. O porquê de se morar aqui ou ali. Seria a migração um fenômeno que termina quando o sujeito encontra o lugar,

ou esse mesmo sujeito estaria sempre em busca de um lugar? Porque há sempre um lugar melhor na imaginação de cada sujeito?

Outro princípio que contribui nos estudos da abordagem fenomenológica é o da intersubjetividade. “A idéia de intersubjetividade esforça-se para construir um diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, em termos de herança sócio-cultural, e o papel assumido no mundo vivido de cada dia” (BUTTNER, 1985, p. 168). Nesse mesmo sentido, a relação intersubjetiva, conforme Nogueira (2004) possibilita pensar o homem não apenas enquanto indivíduo que se faz sozinho, mas como o que se constrói na relação com os outros e com os seus lugares de vida

Intencionalidade refere-se ao indivíduo, pois se concentra na experiência individual, a intersubjetividade está relacionada às relações estabelecidas entre as pessoas e destas com o ambiente, considerando tanto a parte subjetiva (o EU) e a objetiva (o OUTRO), as relações estabelecidas que tenha como referência as relações do indivíduo com o grupo, e com o meio em que vive. Nesse sentido, Buttner (1985) assinala que a fenomenologia tenta transcender o dualismo cartesiano.

Entretanto, para fazermos um estudo considerando tanto o princípio da intencionalidade como da intersubjetividade é necessário o retorno aos fatos em si, ou seja, à redução fenomenológica. Dessa forma, busca-se a descrição das experiências vividas pelo indivíduo ou pelo grupo, tanto no trajeto quanto do Canoas. Portanto, assim como Relph (1979) assinala que espaço, paisagem e lugar estão entrelaçados, podemos também afirmar que redução fenomenológica, intencionalidade e intersubjetividade estão intimamente ligadas. Até porque nas relações intersubjetivas, estão presentes as intencionais, e as mesmas estão para a redução fenomenológica, ou melhor, “o retorno às coisas mesmas”, ao fenômeno como ele se manifesta no mundo vivido.

Portanto, a interpretação das representações do vivido imediato desses migrantes, contidas em seus mapas mentais e nas narrativas nos conduz à reflexão sobre a relação de identidade estabelecida no e com o lugar. Conferindo-lhe simultaneamente características que se manifestam em sua própria identidade. O lugar se (re) constrói constantemente através de

processos que o torna único, diferenciando-se até mesmo de lugares vizinhos, inseridos, por exemplo, na mesma unidade Federativa, no mesmo estado e município. No caso do Canoas, essa questão é bem nítida. Para se ter uma idéia, pessoas que passam por lá, moradores de outras vilas (Cristo Rei, Novo Rumo e Rumo Certo) consideram o lugar esquisito, depreciativo. Talvez ele não seja assim, mas essa é a percepção obtida por quem passa. Por outro lado o Canoas é o mundo vivido de homens, mulheres e crianças que o experienciam todos os dias, e, para a maioria desses o Canoas é o lugar onde pretendem continuar, não atendendo às características definidas por moradores de outros lugares. Nesse sentido, para melhor compreendermos as relações de identidades que são (re) reconstruídas, e que tornam espaços indiferenciados em lugares familiarizados, cujos significados variam conforme a vivência e percepção de cada indivíduo e do grupo que o habita, torna-se imprescindível chamarmos para a discussão os conceitos-chave que norteiam o desdobramento desta discussão, a saber: identidade, migração e lugar.

1.3 ENTRE A MIGRAÇÃO E O LUGAR: A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A discussão que nos propomos realizar não objetiva apresentar uma definição acabada de identidade, ou seja, a busca por um conceito essencialista. Pensamos que o mais importante nessa empreitada seja compreender como os indivíduos assumem suas posições de identidade nos lugares, identificando-se com eles, construindo uma relação de pertencimento. Seria isso possível? Compreendemos que o conceito de identidade, torna-se relevante, para nos conduzir à reflexão sobre as manifestações das relações estabelecidas de cada sujeito migrante no lugar.

Outro ponto que deve ser mencionado é o sentido em que pretendemos desenvolver o conceito de identidade. A noção de identidade nos interessa à proporção que nos possibilita perceber como cada indivíduo representa, através dos mapas mentais e das narrativas, o vivido nos lugares e os lugares vividos em seus trajetos, conduzindo-nos ao entendimento da (re)construção de um lugar, onde as relações estabelecidas, tanto nas práticas

sociais quanto simbólicas, conduzem-nos a pensar uma relação de identidade que se (re) constrói em meio às diferenças.

Identidade, migração e lugar são os conceitos-chave deste capítulo. Ao pensarmos em discuti-los, emergem algumas questões. Primeiro: O que entendemos como relação de identidade? Segundo: Como diferenciar, ou mesmo, qual a relação existente entre identidade, identificação e pertencimento? Terceiro: O que entendemos como categoria migrante? Quarto: O que é migração? Quinto: Como pensar a relação entre migração, identidade e lugar? E por fim, como discutir a relação de identidade entre migrantes, os lugares de seus trajetos e a (re) construção do lugar? Sendo que os mesmos realizaram um trajeto dentro de seu próprio país, tratando-se assim de uma migração interna. Apresentamos uma abordagem teórico-metodológica e conceitual de migração, identidade e lugar, para que possamos ter melhor compreensão dos conceitos aqui apresentados.

1.3.1(Re) Construindo Identidades com/do Lugar

Os problemas identitários eram discutidos de modo bastante marginal pela antiga geografia cultural. Eles eram considerados “através da evocação dos nomes de países, testemunho da consciência que tinham as pessoas da singularidade dos espaços onde se inscrevia suas vidas habituais”. Hoje as ferramentas de que a abordagem cultural dispõe progrediram muito. Agora a natureza das identidades e a maneira como elas se constroem acontece “[...] através da análise da maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimentos e atitudes, enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência” (CLAVAL, 1999, p. 88). Trata-se, do voltar-se para a realidade vivenciada pelos sujeitos, através das quais é adquirida esse conjunto de experiências. Nesse processo, são vários os elementos que contribuem para que cada indivíduo manifeste o que é, porque se integra em uma dada comunidade e não em outra.

Mesmo não tendo a pretensão de se aprofundar e esgotar a discussão sobre identidade, bem como também não temos o objetivo de desenvolver em

nossa pesquisa o encontro com os diferentes tipos de identidades: nacional, étnica, religiosa, gênero, etc. até porque nosso interesse consiste em compreender como se (re) constroi a identidade do lugar com a chegada de indivíduos migrantes. Iniciamos a discussão discorrendo sobre uma abordagem discursiva da identidade, adentrando no mundo da geografia, aproximando o debate de como podemos pensar a (re) significação do lugar através das relações estabelecidas pelos diferentes sujeitos que o vivenciam, a saber: os que chegam e, simultaneamente os que já faziam parte do lugar.

Pensamos que seja relevante enfatizar a preocupação de Hall (2006), ao afirmar a crise de identidade que se vive na pós-modernidade, até porque, como o autor destaca ao nos referirmos ao debate sobre identidade como “a questão da identidade” estamos compactuando da mesma concepção de que se trata de um período em que a identidade passa por um momento de crise. Ele explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, avalia se existe uma ‘crise de identidade’, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Destaca que o próprio conceito de “‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL, 2006, p. 8).

Ao discutir o conceito de identidade, Woodward afirma que “uma das discussões centrais sobre a identidade concentra-se entre o essencialismo e o não-essencialismo.” Uma definição essencialista defende que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os indivíduos de uma mesma nacionalidade partilham e que permanece fixo ao longo do tempo. “Uma definição não-essencialista focaliza as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas”, tanto entre os indivíduos de um mesmo grupo étnico, quanto entre indivíduos de grupos étnicos diferentes, sendo que nessa perspectiva, dá-se, também, atenção aos processos que contribuem para mudanças ao longo dos séculos. Subentende-se, dessa forma, que a identidade não é algo estático, mas passível de transformações (2000, pp. 12 ,15).

O conceito de identidade desenvolvido por Hall (2000) retrata uma postura estratégica e posicional.

[...] Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, 'o mesmo', idêntico a si mesmo ao longo do tempo. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação" (HALL, 2000, p. 108).

De acordo com Haesbaert (1999), a identidade refere-se tanto a pessoas e coisas, e implica uma relação de semelhança ou de igualdade. Quanto à relação de semelhança ou de igualdade, acrescenta:

Este é talvez seu maior paradoxo: encontrar a igualdade num 'objeto' ou 'pessoa', ou seja, defini-la a partir de características que a revelem na sua totalidade, na sua 'inteireza', encontrar um significado, um sentido geral e comum, como se a verdade fosse una e indivisível. Se a identidade de um indivíduo é dificilmente encontrada, e mais dificilmente ainda, revelada, uma identidade mais ampla, envolvendo um grupo de indivíduos ou mesmo uma 'cultura' ou 'civilização', pode ser uma temeridade (HAESBAERT, 1999, p. 173).

É interessante destacarmos que a identidade de um indivíduo e do próprio lugar não é estática. Ela se (re) constrói constantemente, possuindo uma dinamicidade. O que nos conduz a pensar no processo e não no resultado, como o próprio Haesbaert chama atenção. Nesse sentido, esse processo em que se desdobra a realidade vivenciada, pode ser compreendido como a identificação que se manifesta e conduz à relação de identidade entre os sujeitos e destes com o lugar.

Quanto ao conceito de identificação, Hall (2000) chama atenção para a falta de envolvimento de teóricos sociais e culturais para o seu desenvolvimento. Ao fazer uma breve abordagem do conceito, Hall ressalta que apresentar uma discussão sobre identificação, não nos dá garantia alguma contra as dificuldades conceituais que tem assolado a identidade. Aponta uma discussão sobre a identificação contrária ao discurso naturalista. Desta forma

demonstra a abordagem discursiva para compreender a categoria identificação, apresentando o pressuposto de que a identificação seja,

[...] uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em ‘processo’. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o ‘mesmo’ e ‘outro’ que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação [...] (HALL, 2000, p. 106).

A discussão feita por Hall sobre o que pode ser compreendido como identificação tem como objetivo conduzir-nos a pensar os novos significados que o conceito de identidade está agora recebendo, em uma concepção estratégica e posicional, cujo foco defende que as identidades são dinâmicas, que os sujeitos constroem suas identidades individuais e coletivas nas relações que se estabelecem nos diferentes momentos, nesse sentido, acrescentamos, nos diferentes lugares, também. Até porque “[...] A (re) construção imaginária da identidade envolve, portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.[...]” (HAESBAERT, 1999, p. 181). Conduzindo-nos a pensar a dinamicidade da (re) construção dos lugares a partir da inserção de novos elementos culturais e sociais que passam a caracterizá-lo.

Nesse processo, Haesbaert (1999) ressalta que convivem novas e antigas formas de identificação no/com o território, o que para nossa pesquisa falamos da convivência de novas e antigas formas de identificação no/com o LUGAR. E dessa maneira quando o novo e o já estabelecido se encontram o lugar se transforma. Como exemplo tem a intensificação das migrações, conduzindo ao mesmo tempo a uma proliferação de microespaços de identidade, segregados/segregadores, e a um entrecruzamento de traços culturais que produzem espaços híbridos, articuladores de novas identificações com o lugar. A identificação, é pois um processo, “através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais” e na pós-modernidade, “tornou-se

mais provisório, variável e problemático”. Nesse processo, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006, p. 12).

[...] A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, pp. 12-13).

As relações de identidade que manifestamos com os lugares, podem ser melhor compreendida através da identificação, referindo-se à dinamicidade das relações estabelecidas. Nesse processo criamos vínculos, ou não, com os lugares, ou seja, uma relação de pertencimento. Para Hall,

[...] As identidades nacionais [...] representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma *particularista* de vínculo ou pertencimento [...] (HALL, 2006, p. 76).

Conforme Relph apud Marandola Jr (2010), a essência e a identidade do lugar são as chaves para compreendermos sua construção.

O objetivo de Relph ao discutir a identidade dos lugares é entender a forma como nossa experiência dos lugares ocorre e seus componentes. Ele identifica pelo menos três componentes do nosso envolvimento com os lugares: a configuração física, as atividades e os significados (RELPH, 1976, p. 47 apud MARANDOLA JR, 2010. P. p. 3).

Marandola Jr acrescenta que os sentidos ou significados podem mudar ou serem transferidos para outros objetos. E que, os três componentes que constituem a identidade do lugar, proposto por Relph, são compostos e não monolíticos, sendo que a “configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes” (MARANDOLA JR, 2010, p. 3), considerando que as pessoas têm modos diferenciados de vivenciarem os lugares, e, simultaneamente certa dinamicidade que varia conforme a natureza do próprio lugar. E na manifestação das relações que se estabelecem criam-se vínculos com os lugares.

E como bem descreve Bezerra Jr (2005), ao discutir a noção de pertencimento tendo como base um fragmento de Clarice Lispector, chamado “pertencer”, o sentimento de pertencimento significa o vínculo que se cria com as pessoas, aos lugares e suas realizações, é sentir-se parte do mesmo, conduzindo a uma noção de inclusão. O migrante quando não possui vínculo com determinado lugar, seu sonho é o retorno. Nesses termos mesmo sendo a relação de identidade resultado do processo de identificação, sendo, portanto dinâmico, algo que está sempre por acontecer, inacabado, é nessa relação que os lugares são (re) construídos, apresentando através do tempo seu diferencial. Para não nos alongarmos, é interessante fazermos uma breve revisão de algumas discussões realizadas sobre migração, para termos uma melhor compreensão do sujeito migrante que colabora com o desenvolvimento de nossa pesquisa.

3.3.2 O Migrante: Um Sujeito em busca de um Lugar.

A idéia de representar o vivido nos lugares e os lugares vividos pelos migrantes do Canoas, parte do pressuposto de que os sujeitos da pesquisa não vivem no lugar de origem, sendo por esse motivo, chamados de migrantes. Sendo que o termo migração no sentido original, “aplica-se à idéia de movimento, de mudança de lugar e de moradia” (SORRE, 1984, p. 124). Sorre demonstra que não se trata apenas de um processo que envolve pessoas, mas

abrange os deslocamentos tanto em uma atitude individual, como a do homem do campo que vai para a cidade, quanto uma transferência de móveis, ou uma mudança de sentido de uma palavra. Pode ainda se referir aos deslocamentos periódicos de espécies animais. Esse fenômeno pode ser também permanente ou temporário, podendo ocorrer dentro de um mesmo país ou entre nacionalidades diferentes. Acrescenta que o termo é rico em possibilidades, mas presta-se hoje, no vocabulário das ciências humanas, a usos bem específicos, o que denota um empobrecimento do termo. Para o Geógrafo, “*as migrações são a expressão da mobilidade do ecúmeno*” (p. 126). Compreendemos o ecúmeno como as áreas da superfície terrestre que possibilitam aos seres humanos desenvolverem atividades para sua sobrevivência.

O conceito de migração para Vainer (1999) só tem sentido como categoria historicamente determinada, ou seja, aplicável analiticamente apenas a certos contextos históricos. Compreendendo a migração como um fenômeno característico das relações sociais capitalistas, e, a categoria migrante caracterizada pela condição de trabalhador livre. Nesses termos, os estudos sobre migração, de modo geral se reportam à duas grandes teorias, sendo: a neoclássica e a neomarxista, ou como nos diz Vainer ao individualismo metodológico e o estruturalismo, ambas impulsionadas pelo fator econômico.

De acordo com essas teorias são apresentados dois tipos de migrantes. No caso da teoria neoclássica, a decisão de migrar era percebida como decorrente apenas da decisão pessoal e não pressionada ou produzida por forças sócio-econômicas exógenas. Na segunda perspectiva a migração é entendida como mobilidade da força de trabalho. A partir dessa discussão, migrantes são todos aqueles indivíduos que seguem o movimento do capital sob a condição de força de trabalho assalariada, ou potencialmente assalariada. Dessa forma, no enfoque neoclássico a categoria migrante corresponde ao indivíduo, na visão neomarxista se refere a uma classe social. Através dos estudos neoclássicos, a migração era investigada como o deslocamento de indivíduos num dado período, entre dois pontos do espaço geográfico. O enfoque neomarxista, por sua vez, considerou a migração como um processo social que pode ter longa duração (BECKER, 1997).

As duas teorias tratam da migração como um fenômeno impulsionado por motivos e causas econômicas. Motivações individuais ou determinações estruturais instauram um espaço que é o espaço da razão econômica. Para Vainer (2005) essas teorias estariam em crise, pois desconhece a violência como fator migratório e ignoram que, o espaço migratório é um espaço político, de exercício do poder. A violência aqui, expulsa e força deslocamentos, ou seja, mobiliza, mas também bloqueia, impede o deslocamento, e, neste sentido, imobiliza. Nesse caso, Raffestin (1993) nos diz que é muito mais importante analisar as relações de força que provocam a mobilidade, do que a natureza daquilo que a determina. Os deslocamentos populacionais podem ser concebidos como uma relação de poder, que decorre do desenvolvimento de políticas estratégicas para aumentar o movimento ou para freá-lo.

Algumas considerações teóricas sobre o estudo das migrações internas apontam que as mesmas são mecanismos de redistribuição espacial da população. Singer (1998) demonstra que nessas considerações são apresentados os fatores de expulsão e de atração, assim como algumas proposições para seu estudo, dentre outras, estão as causas e motivos das migrações.

Quando nos referimos aos motivos que levam as pessoas a migrarem, pensa-se em uma discussão que parte da teoria neoclássica, que concebe o migrante como indivíduo e a decisão de migrar sendo estritamente pessoal. Entretanto, quando se destacam as causas da migração, a questão vai além da decisão pessoal de migrar, porque se trata de uma classe social. Nesse caso, a migração sendo um processo social, pode ser de longa duração, conforme as necessidades do capital, ou do migrante.

Os fatores de expulsão são de duas ordens, como bem demonstra Singer (1998), os fatores de mudança e de estagnação. Fatores de mudança, devido à introdução de relações de produção capitalistas nestas áreas, as quais acarretam a expropriação de camponeses, expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produção do trabalho, e a conseqüente redução do nível de emprego. E, fatores de estagnação, que se manifestam sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma dada disponibilidade de áreas

cultiváveis, que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável, como pela monopolização de grande parte da mesma pelos proprietários.

As áreas às quais os fluxos migratórios se destinam e a orientação dos mesmos é determinada pelos fatores de atração. Entre os fatores de atração, para Singer (1998) o mais importante é a demanda por força de trabalho. Eles podem ser apresentados, também, como aqueles atributos dos locais mais distantes que os tornam atraentes (BECKER, 1997).

Para irmos além nessa discussão, após breve tentativa de compreender o fenômeno da migração, inserindo-a no contexto dos estudos contemporâneos, gostaríamos de ressaltar nosso interesse nessa abordagem: compreender como os sujeitos migrantes vivenciam e representam os lugares de seus trajetos, e como os mesmos (re) constroem os lugares. Nosso objetivo, como já demonstramos, não é discutir a migração como um processo natural ou histórico, conhecer os motivos e causas, destacar os fatores de expulsão e atração, mas é evidente que a discussão abordada acima nos conduzirá a uma melhor definição do sujeito migrante colaborador de nosso trabalho. E, também, contribui para compreendermos as experiências desses sujeitos nos diferentes lugares, e a maneira como os mesmos são representados.

A pesquisa considerou como migrante o sujeito que vivencia o Canoas/AM, e que não é natural do Estado. E, nesse caso, o vimos como um sujeito que (re) significa o lugar, que o (re) constrói, independente do motivo e causa que o impulsionou a migrar, bem como do fator de atração que o conduziu para o lugar atual. E nessa (re) construção através das relações que vão sendo estabelecidas, a identidade com o lugar possibilita a criação de um vínculo, através do qual o migrante se sente parte, incluído, sujeito do/no lugar.

Como nossa proposta era de representar o vivido pelos migrantes, então o que nos interessou foi o sentido que a migração teve e tem na vida de cada indivíduo. Até porque entendemos que,

A migração abandona os valores que foram formadores, mas ao mesmo tempo os carrega como tropa de choque para a nova situação. Pessoas e lugares são deixados para trás. A língua, uma

forma de viver comum a todos, é abandonada em troca de um viver afundado em outra realidade simbólica. Antes, a analogia seria com imersão, não afundamento. O peixe está imerso no rio, mas parece afundado num tanque ou aquário. Assim, o choque cultural é inevitável no processo migratório, quando os pré-conceitos precisam se abrir à revisão ou toda a personalidade deve se preparar para os mecanismos de defesa frente à adaptação ou resistência à mesma (MENEZES, 2007, p. 109).

O autor acima citado em seu artigo sobre migração busca compreendê-la realizando uma leitura da viagem interna que se opera no indivíduo quando ocorre o processo migratório. Para ele quando o ser inteiro migra, a alma vai fazendo sua própria viagem com representações imagéticas na mente. Acrescenta que as conseqüências do deslocamento aparecem na consciência e na inconsciência do indivíduo. Este ao invés de voltar ao seu lugar de origem, faz uma restauração simbólica, construindo o templo que abrigará a alma da sua cidade interior.

O migrante, não migra sozinho, leva consigo um conjunto de elementos que implicam na (re) significação do lugar de destino, que se (re) constrói, apresentando uma dinamicidade própria. Essa dinamicidade acontece a partir da inserção de características sociais, culturais, econômicas e até mesmo ambientais, conferindo uma identidade que se modifica conforme a perda ou o ganho desses elementos. Vale ressaltar, que “a vivência do ‘brasileiro’ muda de região para região, seja devido à localização geográfica, condições climáticas ou econômicas. Cada uma dessas regiões tem sua história, o que determina diferenças na linguagem, hábitos, valores, crenças ou tradições” (OLIVEIRA, 2005, p. 164). Os sujeitos que colaboram com nossa pesquisa, não saíram diretamente de seu lugar de origem para o canoas. O que nos possibilita pensar no conjunto de características culturais e nas imagens dos diferentes lugares de seus trajetos.

Nesses termos, compreendemos que os lugares, também, migram na consciência dos sujeitos que os (re) constroem de maneira seletiva, considerando o que houve de mais significativo em cada trajeto. Podemos fazer uma comparação dos lugares do trajeto desses migrantes com os lugares de memória discutidos por Mello. O lugar da memória é o de origem ou de situações pretéritas com o qual há uma relação de identidade, esse não se

esquece, permanece na memória, é transitório ou eterno (MELLO, 2001, p. 94). Além do lugar de origem, há aquele lugar que ficou marcado na vida do migrante, esse segue com ele para outros lugares.

Os lugares são vivenciados de maneiras diferentes pelos indivíduos. Pois,

[...] Uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências acidentais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública. A identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência nacional [...] (TUAN, 1985, p. 156).

Para Tuan a atual identidade de um lugar é criada através do uso seletivo de elementos que constituem o passado dos sujeitos que constroem o lugar. Ressalta ainda, que a história reconstituída não necessita ser real; precisa somente se assemelhar à realidade.

Nesse sentido, a geografia tem como objetivo, de acordo com Claval, compreender a maneira como as pessoas vivenciam a experiência do lugar onde vivem, e daqueles que visitam ou atravessam quando viajam. “O problema não é somente explicar porque a terra muda de acordo com os lugares. É compreender por que as pessoas associam aos mesmos lugares sentimentos, atitudes e humores diferentes” (CLAVAL, 2001, p. 45).

A discussão até aqui apresentada nos possibilita pensarmos elementos que contribuam na representação do vivido nos lugares e dos lugares vividos pelos migrantes do Canoas. Buscando perceber a relação de identidade com/do lugar. Nas relações ali estabelecidas compartilham e assimilam experiências seletivas que fazem parte da história de cada um. E, é através dessas experiências que o lugar é (re) constuído. Sendo assim, é oportuno direcionarmos nossa discussão para o “LUGAR” conceito essencial na elaboração deste trabalho.

3.3.3 O Lugar: A Necessidade de Estar.

Voltamos à uma questão inicial, refere-se à essência da própria discussão. Como vamos trabalhar com a representação do vivido nos lugares e dos lugares vividos por sujeitos migrantes, entendemos que, no momento em que os indivíduos estão migrando, os mesmos estão em busca de um lugar, onde possam atender suas necessidades de vida. E este lugar é (re) construído através das manifestações das relações que se estabelecem entre os indivíduos que o vivenciam, e que, portanto, compartilham e assimilam hábitos, costumes, crenças e convicções com os que chegam, (re) significando o lugar, que se dinamiza e adquire sua identidade e autenticidade. Sendo o lugar compreendido numa perspectiva fenomenológica.

Entretanto o lugar nem sempre foi um conceito-chave da Geografia, muito menos considerando a subjetividade que o caracteriza na Geografia Cultural Humanista. Na Geografia clássica, do início do século XX, Holtzer (1999) demonstra que ele era utilizado para definir a Geografia em seu sentido locacional. Exemplificando, Holtzer cita La Blache e Hartshorne. Para o primeiro “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” para o segundo “As integrações que a geografia deve analisar são aquelas que variam de lugar para lugar”. Nesse sentido, o lugar em seu sentido locacional foi estudado por geógrafos durante 50 anos. A objetividade da ciência inviabilizou durante esse período que se estudasse essa categoria considerando o significado que o mesmo possui para os sujeitos que o vivenciam (HOLZER, 1999, p. 67, 68).

O autor acima citado faz uma revisão teórica apresentando autores que buscaram desvincular o lugar desse sentido estritamente locacional. Nesse caso, aponta Sauer como sendo, talvez, um dos primeiros geógrafos a apresentar um estudo ultrapassando a idéia locacional de lugar, ao discutir o conceito de paisagem cultural. Afirmando que: ‘A literatura da Geografia, [...], inicia-se como parte das primeiras sagas e mitos, vividas como o *sentido do lugar* e da luta do homem com a natureza.’ (SAUER, 1983, 317 apud HOLZER, 1999, p. 68).

Ao discutir o espaço como um conceito chave da Geografia nas várias correntes que constituem o pensamento geográfico, Corrêa (2006) demonstra que o lugar torna-se o conceito que melhor sintetiza as relações subjetivas do

homem no espaço. Nesta abordagem o espaço recebe uma conotação de espaço vivido. Nesse sentido, “o espaço é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido, uma categoria que não se reduz ao espaço cartesiano ou euclidiano, mas se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário” (HOLZER, 1992, p. 440).

Sendo o espaço um fenômeno vivido, de acordo com Relph (1979), logo deve haver tantos espaços quantos forem as experiências espaciais, ou seja, conforme as experiências nossa consciência de espaço se modifica, então os espaços onde estamos mudam para nós suas qualidades e significações. Assim, apresenta o espaço geográfico como uma fusão dos espaços da superfície “telúrio, água, ar e construção com os espaços da imaginação e projeção. É sempre um espaço rico e complexo que é ordenado com referência às intenções e experiências humanas [...]” (RELPH, 1979, p. 12). Ele “pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e – mais abstratamente – como a área definida por uma rede de lugares” (TUAN, 1983, p. 14).

Ao iniciarmos a leitura de Tuan (1983), percebemos logo na introdução, a chamada que o autor faz para apresentar a relação existente entre espaço e lugar. Para ele “‘espaço’ e ‘lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...]. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Acrescenta que espaço é mais abstrato que lugar. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Além disso, relaciona o espaço como algo que permite movimento, sendo o lugar a pausa. Logo, cada pausa no movimento possibilita que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 3; 6). Essa definição nos conduz à Bonnemaïson (2002) para quem o espaço é errância, e, o território é enraizamento. Dessa maneira,

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista; para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as

funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar (TUAN, 1985, pp. 149-150).

Interpretando a relação que Tuan manifesta na relação entre espaço e lugar, referindo-se ao lugar como uma pausa no movimento, Holzer, (1999, p. 73) ressalta que isso não significa que o lugar esteja além da história, ou seja, atemporal. E sim, “que o lugar denota a relação inseparável entre espaço e tempo: a pausa, ao permitir a localização, transforma-se em um pólo estruturador do espaço, o que implica no estabelecimento de uma ‘distância’, sendo este um conceito, ao mesmo tempo, temporal e espacial”.

Não podemos esquecer que Relph (1979, p. 16) nos fala que “não há limites precisos entre paisagem, espaço e lugar, como fenômenos experienciados”, mas culturalmente, lugar talvez seja o mais fundamental dos três, devido focalizar espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Sendo o lugar constituído, a partir do momento em que há uma relação mais íntima da pessoa com o espaço, então quando as pessoas migram estão á procura de um lugar, até porque, como bem demonstra Dardel apud Relph (1979, p. 16) “nós podemos trocar de lugares, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar”. “A permanência é um elemento importante na idéia de lugar” (TUAN, 1983, p. 155).

Embora a localização geográfica de um lugar seja um ponto de partida para todo trabalho geográfico, a discussão aqui desenvolvida ocorre entorno das relações que as pessoas desenvolvem com os lugares, ou da relação que possui com “o lugar”. Os lugares afetam as pessoas, e as pessoas os criam ou os mudam, criam laços, amor pelos lugares ‘topofilia’, e também sentem curiosidades em conhecer outros lugares ‘heterotopia’ (CARNEY, 2007, p. 124). A categoria lugar aqui está sendo pensada, conforme Nogueira (2004, p. 210) “como fenômeno experienciado por homens que nele vive”. Sendo assim, vale mencionar a definição de lugar proposta por Holzer (1999, p.76), para quem o lugar deve ser pensado “como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual a palavra ‘lugar’ é, no mínimo inadequada”.

Os sujeitos da pesquisa podem ter saído de seu lugar de origem ainda na infância acompanhando os pais, outros na juventude em busca de trabalho, acompanhando os maridos, no caso das mulheres, e também há aqueles que migram porque quer conhecer o mundo, ser um geógrafo na prática, e há aqueles que por motivos estritamente subjetivos almejam conhecer determinado lugar, ou porque ouviram falar do mesmo através de outras pessoas, ou pela imagem que fazem do mesmo. Os migrantes podem ter realizado um longo trajeto até chegarem ao seu novo lugar, seja um assentamento, uma pequena ou grande cidade, seja um país. O que significa que houve várias pausas no movimento.

E assim, como representar os lugares de uma trajetória migracional, marcada pelo deslocamento no espaço, por encontros e desencontros, pela realidade e pelos sonhos, apegos e desapegos, alegrias e tristezas. Como representar lugares carregados de significados, repletos de experiências agradáveis, ou não. Tuan (1980) ao discutir as relações estabelecidas do homem com o lugar apresenta a categoria Topofilia, sendo esta a ligação afetiva entre os seres humanos e o lugar ou o ambiente físico. Relph (1979) destaca que as experiências humanas com o lugar podem ser tanto topofílicas, as agradáveis, quanto topofóbicas, as desagradáveis.

Portanto, como partir para o vivido desses migrantes, visto que nossa proposta está voltada para as experiências que estão inseridas no trajeto realizado e no lugar atual, pois é a partir dessas experiências que cada lugar é (re) construído. A questão é como representar esses lugares, ou seja, como alcançá-los, como trazê-los para o presente imediato, descrevendo tanto os lugares, como, as vivências e o trajeto. Nesse sentido, retomaremos a questão e apresentaremos no segundo capítulo, o trajeto dos lugares vivenciados através dos mapas mentais e das narrativas dentro da perspectiva da história oral de vida.

CAPÍTULO II

REPRESENTAÇÃO DO VIVIDO NOS LUGARES E DOS LUGARES VIVIDOS: DO LUGAR DE ORIGEM AOS LUGARES DE SEUS TRAJETOS

**2 REPRESENTAÇÃO DO VIVIDO NOS LUGARES E DOS LUGARES
VIVIDOS: DO LUGAR DE ORIGEM AOS LUGARES DE SEUS TRAJETOS**

andar, andar! Conhecer! meu negócio era conhecer! Porque a pessoa estuda geografia, mas é teoria. Mas se você estuda geografia e sabe que existe aquele lugar, se você for lá, você sabe que é certo, é verdade (MIGRANTE 09).

Neste capítulo demonstramos a representação dos lugares e do vivido no trajeto de cada migrante através dos mapas mentais e das narrativas. Fazemos uma breve discussão da importância dos procedimentos metodológicos na apreensão das experiências vividas, e, em seguida as imagens do mundo vivido de acordo com a percepção e representação de cada indivíduo.

2.1 PENSANDO A REPRESENTAÇÃO DOS LUGARES VIVIDOS E DO VIVIDO NOS LUGARES

Ao pensar em representar os lugares dos trajetos e o vivido de cada migrante, deparamo-nos com uma questão, como representá-los? Em um primeiro momento, quando pensamos em fazer um estudo com migrantes, concebíamos a idéia de apresentar a trajetória migracional, através da elaboração de mapas técnicos que demonstrassem o Estado de origem, o trajeto e o destino atual. Analisando a trajetória, destacando os motivos e causas do deslocamento. Entretanto ao refletirmos sobre a capacidade dessa análise de apreender o mundo vivido por cada sujeito, houve a necessidade de repensarmos nossa abordagem, reconhecendo as limitações da racionalidade científica.

Isto feito, nosso desafio foi o de buscar bases científicas que nos possibilitasse uma melhor compreensão do vivido, por cada sujeito da pesquisa. Encontramo-nos primeiramente com a abordagem fenomenológica da geografia, a qual nos deu sustentação teórica nos argumentos. A fenomenologia tem a intenção de mergulhar diretamente nas vivências, sem por em xeque a legitimidade do estudo.

A abordagem fenomenológica na Geografia nos possibilita pensar a representação do vivido imediato, entretanto, precisávamos definir os

procedimentos. Partimos então da seguinte interrogação: como ter acesso ao lugar como fenômeno experienciado, carregado de significados, com experiências tanto agradáveis quanto desagradáveis? Nesse caso tomamos as narrativas e os mapas mentais como procedimentos metodológicos, possibilitando-nos, assim, ter acesso às recordações de cada indivíduo, resultado das experiências em cada lugar.

Vale mencionar, considerando o processo de elaboração dos Mapas Mentais e da obtenção das próprias narrativas, que os indivíduos vivenciam e percebem os lugares de forma diferenciada. Cada pessoa tem uma maneira de ver, sentir, reagir, e, portanto, percebe e representa o mundo, conforme os elementos mais significativos que fazem parte de suas vivências.

Considerando o processo de percepção, cognição e representação, Peña Et al (2005) ao abordar a aprendizagem como formação e desenvolvimento de estruturas cognitivas, defende que a aprendizagem é um processo de desenvolvimento de estruturas significativas. Nesse processo,

A formação e o desenvolvimento da estrutura cognitiva depende do modo como uma pessoa percebe os aspectos psicológicos do mundo pessoal, físico e social. As motivações, então dependem da 'estrutura cognitiva', e a mudança de motivação implica uma mudança de estrutura cognitiva. Por meio da aprendizagem, produzem-se as mudanças de *insights* ou compreensão interna da situação e seu significado. As mudanças produzidas na estrutura cognitiva derivam da mudança nessa mesma estrutura e da força que tem no 'aqui e agora' as necessidades, as motivações, os desejos, as tensões, as aspirações... (Peña et al. 2005, p.16).

Sujeitos do/no lugar tendem, mesmo diante de práticas comuns, a tomar o lugar como seu, no sentido de possuírem um olhar pessoal, próprio sobre o lugar. Tuan (1980, p. 06) afirma que “[...] Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente [...]”. Mesmo mediante toda a diversidade de percepções do mundo, o autor acrescenta que “[...] Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares [...]”.

Nesses termos, Tuan demonstra que os indivíduos percebem o mundo através dos órgãos dos sentidos, a saber: visão, audição, olfato, paladar e tato. A percepção é fruto da combinação de todos os sentidos em sua totalidade, apesar de que um possa se sobressair aos demais, dependendo de nossas experiências. É dessa forma que “cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial (TUAN, 1980, p. 14)”.

O objetivo central da coleta de depoimentos não se esgota na busca da verdade e sim na da experiência. À fenomenologia, “[...] não convém perguntar se percebemos verdadeiramente um mundo, convém dizer pelo contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 14). Assim, estamos em busca das experiências de pessoas que vivenciaram vários lugares e estabeleceram relações com outros sujeitos, considerando que é a partir dessas relações que se constrói o lugar. Pode ocorrer de alguns momentos, nas experiências desses sujeitos, não serem retratados, devido à relação com experiências desagradáveis, o que é absolutamente compreensível, e nem por isso convém por em xeque as narrativas e os mapas mentais. Pois tanto para a fenomenologia quanto para a história oral de vida não é isso que interessa, mas o sentido das experiências para cada colaborador. Percebemos de acordo com Meihy (2005) que para a história oral cada depoimento tem peso autônomo, ainda que se explique cultural e socialmente. Pois,

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem! (ALBERTI, 2003, p. 01).

Quando afirma que se trata das experiências de um sujeito, deixa claro que o homem aí é concebido enquanto indivíduo, e que está inserido no

mundo, e nesse mundo logo não está sozinho. O que implica em afirmar que o homem é um ser intersubjetivo. A história oral de vida se preocupa com o conjunto de experiências de uma pessoa. Essa pessoa possui todo esse leque de informações a partir das vivências no lugar e com os outros. É dessa relação no espaço vivido do EU com o OUTRO que os sujeitos constroem e reconstroem o lugar.

Se nossa intenção é descrever e compreender como os migrantes representam os lugares de seus trajetos, então faremos um retorno ao vivido por esses sujeitos, pois é a partir de suas experiências no e com o mundo, que nos será possível o alcance das representações dos lugares (mapas mentais), e nesse sentido, partimos assim para os fenômenos existentes na consciência de cada indivíduo como resultado de suas experiências.

Tomamos estas abordagens como procedimentos metodológicos que melhor encaminham o método de interpretação fenomenológica, visto que através desses procedimentos nos aproximamos mais da verdade sobre os lugares, porque ambos consideram o lugar a partir de quem vive e o experiência.

O estudo dos mapas mentais na representação dos lugares tem como base aquilo que foi ou é significativo nas vivências íntima e pessoal, mesmo que possam ser justificados social e culturalmente. As narrativas na perspectiva da história oral de vida são utilizadas na obtenção das informações das experiências vivenciadas em um tempo passado, presentes nas recordações, existentes na consciência geográfica de cada colaborador, dos diferentes lugares experienciados, bem como do lugar atual. Os procedimentos metodológicos apontados dizem respeito ao conhecimento dos lugares, a partir de quem os vivem e vivencia. Nesse sentido, nos auxiliam na descrição dos lugares e das experiências vivenciadas por cada sujeito.

2.2 AS IMAGENS DO MUNDO VIVIDO NO TRAJETO DA MIGRAÇÃO

Com a criação do PA Canoas, muitas famílias chegam para serem assentadas. Conforme trabalhos realizados no lugar, metade da população que

ali vive é natural de outros estados brasileiros. Iniciamos nesse momento a descrição dos dados obtidos pelos colaboradores da pesquisa. Os mapas mentais neste primeiro momento correspondem ao trajeto que se traduz no deslocamento desde o lugar de origem até o Canoas. As narrativas dizem respeito às experiências vivenciadas ao longo da trajetória de cada indivíduo. O que nos possibilita conhecer melhor o mundo vivido de pessoas que vivenciam o fenômeno da migração, bem como a chegada desses sujeitos no lugar de destino e sua contribuição na (re) significação desse lugar. Não pretendemos afirmar que o passado determina o presente, mas como bem sugere Tuan (1985), o presente pode ser constituído por elementos significativos de nosso passado.

O contato com esses colaboradores foi muito importante no desenvolvimento da pesquisa. Em nenhum momento houve objeção, obstáculos, problemas que os impedisse a realização deste trabalho. Sempre que precisávamos, estavam dispostos a colaborar conosco. Na pré-entrevista quando apresentamos nosso objetivo na elaboração deste trabalho, ficaram bastante entusiasmados e se comprometeram a participar de todo o processo. A cada etapa, mostravam-se dispostos a contribuir, caso houvesse necessidade de mais alguma informação.

Para melhor sistematizarmos a descrição e interpretação do mundo vivido de cada indivíduo, destacamos um quadro a seguir, identificando cada migrante, indicando o lugar de origem, o trajeto e o destino atual.

Migrante Assentado	Origem	Trajeto	Destino atual
01	PI	MA, GO, PA e AM	PROJETO DE ASSENTAMENTO CANOAS/ PRESIDENTE FIGUEIREDO-AM.
02	SP	MT, MS RO e AM	
03	PI	AM , PI, DF, PI, AM	
04	RN	PA e AM	
05	MA	MA e AM	
06	MA	MA e AM	
07	BA	PA, RO, PA, RR, PA, RR, PA, AM, PA e AM	

08	PR	RO, PR, RO, AM, RR e AM	
09	CE	AM, RO, PA, RR e AM	
10	PR	PA e AM	

Figura 01: Trajeto dos Migrantes Assentados no P. A. Canoas que participaram da pesquisa.
Fonte: Trabalho de Campo, julho/2009; abril/2010.

Migrante Assentado 01

O Migrante 01 nasceu em um lugar chamado Mulato no Estado do Piauí. Saiu de lá com 16 anos de idade porque era de família bem pobre. Como ele mesmo afirma “agente trabalhava sempre nas terras dos outros, de agregado como chamam lá, de arrendatário”. Além disso, ressalta que a condição de seu pai enquanto um homem que bebia e muito arengueiro, fazia com que todos os anos fossem obrigados a buscar outra fazenda para morarem. Essa situação o deixava desconfortável. Com a idade de 16 anos já tinha feito umas oito casas, porque todo ano se mudavam para terra de outro. “Me sentia sufocado, deprimido, excluído como me sinto até hoje, mas hoje nem tanto.” Resolveu ir embora para o Maranhão. Saiu numa caravana de pessoas do Sertão do Piauí. “Em 29 de julho de 1979 saí de lá do meu interiorzinho, interior do Piauí, lugar chamado Mulato”. Percebi nesse momento nostalgia ao lembrar-se do lugar de origem. Embora ressalte que não gosta de lembrar-se daquele lugar, devido os sofrimentos vivenciados. No Maranhão, as coisas já ficaram diferentes, havia mais fartura, mais facilidade de ganhar dinheiro, mesmo trabalhando para os outros. “Mas ainda não era tudo no Maranhão, senti que não era tudo”. Então no final de 1979 foi para Goiás. Lá trabalhava de diarista pelas fazendas, roçando pasto, era pião, juqueiro. No começo de 1980, com quase 18 anos, veio para os garimpos de Redenção no estado do Pará. “Em 1980 e 1981 eu como muitos garimpeiros, muitos nordestinos fiquei correndo atrás dos sonhos, com aquela intenção de melhorar de vida nos garimpos”, e nessa brincadeira de garimpo perambulou pelo Pará durante dez anos. Circulou pelo Mato Grosso, Amazonas, Roraima, Guiana Inglesa, Rondônia (figura 02) em busca de riqueza. Depois de toda essa experiência, sendo de origem humilde, origem de agricultor, “depois de dez anos sofrendo, pegando malária no garimpo, fui sentindo que o homem vai

No mapa mental (figura 01) está representado o trajeto do migrante assentado 01 desde o lugar de origem até Manaus. Mesmo tendo ultrapassado os limites do território brasileiro, a representação gráfica de seu trajeto restringe-se aos estados brasileiros. Sendo que alguns estados que foram percorridos, estando representados no mapa mental, não foram mencionados nas narrativas como podemos observar no mapa técnico, que segue o mapa mental. Além das informações contidas nas narrativas, destaca outros momentos significativos que ainda fazem parte de suas lembranças, fazendo referência principalmente aos aspectos naturais dos lugares por onde passou, como pode ser visto a seguir:

- Em 1980: no rio Araguaia, viu o boto pela primeira vez em Xambioa/Tocantins;

- Em 1981: no garimpo do Cumaru do Pará um garoto apanhou de um sargento em praça pública, porque tinha roubado um rádio, foram fortes as cenas, mas o que mais o impressionava era a ordem que existia no lugar: “100 mil homens e nenhuma confusão, muita ordem e disciplina”.

- Em 1983: na serra Pelada eram tantos homens carregando terra nas costas que mais parecia um formigueiro de homens;

- Em 1986: O clima de Anápolis/Goiás foi o melhor clima percebido, parecia existir um ar condicionado em toda a cidade;

- Em 1986: No frio de Campo grande;

- Em 1988: A beleza das paisagens de Roraima, que planícies lindas e verdejantes;

- Em 1989: A hospitalidade do povo de Manaus. Nunca tinha sido tão bem tratado como foi pelo calor humano do povo de Manaus. Foi amor à primeira vista pelo povo amazonense e pela hospitalidade dessa cidade imensa e linda que tem um povo tão bacana, não deu outra: “sou amazonense de alma e coração”. É aqui que eu quero ficar todos os dias que ainda me restam, pois tão grande como o Rio Solimões é o meu amor por Manaus.

Migrante Assentado 02

Em 2010 faz 22 anos que saiu de sua terra natal. O migrante 02 nasceu em São Paulo. O que não significa ser paulista.

“Eu não me considero paulista. Eu considero paulista aqueles descendentes de imigrantes que vieram de fora, japoneses, italianos, esses receberam muito apoio. Os filhos desses vivem bem. Agora os descendentes de nordestinos, não. Então muita gente acha que para ser paulista basta nascer lá, eu não penso assim. Eu nasci lá, mas não sou paulista. Meu pai é baiano e minha mãe pernambucana, então eu não sou paulista. Caetano Veloso chama os filhos de nordestinos que nascem lá de novos baianos, ele não chama de paulista, e essa também é minha visão”.

Enfatiza que a única coisa que os de fora têm no Estado de São Paulo, é trabalho. “Você tem muito é trabalho. Ou você trabalha, ou trabalha, ou fica à margem da sociedade”. Trabalhou na indústria dos 13 aos 25 anos de idade como operador de máquina e mecânico de manutenção. Ao descrever o dia a dia nessas atividades, indica a carga horária de trabalho diário e sua existência nesse processo: “você entra 7 horas da manhã e sai 5 horas da tarde. Você praticamente não vive, você vegeta, e eu não nasci para ser um vegetal, eu nasci para ser livre. Tudo isso me sufocava, e eu queria ver se existia essa liberdade”. Para ele São Paulo é uma prisão. Sentia a necessidade de vê-se livre, e nesse processo uma das alternativas era saindo de São Paulo. Foi através de documentários sobre a Amazônia visto pela televisão que surge o interesse em conhecê-la. “Eu via através da televisão aqueles documentários

da Amazônia, como vivia o pessoal. E eu tinha desejo de ver como era isso. De fazer parte desse povo. Então isso ficou sufocado porque meu pai era um pouco rígido [...]. Então ele me liberou quando eu tinha 25 anos de idade”. A partir desse ponto percebemos a relação que o migrante assentado 02 estabelece com o lugar onde nasceu. Para ele migrar ou sair de São Paulo significava a busca da liberdade e ao mesmo tempo a busca de um lugar no qual se sentisse incluso, sujeito do processo. Ao tentar descrever os lugares por onde passou, nos fala que eram semelhantes a alguns lugares aqui do Amazonas, “mata mesmo”. De São Paulo, passando pelo interior do estado, partindo em direção Mato Grosso, era BR, comparando-as com a BR-174. De São Paulo até Porto Velho foram 48 horas. No trajeto o ônibus parou em Campo Grande e Cuiabá. Eram paradas para troca de ônibus e para almoçar. “Então a minha experiência por esses lugares foi muito superficial. Eu vim ter uma experiência maior foi em Porto velho. Quando eu cheguei em Porto velho, em 1989, era só poeira, ela era uma cidadezinha igual Presidente Figueiredo”. Compara Porto Velho com a zona urbana de Presidente Figueiredo no ano de 1996. Ficou em Porto Velho por sete meses. Relembra que era um corre-corre, só se falava em garimpo, em ouro. Devido sua curiosidade, juntou-se com uma rapazeada e desceram o rio madeira, onde passou três meses. No garimpo, nada de ouro, somente malária, voltou para Porto Velho. Em Porto Velho passou quatro meses trabalhando numa Granja, aprendendo a criar galinha, pinto, ração, milho. Em seguida arrumou suas coisas e veio conhecer a zona Franca. “Vim embora para cá, vim pela BR, não sei que BR, só sei que eu vim de ônibus, atravessei a floresta de Porto Velho para cá. Sai de casa em abril de 1989 e cheguei aqui em dezembro do mesmo ano”. Ao chegar a Manaus, o desejo é o retorno. “Passei três dias e não me agradei. Manaus naquela época era lixo. Era só lixo na rua. Era cidade suja, urubu ali naquele centro. Naquele centro tropeçava-se no lixo. Não achei nada agradável”. Por outro lado ressalta a hospitalidade do povo: “Eu gostei do povo, da hospitalidade. Um pessoal muito bacana, muito cordial, mas a cidade era aos meus olhos horrível”. Então “resolvi voltar, fui à rodoviária comprei a passagem, quando foi no dia 23 de dezembro cheguei para embarcar, a BR tinha sido fechada, simplesmente tinham fechado a BR. Devolveram-me o dinheiro da passagem, e eu não tinha mais dinheiro para sair de avião”. As circunstâncias o forçaram a continuar em

Manaus. Ressalta que poderia sair até Belém de barco, mas como estava no período de enchente, não considerou confiável: “Naquela época tava enchendo, enchia rápido, já estava quase tudo cheio. Eu assim cismado, dava para ir até Belém de barco, chegava em Belém eu ia trabalhar pra sair de ônibus”. Com esses acontecimentos passou três dias na rodoviária pensando o que fazer... Alugou um quarto de pensão e arrumou um trabalho. Com um ano conheceu a esposa no mesmo local de trabalho. Assim, “constituí família. Trabalhava em Transporte de Valores, na época era segurança patrimonial SPP. Ai como eles tinham muita confiança em mim, eu sempre vinha para Presidente Figueiredo trazer o pagamento da Prefeitura, carro forte”. Foi nesse contexto que começou seus primeiros contatos com Presidente Figueiredo. “Achei Figueiredo uma coisa linda. Quando eu cheguei aqui haviam somente aquelas casinhas pequenininhas, apesar que agente não tinha autorização de sair do carro. Mas o contato com o lugar e as poucas pessoas que eu via foi o bastante para eu ficar gostando. Gostei!” Mesmo tendo gostado do lugar, passaram-se 5 anos para que pudesse morar no município. “Apesar de eu ter gostado através do trabalho, não vim para cá. Foi o tempo que eu sai desse emprego, e fiquei no Aeroporto Eduardo Gomes. Eu não era cristão, não era da Igreja. Conheci o evangelho, foi uma experiência muito boa. E eu senti o desejo de passar essa experiência para as pessoas”. Portanto,

a cidade que tinha ficado no meu coração, não era São Paulo, não era Porto Velho, não era lugar nenhum, era Presidente Figueiredo. A cidade que Deus falou para eu ir pregar o evangelho foi Presidente Figueiredo. Eu fiquei esperando na Igreja, trabalhando, ajudando o pastor. Nessas alturas eu já tinha três filhos.

Em 1997 o pastor reuniu os membros e informou que a igreja havia ganhado 17 lotes em Presidente Figueiredo e que através do INCRA poderiam indicar 17 famílias para serem assentadas. Ele viu nesse momento a oportunidade de ir pregar o evangelho no lugar, aquele lugar que o agradou desde a primeira vez que o avistou.

“Eu já tinha o desejo de vir pregar o evangelho, tanto é que não deu nem um ano eu me desfiz de tudo que eu tinha, desfiz de tudo quanto

era obstáculo, sai do emprego, depois vendi a casa e vim embora. Eu tinha uma reserva econômica, não esperei sequer o benefício do INCRA, fiz essa casinha, e vim para cá anunciar o evangelho. Eu aproveitei a oportunidade por esse assentamento, era a maneira mais fácil de eu chegar em Presidente Figueiredo e me instalar. Na época eu podia ter me instalado lá na sede do Município. Só que as coisas não vem fáceis, seria o ideal eu ter me instalado lá. Mas como a porta que Deus abriu foi aqui dentro, aqui estou”.

Nesta narrativa percebemos nitidamente a subjetividade que caracteriza o trajeto realizado por esse migrante assentado. E em presidente Figueiredo o encontro desejado É na saída do lugar de origem que ele percebe a liberdade. Nesse sentido, fazemos referência a Tuan (1983) quando relaciona espaço e lugar. Em sua discussão apresenta o espaço como liberdade e o lugar como segurança, ressaltando que estamos no lugar, mas desejamos o espaço. Conforme as experiências vivenciadas nesse trajeto, a migração pode também ser pensada como um fenômeno espacial subjetivo, com o objetivo de atender às necessidades do próprio indivíduo.

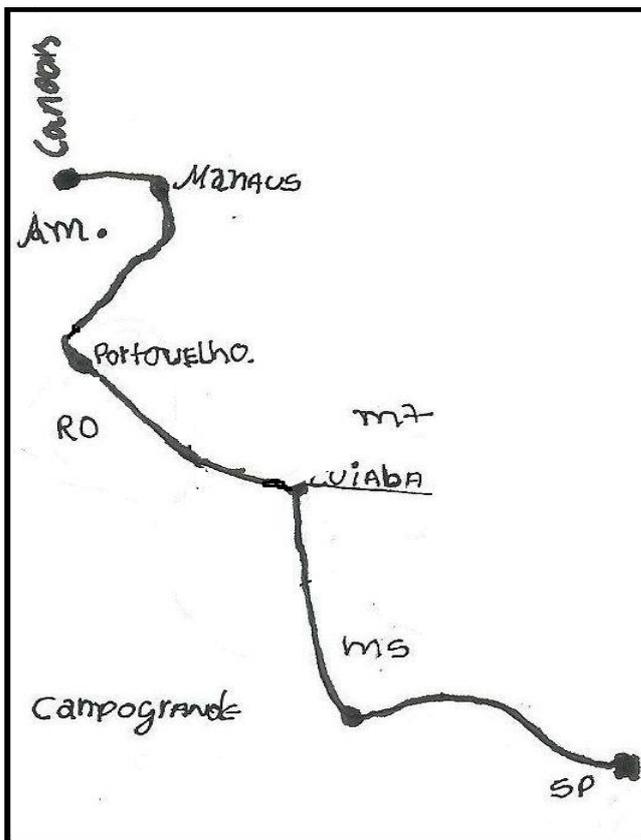
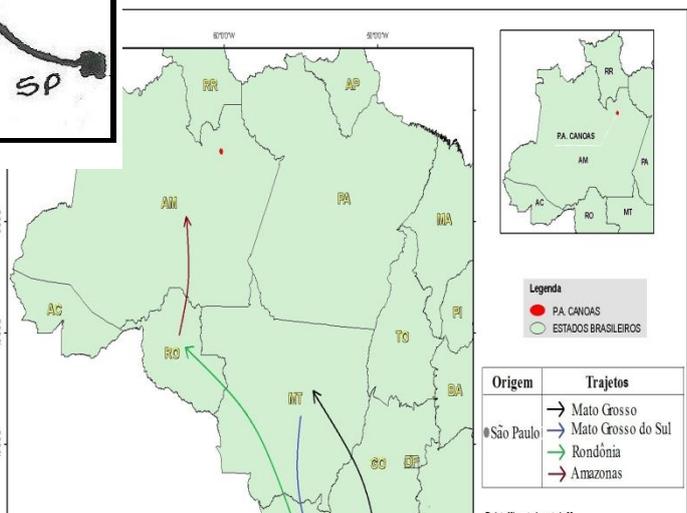


Figura 03: Trajeto migrante Assentado 02.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.



Migrante Assentado 03

Piauiense, filho de agricultor. Em 1987, com 22 anos de idade sai do Piauí pela primeira vez. Lá trabalhava com o pai na agricultura, mas não pretendia permanecer nessa atividade. Então dizia que ao ficar maior de idade, procuraria outro rumo, para ter uma vida melhor.

Meu pai era um homem muito trabalhador, mas não tinha uma vida do jeito que eu queria. Então com 22 anos saí do Piauí. Vim para o Amazonas, trabalhar no Pitinga em 1987, vim do Piauí para a Mineração Taboca. Cheguei através de um cunhado meu que já trabalhava lá. Tinha pouca experiência, nesse tempo eu queria mesmo era andar. Era bom na Mineração Taboca, ganhei muito dinheiro, mas minha vocação era andar.

Percebemos que as questões econômicas e subjetivas envolvem-se em seu depoimento. Depois de quase um ano no Pitinga/AM, retornou para o Piauí em 1988. Após seis meses segue para Brasília. Morou cinco anos em Brasília, mas tinha na lembrança o lugar por onde passou na Amazônia. “Sempre me lembrava daqui, porque foi na minha juventude que eu vim para a Amazônia, e eu gostei muito daqui. Lá em Brasília eu estava muito bem, mas

eu tinha aquela vocação de voltar para cá”. Ao sair de Brasília retorna ao Piauí. “Passei um ano com o meu pai, aí foi que eu voltei novamente para a Amazônia”. Do Piauí veio direto para Iranduba, de Iranduba para Manaus, onde morou por quase quinze anos, tempo suficiente para casar-se e constituir família. Ainda em Manaus, em conversas informais demonstrava sua vontade de ter um terreno pra trabalhar, viver mais tranqüilo, foi assim que soube do Canoas. “Então vim para cá. Eu fui criado na agricultura, junto com meu pai, então eu tinha vontade de voltar a trabalhar na agricultura, além de poder ter uma vida mais tranqüila com minha família, porque agora eu não estava mais sozinho, tinha uma família”.

Interessante perceber que no início da narrativa o desejo é mudar de rumo. Mudar de rumo significa buscar outros meios de sobrevivência. Mas a relação estabelecida com a terra, desde a infância, no trabalho realizado com o pai, o faz pensar em retornar para o mesmo rumo, para a agricultura. Outro ponto que me chama atenção é o lugar de origem como um ponto de referência. Em seu primeiro deslocamento veio para a Amazônia, depois retornou para o Piauí. Foi para Brasília, mesmo mediante as boas experiências vivenciadas tinha o desejo de retornar para a Amazônia, mas antes de realizar esse trajeto voltou a seu lugar de origem, e, então partiu em busca de outro lugar. Na figura 04 está representado o trajeto descrito neste depoimento. Nele percebemos a manifestação dos elementos naturais que caracterizam as paisagens, o que pode ser compreendido ao pensarmos a origem e as relações estabelecidas por esse sujeito em suas vivências.

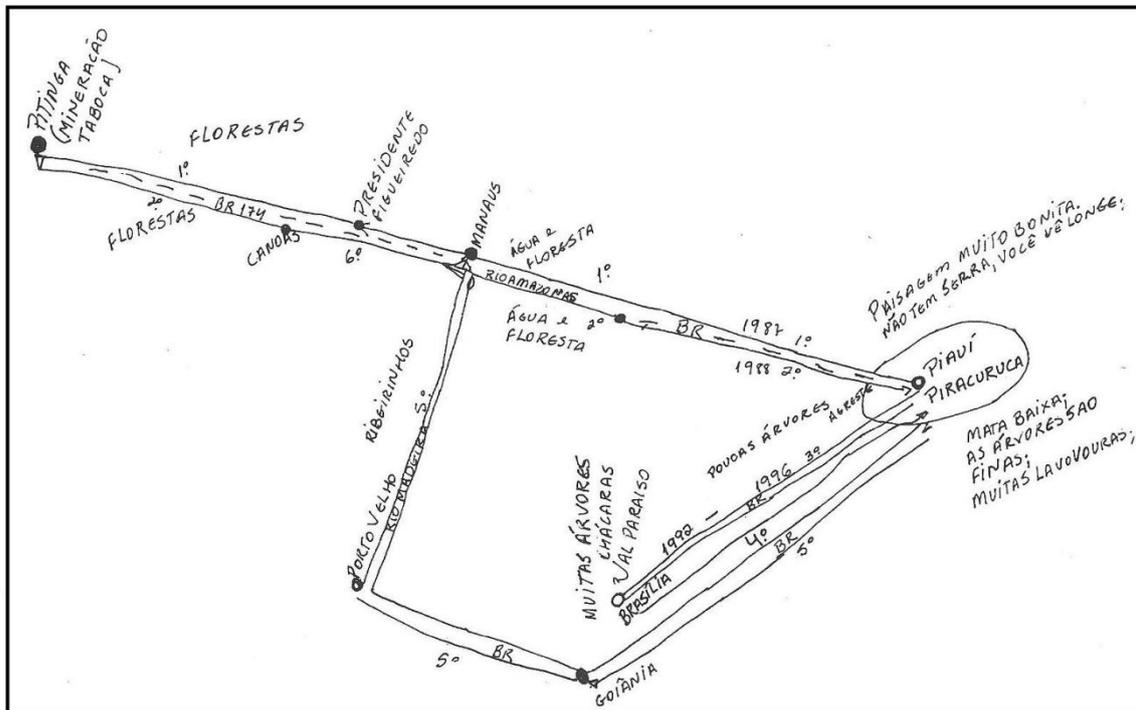
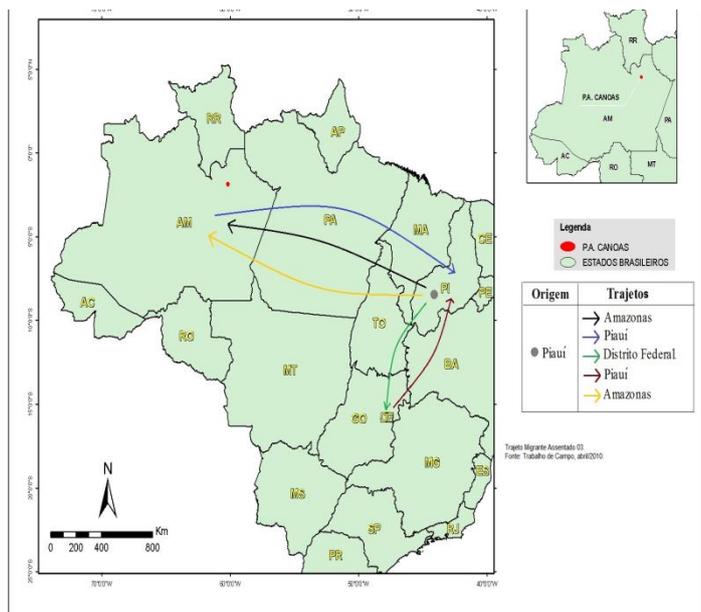


Figura 04: Trajeto Migrante Assentado 03
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.



Migrante Assentado 04

O migrante 04 sai de Mossoró no Rio Grande do Norte em 1980. Do Rio Grande do Norte ao Pará e deste para o Amazonas (figura 05). Em sua objetividade é bastante sucinto ao relatar suas vivências. Saiu adulto de Mossoró, mas não descreve a relação estabelecida com o lugar. Diz lembrar-se

de tudo, como era o lugar, mas não entra em detalhes. Ao falar sobre Mossoró, menciona:

Mossoró fica no nordeste, nordeste você sabe que é fraco, né? Todos esses que vem de lá: maranhenses, piauienses, cearenses, todos vêm para o Amazonas atrás de dinheiro porque dizem que aqui é bom. Eu lembro de tudo que agente deixou lá. De tudo que era lugar bom de viver, lugar sadio. Tem de tudo. Muita coisa boa. Só não tem dinheiro. Hoje já mudou muito.

O que fica compreensível é que apesar de ser um lugar que o agradava pelas características físicas e culturais, fazia-se necessário buscar condições econômicas para atender suas necessidades de sobrevivência em outros lugares. “Quando eu sai de Mossoró/RN vim para o Pará, trabalhei dez anos como motorista de caminhão numa serraria. No Pará eu ouvia falar muito no Amazonas. Em 1990 vim para Manaus, era motorista de ônibus. Em 1993 vim para para o Canoas. Para o Canoas o fator que o atraiu foi o Assentamento.

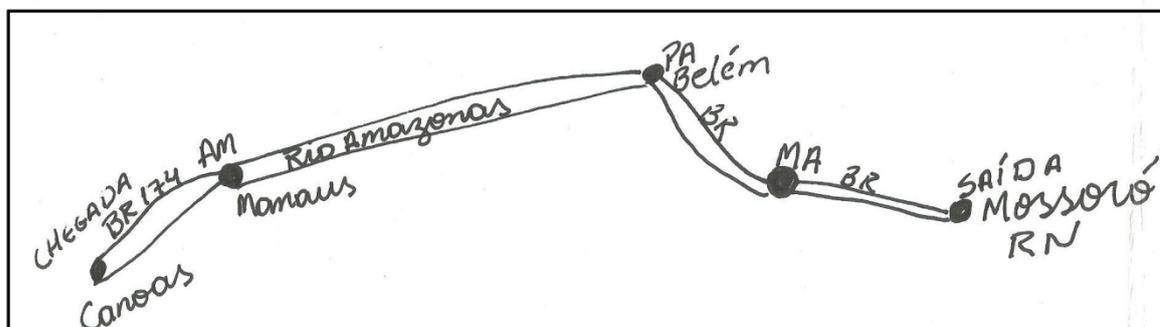
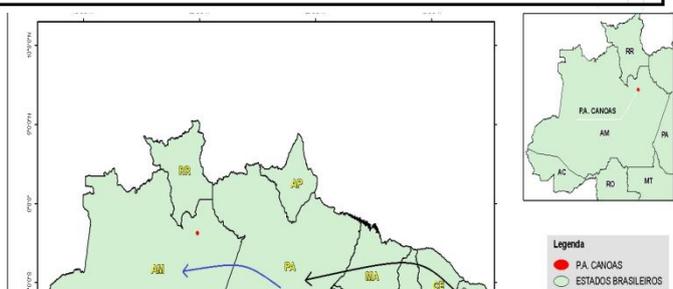


Figura 05: Trajeto Migrante Assentado 04.



Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Migrante Assentado 05

A migrante assentada 05 nasceu no Maranhão. Em sua narrativa percebemos a manifestação de uma relação íntima e agradável com o lugar onde nasceu, mesmo com as dificuldades vivenciadas. Em nossa primeira entrevista nos repassou poucas informações sobre o lugar, sendo aprofundado num segundo momento, na elaboração do mapa mental (figura 06), quando apresenta uma representação gráfica que nos possibilita perceber as características físicas do lugar e que demonstram as atividades econômicas e culturais com destaque para as pastagens e os babaçuais.

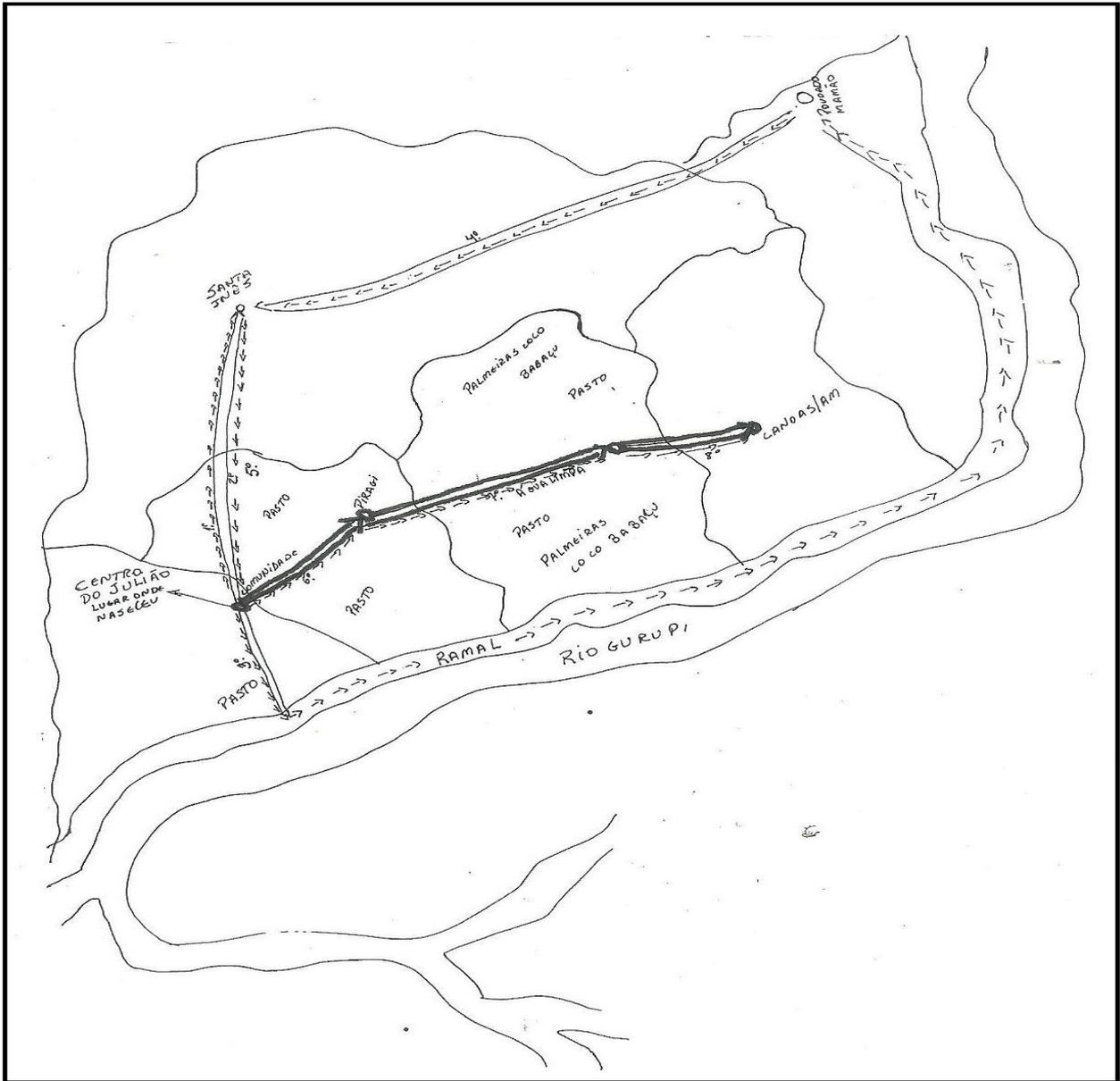
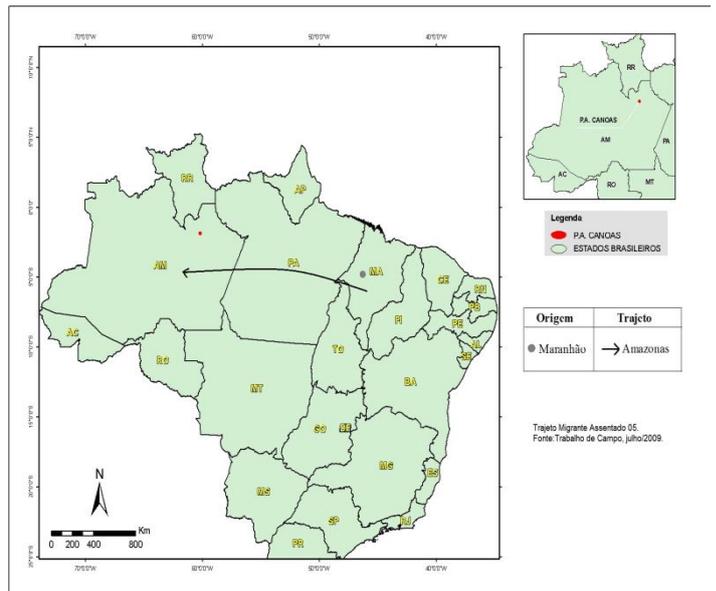


Figura 06: Trajeto Migrante Assentado 05
Fonte: Trabalho de campo, abril/2010.



“Eu gostava muito de lá, só que lá era muito difícil. Meus pais tinham terra, só que eu casei muito jovem, tinha 16 anos. Depois que eu me casei, eu e meu esposo fomos morar de caseiro. Lá tive cinco filhos. Nosso patrão era muito bom para nós”. Mas como muitas vezes sempre pensamos que é possível melhorar, neste contexto não foi diferente. “Meu esposo começou a se comunicar com a família dele que morava em Manaus, e ele resolveu vir. Saímos de lá no final de 1997. Chegamos em Manaus as coisas não ocorreram como esperado, porque a família do meu esposo disse que ia nos ajudar, mas quando chegamos foi bem diferente”. Essa experiência de vida é mais um exemplo de que mudar de vida, ou seja, sair da zona rural para a urbana nem sempre pode ser uma experiência bem sucedida. Em Manaus “Ele foi vender picolé na rua, aí eu me desesperei, me desesperei mesmo. E eu ainda estava grávida. Eu dizia que ia dar o menino quando ele nascesse porque agente não tinha condição nem de comprar o enxoval quanto mais sustentá-lo” Mediante tantas dificuldades vivenciadas em Manaus, surge uma alternativa através de um parente que tinha interesse em comprar um sítio.

E assim meu esposo veio para o Canoas, veio com o tio dele. Quando ele chegou na vila, ficou na casa de um senhor, cuja esposa era a dona desse lote aqui, eles queriam vendê-lo. Eu quero dizer que eu estava sofrendo tanto em Manaus, e eu pedi tanto para Deus, ele me ouviu. Quando meu esposo chegou lá comigo falando desse terreno, Deus falou comigo, falou dentro do meu coração, que esse terreno aqui ia ser nosso. Daquele dia em diante saiu toda a tristeza de dentro do meu coração. Eu não falei isso para ninguém. Fiquei esperando no Senhor. Ele tinha me prometido. Depois de oito meses que nós estávamos em Manaus, nós viemos para o terreno do tio dele. Passamos uns quatro meses lá, mais sofrimento, quando chovia molhava tudo dentro de casa. Mas eu sabia que agente não ia ficar lá, porque Deus já tinha me mostrado esse lugar (figura 07), essa área aqui, onde é a casa Deus me mostrou. Aqui tudo era mato, mato mesmo. Com muita dificuldade compramos o lote, e aqui estamos.



Figura 07: O lugar revelado.

Foto: Sacramento, Julho/2009.

Migrante Assentado 06

O migrante assentado 06 é esposo da migrante assentada 05, ambos maranhenses. Saíram juntos do Maranhão para o Amazonas, vieram para Manaus, motivados por promessas do tio dele. Essa narrativa contribui para compreendermos melhor o trajeto de ambos, tanto dele quanto dela. Nasceram e cresceram no mesmo município, casaram-se, fizeram os mesmos trajetos no Maranhão, embora isso não esteja expresso nas narrativas, mas estão nos mapas mentais como pode ser percebido tanto na figura 06 como na figura 08

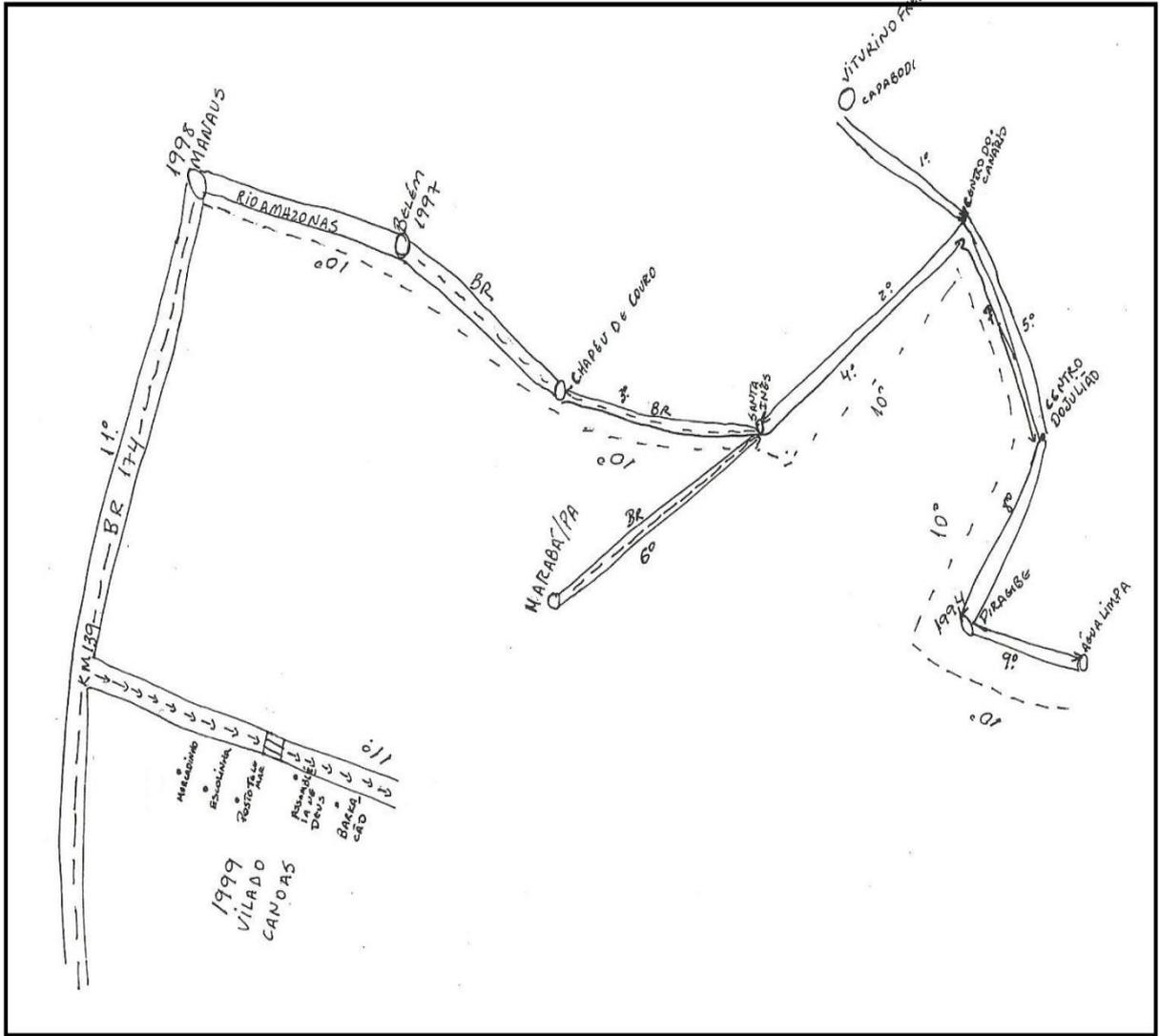
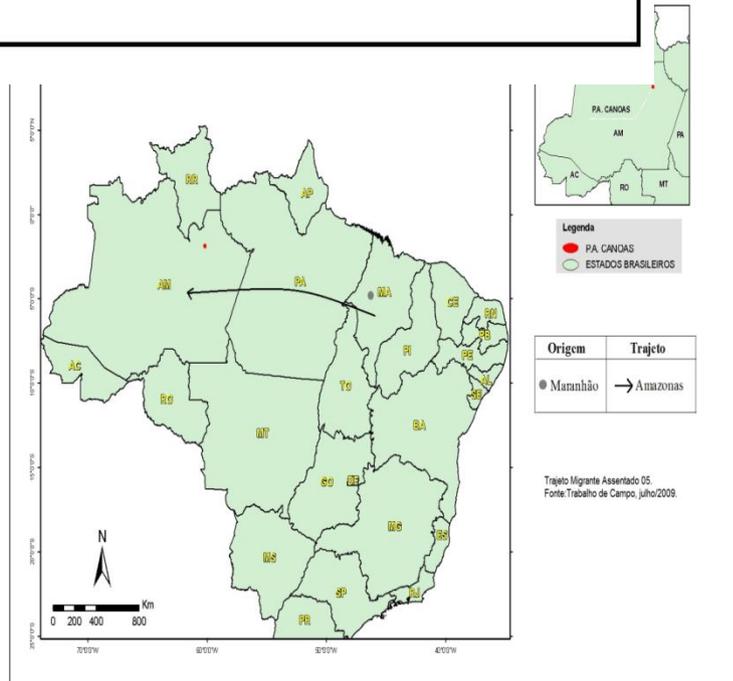


Figura 08: Trajeto Migrante Assentado 06
Fonte: trabalho de Campo, abril/2010.



Seu depoimento inicia-se com o casamento, o nascimento da primeira filha e a fazenda onde moraram durante quatro anos. Enfatiza que morava lá, mas a maior parte da família morava em Manaus. Quando saíram do Maranhão ou do nordeste como ele mesmo diz, ainda era criança, tinha dois anos de idade, nesse caso praticamente não os conhecia. Ao entrar em contato com esses parentes, em conversa com um de seus tios sente-se motivado em vir embora para Manaus. “Liguei porque tinha o interesse em falar com minha mãe. Mas acabei falando com um tio, e ele disse: meu filho porque você não vem embora desse Maranhão, dessa pobreza aí? Vem pra Manaus, aqui até cego se emprega”. Com tantas promessas de melhoria de vida, decide deixar o lugar de origem. “Eu tava bem no Maranhão, não tinha terra, mas trabalhava numa fazenda e o meu patrão era muito bom pra mim. Eu já tinha gado, estava bem mesmo. Nesses três anos eu melhorei rápido de vida. O ser humano é muito curioso, sempre quer ter mais na vida”. Nesse sentido, organizou-se e partiu com a família para Manaus.

dia 20 de dezembro de 1997 viemos para a cidade de Viturino Freire/MA no. No dia 23 embarcamos para Santa Inês/MA, onde tem a rodoviária que passa ônibus para São Luiz, Imperatriz, Brasília, pra todo lado. Ainda no dia 23 às 9 horas da noite pegamos ônibus para Belem. Chegamos em Belém no dia 24, as 5 horas da manhã. A noite toda de viagem.

De Belém para Manaus: “Da rodoviária de Belém fomos para o navio. No navio disseram que sairia dia 25 à noite. Agora ver um homem com medo dentro do navio. Eu nunca tinha andado de navio, era a primeira vez. Acostumado só em terra. Lá no nordeste tem rio, mas pequeno. Rapaz e as pessoas ainda falaram de uma cachoeira”. Aqui faz referência à baía, encontro das águas do rio com o mar. “Lá é que é perigoso. Quando deu meia noite, agente ouvia a zoada das águas baterem no navio, não dormi. Você jura que o navio vai afundar, você passa mal. Depois de umas duas horas, passou, e o navio seguiu viagem”. Demonstra sua percepção sobre as diferentes paisagens que constituem os lugares e o sentimento de medo que se manifesta mediante o grande rio. Foram cinco dias de viagem de Belém até Manaus. Chegou em

Manaus no dia 30 de dezembro de 1997, foi morar na casa do avô no bairro da Compensa. O impacto foi imediato.

Comecei a ficar triste. Porque você é acostumado com uma coisa, chega à casa dos outros, você acha meio estranho. Minha mãe ficou alegre, os parentes todos vieram me visitar, mas quando chegavam que viam esse monte de menino. Bom! acho que pensavam: rapaz esse cabra tem muito menino. O negócio é não ficar aqui perto de mim.

Mediante a situação:

meu avô disse o seguinte: meu filho eu não tenho nada para te dar. O que tenho é uma casinha velha no fundo desse quintal, vou dar para tu morar. Tu te viras aí. Os meus tios prometeram mil e uma coisa, quando cheguei, nada. Vieram rapidinho e saíram fora, família grande.

A vivência na cidade de Manaus: “Eu disse: rapaz, aqui vai ser do jeito que Deus quiser. Disseram que emprego era muito fácil, mas é fácil para quem tem estudo. Eu não estudei”. Considerando sua condição de agricultor e baixa escolaridade, a cidade não era seu lugar. Estava como um peixe no aquário. Buscava emprego, mas não conseguia porque o grau de escolaridade não era compatível. Ver os filhos e a mulher numa casa velha, ratos passeando pelo quintal, era deprimente. Mas não podia fraquejar, afinal era o homem da casa. “E a mulher começou a chorar, entrou em depressão. A mulher chorava, e eu dizia: rapaz o negócio está feio. Voltar eu não volto mais, porque eu já sai, para mim voltar, não dá. Quando eu sai meu patrão me disse: vai se tu se der mal, liga pra mim que eu mando te buscar. Mas não voltei. Nesse contexto passa a fazer comparações entre Manaus e o lugar de origem: “No maranhão eu trabalhava em fazenda, em Manaus fui vender picolé. Eu ia para aquelas construções oferecia o picolé e já pedia trabalho, contava a minha historia: sou do nordeste, estou aqui no Amazonas para ganhar a vida, estou vendendo esse picolé mais meu ramo não é esse, não. Meu ramo é no pesado. Ai os cara te olha todos desconfiados, pensam que você é bandido. [...] não davam

trabalho para mim”. Recordo-me da música Cidadão, interpretada por Zé Ramalho.

Eu ficava pensando: meu Deus o que é que eu vim fazer aqui nesse lugar? Ai eu vi onde estava. Porque quando você está numa condição melhor, que você perde o que tem, aí é que você vai ver onde você está. Rapaz passava um filme na minha cabeça: mostrava o que eu tinha e o que eu não tinha naquele momento.

Abandonado pela família, sem perspectiva de conseguir um trabalho para proporcionar condições de vida digna à mulher e aos filhos, não desiste e prossegue vendendo picolé:

Em seguida, em junho de 1998, minha mulher ganhou neném. Ela já estava gestante quando saímos de lá. Eu estava numa crise muito feia. Crise mesmo. A mulher chorava, adoeceu todo mundo. A mulher pegou pneumonia, os meninos adoeceram, ficou a coisa mais feia. O lugar onde agente morava era muito inconveniente, não tinha ar, os meninos viviam preso, eu acho que eles não se deram bem com o lugar. Só que eu não desisti, vendi picolé mais ou menos um mês.

Prosseguindo na lida da cidade grande, da venda do picolé segue para a venda de verduras e farinha até que surge a oportunidade de conhecer o Canoas através de um de seus tios, que chegou com ele e disse que tinha um colega na empresa onde trabalhava, e, que o mesmo tinha um terreno no Canoas. “As informações eram de que o Canoas era muito bom, então ele decidiu vir dar uma olhada, e perguntou se eu não queria vir mais ele, afirmando: “Eu vou conseguir um terreno lá. E se eu conseguir tu vai tomar de conta para mim?” Eu já estava com oito meses em Manaus e doido para sair de lá. “Eu dizia meu Deus eu não quero ficar nesse lugar. Aqui não é lugar para mim. Eu não tenho estudo. Quero ir embora daqui, eu gosto é do mato. Ai a mim me animou, e respondi: vou mesmo! [...]”.

Migrante Assentado 07

No depoimento que demonstra as experiências vivenciadas por esse sujeito, fica claro sua condição de migrante temporário, quando os garimpos faziam parte dos lugares de seus trajetos. Tendo como ponto de referência

Itaituba, lugar onde morou desde criança. O mesmo não é paraense, é bahiano. Mas, em nenhum momento se identifica como bahiano. Sua narrativa demonstra Itaituba como lugar de origem, ponto de referência em todos os seus deslocamentos. Foi lá que ele cresceu e viveu durante anos. Em sua narrativa deixa explícito que as experiências vivenciadas nos garimpos foram fortes, e em seu trajeto dar ênfase às mesmas, embora tenha experienciado outros lugares como pode ser analisado no mapa mental (figura 09), estes não se manifestam em suas narrativas.

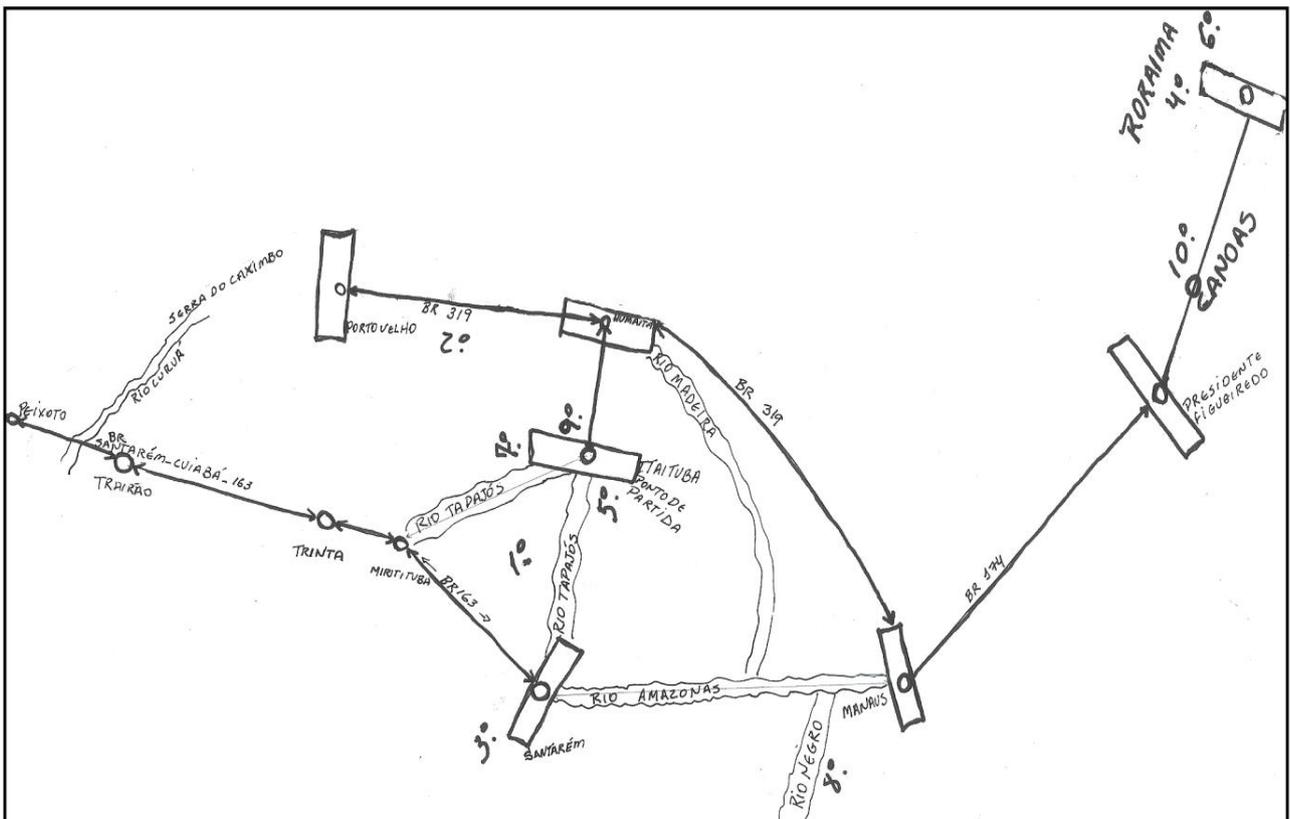
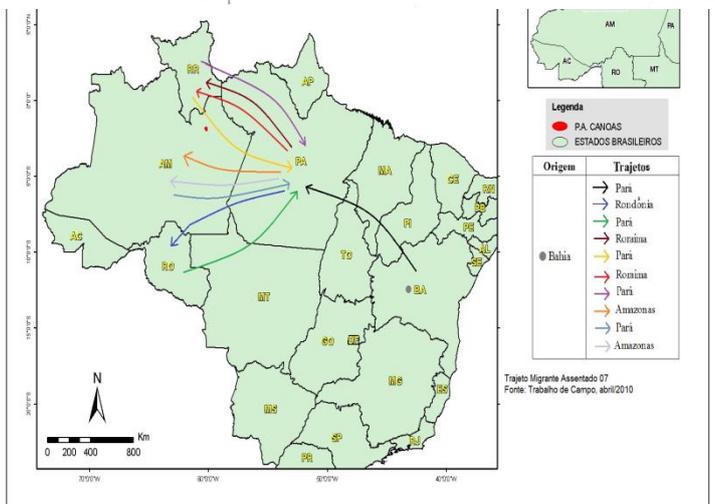


Figura 09: Trajeto Migrante Assentado 07.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.



Com 13 anos de idade aprendeu a mergulhar nos garimpos. Conforme seu relato: “Foram experiências muito dolorosas”. Assim aprendeu a ganhar seu pão de cada dia.

Trabalhei, trabalhei! Comecei no Rio tapajós, mergulhando no garimpo do Crepurizão, região de Itaituba/PA. Depois quando as coisas ficaram difíceis na região de Itaituba eu fui para Rondônia. Mergulhei lá também por alguns anos, depois disso vim novamente para Itaituba. De Itaituba vim para Santarém, e de Santarém vim para Roraima mergulhar por um período de 6 a 8 meses, em 1985. Depois voltei para mergulhar novamente na região de Itaituba pelos garimpos do alto tapajós. Quando o ouro ficou meio escasso nessa região fui novamente para Boa Vista. Depois retornei para Itaituba que era meu ponto referencial, pois toda minha família morava lá nesse período. Ai surgiu um período que apareceu um garimpo no rio negro chamado Cabori, e aí eu subi o rio Amazonas e entrei no rio Cabori que fica acima de Barcelos e abaixo de São Gabriel da Cachoeira. Quando eu tava mergulhando nesse garimpo que eu vim para Manaus eu ouvi falar nesse Canoas. Fui para Itaituba foi quando meu Irmão primogênito sentiu o desejo de vir par essa região e ele conseguiu terreno pra gente e agente se dispôs daquilo que tinha conseguido com luta na região de Itaituba e arrumamos os quase nada e viemos a migrar aqui para o Canoas.

Migrante Assentado 08

Natural do estado do Paraná, região sul do país, onde viveu até os cinco anos de idade. Ela narra suas experiências desde a infância, quando migra acompanhando os pais, até a fase adulta, quando migrar significa a busca de um lugar que ofereça segurança e tranquilidade na educação dos filhos, além de uma satisfação pessoal no reencontro com a terra. No Paraná ela esclarece que “terra era mais difícil, principalmente para o pequeno agricultor. Dava mais pra quem trabalhava com maquinário, e o pequeno não tem dinheiro para comprar essas coisas”. Do Paraná veio para Rondônia. Lembra que seus pais ouviam falar muito nas terras de Rondônia na época, e que muita gente estava se deslocando para esse estado em busca de terras. Sobre suas experiências vividas em Rondônia lembra que,

em Rondônia meu pai comprou um terreninho. Eu lembro que esse terreno era na beira da estrada, já tinha um pequeno bananal, uma casinha pequena, casa de paxiúba. Sofremos bastante em Rondônia, porque com o dinheiro que meu pai tinha, ele comprou o terreno. Ficamos então sem conhecer ninguém, sem trabalhar e sem dinheiro. Eu lembro que meu pai trocava trabalho por macaxeira na época. Passamos um tempo comendo só macaxeira, chega enjoava. Mas com o tempo agente já estava de cabeça erguida, as coisas melhoraram, foi o tempo que tinha fartura em casa, minha mãe tinha muita galinha e porco. Era meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. Lá minha mãe teve gêmeos, uma morreu com idade de seis meses por intoxicação. Um tio meu morreu também em um acidente com arma de fogo, então meus pais e meus avós se desgostaram do lugar e resolveram voltar novamente para o Paraná.

Após essas tragédias (como ela mesma afirma) retornaram para o Paraná. Porém no Paraná ficou mais difícil ainda porque o que tinham havia sido investido em Rondônia. Com o dinheiro que chegaram ao Paraná não dava para comprarem uma terra boa. Então, compraram um pedacinho de terra onde,

só era plano no lugar da casa, que era na beira de um rio, onde trabalhavam era uma serra, lá eles plantavam feijão, essas coisas. Era muito pedregulho, a terra já não era boa. E eles viram que lá, também não ia dar muito certo. Aí o pai resolveu voltar, ele disse: eu vou voltar para onde tem terra, pra onde dá pra gente trabalhar.

O retorno para Rondônia, a separação dos pais e um novo trajeto. Voltaram para Rondônia, foi quando houve a separação de seus pais. Foi então que seguiu com sua mãe para o Amazonas. Do Amazonas para Roraima. Em Roraima conseguiram terreno em um lugar chamado Caroebe. Nesse período as coisas lá eram muito difíceis. “Tinha um caminhão que entrava de quinze em quinze dias, era de um senhor que tinha um comércio, então ele ia deixar mercadoria, e levava alguém que quisesse ir para Boa Vista”. Em Roraima também trabalhavam na agricultura e ressalta que as terras são muito boas. “Nós trabalhávamos, tanto pra gente, quanto para os outros. Trabalhávamos na colheita de feijão. As coisas foram melhorando, o assentamento foi crescendo, começou a entrar ônibus, chegou escola, comércio”. Com o passar do tempo conheceu o homem com quem se casou.

A seguir destacamos parte de sua narrativa que retrata o período em que ela conheceu seu esposo e a descrição da paisagem do lugar vivenciado.

Ele foi trabalhar no plantio de feijão, abrir carreador para o caminhão passar e eu apanhava feijão. Trabalhávamos para o mesmo patrão. Depois ele comprou um terreno, e continuamos morando lá durante uns quatro anos. Agente plantava arroz, milho, feijão. O sítio ainda era pequeno porque tinha pouco tempo que nós estávamos lá, tinha também pastagem, que ele sempre teve vontade de criar gado. Na época da castanha agente catava bastante ouriço, dava até para fazer o rancho para a época da colheita, aqui já não tem castanhal assim.

Em Caroebe as experiências dessa colaboradora são significativas. Neste lugar viveu da infância à juventude. Vivenciou momentos inesquecíveis em sua vida. Conheceu o esposo uma das pessoas mais importante em sua trajetória. Foi lá também que teve seu primeiro lote de terra. “Terra boa”, como ela mesma diz. Mas, agora o deslocamento não acontece para acompanhar os pais, e nem em busca de terras.

Em Caroebe viviam bem, mas como seu esposo mas como seu esposo não via a família há muitos anos decidiu acompanhar o esposo para Manaus. Chegaram em Manaus em 15 de novembro de 1985, onde moraram por dez anos , mas como tinha crescido na agricultura, seu sonho era o reencontro com a terra, como pode ser observada a seguir:

Eu fui criada na agricultura eu não me dava bem na cidade, sempre querendo um terreno, aí ele foi lá para a comunidade Nossa senhora de Fátima atrás de um terreno, mas não deu certo porque nos disseram que era terreno de herdeiro que o presidente da comunidade estava invadindo, e aí como agente não queria confusão, saímos de lá. E as pessoas que ficaram, depois o INCRA assentou. Então foi quando surgiu a notícia desse assentamento aqui, em dezembro de 1995.

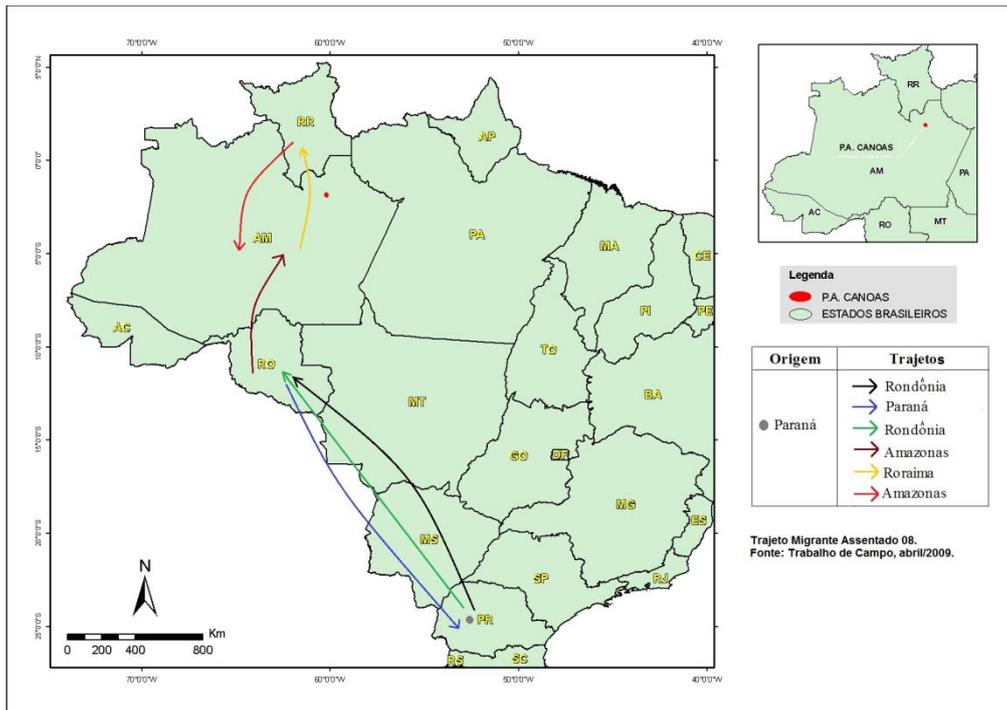


Figura 10: Trajeto Migrante Assentado 08.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2009.

Migrante Assentado 09

Considerando a impossibilidade de realizarmos a conferência dessa narrativa, devido o Migrante Assentado 09 ter falecido, optamos por fazer a sua transcrição literal.

O nordeste é lugar de terra boa e você sabe que lugar de terra boa não fica para pobre. Só os grandes é que ficam. A terra onde é muito fértil todo mundo quer, e pobre não tem vez. No Amazonas não, você ver que aqui a terra é favorável. Aqui você encontra um lugar para morar.

O Migrante Assentado 09 é cearense, inicia seu depoimento demonstrando sua insatisfação sobre a posse da terra e as desigualdades no campo brasileiro. Ao narrar suas experiências vividas faz referência às atividades desenvolvidas pelo pai que trabalhava com salinas no nordeste. Prossequindo sua trajetória, apresenta praticamente uma cronologia de suas vivências. De maneira bem detalhada, fala sobre seu trajeto e as experiências vivenciadas pelos lugares. Saiu do Ceará para Manaus em 03 de janeiro de 1951. Menciona que nessa época falavam demais na Amazônia e que vieram

muitas famílias. Quando estava com vinte anos teve seu primeiro emprego. Em 1969 trabalhou no asfaltamento da Rodovia –BR174 até a ponte da Bolívia. Considerando que não gostava de viver empregado, saiu da empresa e passou um tempo fazendo “bico e coisa e tal”. Em 1971, trabalhou três anos no INPA. Mas como ele mesmo afirma: “Como eu não gostava de emprego mesmo, saí. Aí foi a vez de eu revirar o trecho”. Seu trajeto pode ser melhor compreendido na leitura da narrativa que segue.

De Manaus eu fui para Porto Velho, tinha umas empresas mineradoras lá naquele tempo, era mineração de cassiterita, tinha duas firmas: MIBRASA e ORIENTE NOVO. Engajei-me na Oriente Novo, trabalhei, trabalhei, pedia a conta, eles não davam. Eu trabalhava pesquisando onde tinha minério, depois eles entravam com o maquinário. Trabalhei um ano, não me deram a conta, eu saí assim mesmo. Naquela época tinha muito trabalho nas fazendas, e a piãozada pedia a conta e ia trabalhar por conta própria, empreitada, ganhava mais do que de carteira assinada. Mas não parei por aí. De lá fui para o rumo da Pará: andar, andar! Conhecer! meu negócio era conhecer! Porque a pessoa estuda geografia, mas é teoria. Mas se você estuda geografia e sabe que existe aquele lugar, se você for lá, você sabe que é certo, é verdade. Andei por vários lugares, dentre eles Itaituba. Arrumei um trabalho na Cuiabá-Santarém, fazer roço de mata. Resolvi que tinha que correr o trecho de novo, juntei o dinheirinho, fui para Santarém, em Santarém estava meio ruim, fui para Alenquer. Em Alenquer trabalhei lá com uns fazendeiros durante uns 6 meses. E continuei decidi ir para Roraima. Trabalhei uns oito anos por ali, fui para um garimpo de diamante, peguei lá uns três diamantes. Pegava também serviço de derrubada, fazia de tudo. Depois vim para a região do Caroebe, também em Roraima, lá conheci a mulher. Ela vivia lá. Naquela época eu comprei um lote, mas não deu certo, vendi tudo que tinha então agente veio para Manaus. Mas ela, a mulher, não gostava de cidade, eu também nunca gostei. Meu negócio sempre foi mata. Moramos em Manaus uns dias. Eu sou serrador. Saía, passava de vinte dias na mata serrando madeira. E a mulher ficava tomando conta dos meninos. Ela ficava sempre aperreando por um terreno. Fui para uma comunidade chamada Nossa Senhora de Fátima, subindo o rio Negro, arrumei um terreno lá, disseram que o terreno era de invasão que o presidente da comunidade estava invadindo aqueles terrenos. Eu não gosto de encrenca. Eu sei que eu perdi uns 400 reais, já tinha derrubado 1 *ha* de mata que era para fazer o barraco, aí soube que era invasão, eu disse: eu não fico. Abandonei. Certo dia um conhecido nosso chegou lá em casa e disse: Seu [...] o INCRA está dando lote lá para o Canoas, é assentamento, vamos lá dá uma olhada? Então eu vim e aqui estamos. Vendemos a casa lá em Manaus, fretamos um caminhão e viemos. Aqui estamos.

Na figura 11 está sintetizado o trajeto apresentado em seu depoimento.

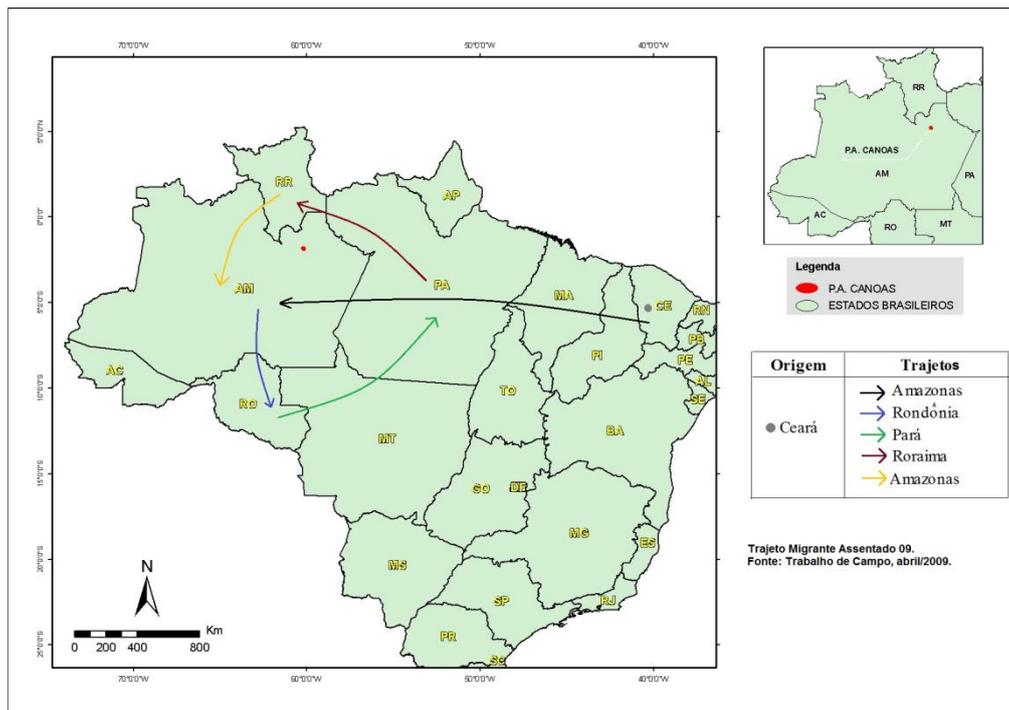


Figura 11: Trajeto do Migrante Assentado 09.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2009.

Migrante Assentado 10

A migrante Assentada 10 é mais uma paranaense que faz parte do contexto do Canoas. Saiu do Paraná ainda criança, aos seis anos de idade. Seu sotaque é forte, quem houve diz que viveu por lá durante muitos anos. Mas em sua memória não traz boas recordações do lugar de origem. Conflitos pela posse de terras, mortes, medo. Essas são as lembranças que marcam os poucos anos de vivência naquele lugar. Nasceu no estado do Paraná em 1956, do Paraná com seis anos de idade veio para o Pará. Do Pará para o Canoas (Figura 12). As recordações do passado são nítidas em sua memória. Ao narrar suas vivências no lugar de origem e os motivos que implicaram no deslocamento de sua família relembra dos conflitos agrários que permeavam aquele contexto e as políticas implementadas para impulsionar os fluxos migratórios para a Amazônia.

Vimos porque os grandes tomavam a posse dos pequenos. Eu lembro que meu pai foi muitas vezes lutar pela terra. Nós nascemos na roça, nos criamos na roça, e acho que vamos morrer na roça. Lá agente trabalhava com lavoura, plantava muito feijão, algodão, milho, hortelã. Nós não tínhamos terra, trabalhávamos em terra arrendada dos outros. Muitas pessoas não vieram do Paraná porque quiseram.

Nós não viemos do Paraná porque quisemos. Viemos de lá tirado pelo governo, porque os jagunços entravam sem pena e sem piedade.

Nesse sentido ela destaca que a terra era boa, muita fartura, então muita gente não queria sair de lá para vir para dentro da mata, mas o governo deu sustento para essas famílias que vieram de lá para a Amazônia durante seis meses. Quando chegou à região da Transamazônica ainda não havia estrada, era floresta. No Pará morou por nove anos no município das Placas, de lá foi morar no Porto de Moz, próximo de Belém, durante quatro anos. Depois retornou para a Transamazônica. Trabalhava na agricultura plantando arroz, feijão e cana. Com o tempo constituiu família. Em 1998 obteve informações de que o Amazonas era um lugar muito bom para sobreviver. Então ela, o esposo e os filhos deixaram tudo para traz e vieram fazer uma aventura. Nesse trajeto enfatiza, “minha função de vida mesmo foi do Pará para cá. Morei trinta anos no Pará, viemos para cá não foi para mudar de vida, foi para mudar de estado. Mudar de vida seria se fosse para trabalhar em outra coisa, mas viemos para roça. Sempre que agente mudava, agente chegava e começava do zero”.

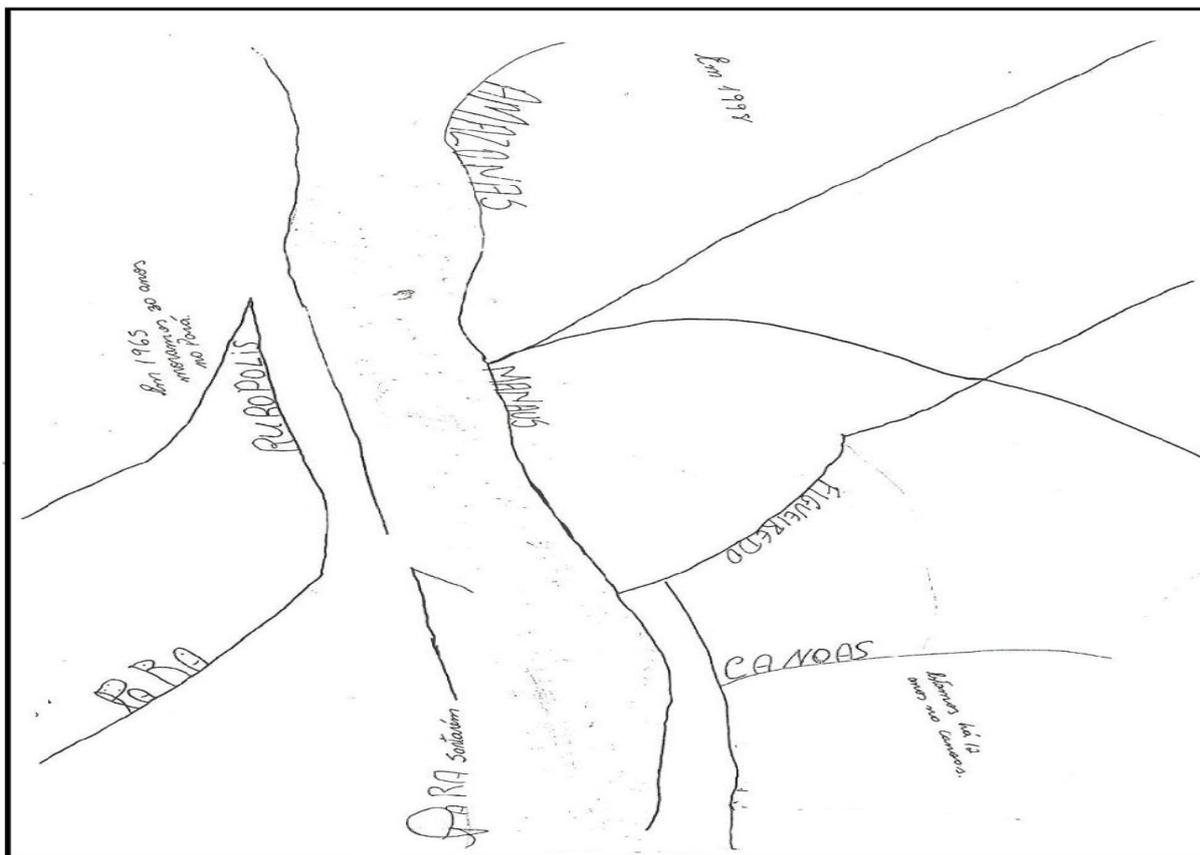
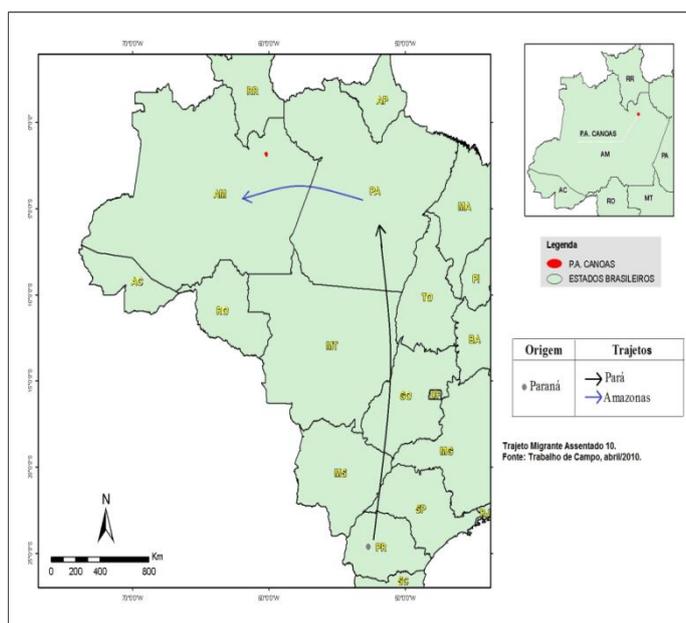


Figura 12: Trajeto Migrante Assentado 10
Fonte: trabalho de Campo, abril/2010.



2.3 INTERPRETAÇÕES ACERCA DO VIVIDO NA MIGRAÇÃO

Essa é uma das etapas em que tentamos apresentar uma leitura das informações contidas nos mapas mentais e nas narrativas. Um dos primeiros

pontos que nos chama atenção é a diferença como as informações são representadas, por alguns, tanto nas narrativas quanto nos mapas mentais. Ao compararmos essas informações evidencia-se que alguns lugares retratados nos mapas mentais, não se manifestam nas vivências demonstradas nas narrativas, o que nos possibilita pensar aquilo que foi significativo para cada sujeito. Ele tem consciência de que o trajeto foi além, mas ressalta as imagens do mundo experienciado que deixou marcas nesse processo. O que demonstra que o significativo nem sempre vai se caracterizar pelas experiências mais agradáveis. O que é evidente quando analisamos as narrativas e os mapas mentais dos migrantes 05, 06 e 07.

Outro ponto é o próprio trajeto da migração, que nos conduz a refletir sobre as teorias neoclássica e neomarxista que explicam a migração como um fenômeno impulsionado pelo fator econômico. Para a primeira a decisão de migrar é percebida como resultado de decisão pessoal, para a segunda é entendida como a mobilidade da força de trabalho.

Ao analisarmos o trajeto realizado por cada sujeito, percebemos de imediato uma migração por etapas, com exceção de dois que vieram do Maranhão diretamente para o Amazonas, sendo que o lugar de destino era Manaus e não o Canoas. Mediante as dificuldades vivenciadas no espaço urbano, no qual não havia uma relação que possibilitasse o estabelecimento de um vínculo com o lugar, a alternativa era a busca, o encontro consigo mesmo, com suas origens, como pode ser percebido nas narrativas dos migrantes 05 e 06. Mesmo esses sujeitos tendo realizado um trajeto diretamente do Maranhão para o Amazonas, isto não significa que esse tenha sido o único percurso realizado. Quando apreendemos nossa atenção na representação gráfica de seus trajetos, percebemos que os mesmos antes de sair de seu estado de origem, migravam entre os lugares vizinhos até tomarem a decisão de partir para outro estado brasileiro.

Com exceção dos migrantes 02 e 04, os demais têm suas origens relacionadas à agricultura. Saíram de sua terra natal em busca de melhorias de vida. Dos que migraram em busca de trabalho demonstraram uma trajetória caracterizada pelo labor nas fazendas (colheitas de feijão, arroz, milho etc.), nos garimpos e nas áreas de exploração de minério. Ao analisar o trajeto

percebe-se que o mesmo não ocorre entre dois pontos como sugere a teoria neoclássica, e que também, mesmo sendo os motivos individuais, não se trata da decisão de uma pessoa somente. Nesse caso, há certa relação do processo migratório na vida desses assentados com a teoria neomarxista. Nessa abordagem Becker (1997) demonstra que migrantes são todos aqueles indivíduos que seguem o movimento do capital sob a condição de força de trabalho assalariada, ou potencialmente assalariada. Nesse enfoque a migração é concebida como um processo social que pode ter longa duração, ou seja, ser por etapas.

De acordo com a pesquisa, dos dez colaboradores, oito realizaram uma longa trajetória até chegarem ao assentamento. A maioria saiu do lugar de nascimento entre as décadas de 1950 e 1980. Muitos passaram pelo Estado do Pará, vieram para Manaus, de Manaus para o Canoas, a partir de meados da década de 1990. A maioria saiu no período da juventude de sua terra natal, outros na infância acompanhando os pais. Os motivos ou fator de repulsão: Melhoria de vida, podendo ser em busca de trabalho ou acompanhando o esposo ou os pais, e o sonho de ter a propriedade da terra. Quanto aos fatores de repulsão, Singer (1998) os classifica de duas ordens: fatores de mudança e de estagnação. O primeiro diz respeito à inserção das relações de produção capitalistas no campo que expropria e expulsa o camponês, e o de estagnação é caracterizado tanto pela insuficiência de áreas cultiváveis como pela atuação dos latifúndios.

Quanto ao fator de repulsão do lugar de origem, este nem sempre será o mesmo que o levará a migrar, do lugar atual, em busca de outro lugar. Conforme Martins, devido o avanço do capital “[...] o camponês brasileiro é desenraizado, é migrante, é intinerante. A história dos camponeses-posseiros é uma história de perambulação” (MARTINS, 1995, p. 17). Na narrativa do migrante 01, 08, 09 e 10 notamos com precisão que as dificuldades de acesso à propriedade da terra por essas famílias é um dos fatores que as levam a migrar, além das políticas desenvolvidas pelo governo federal para retirar essas famílias das zonas de conflitos. Nesse sentido, Raffestin (1993) nos diz que é muito mais importante analisar as relações de força que provocam a mobilidade, do que a natureza daquilo que a determina. Os deslocamentos

populacionais podem ser concebidos como uma relação de poder, que decorre do desenvolvimento de políticas estratégicas para aumentar o movimento ou para freá-lo.

Os nordestinos geralmente falavam da vontade de conhecer o mundo. Um, nos disse o seguinte “ser migrante está no sangue do nordestino” (Migrante 09), o que foge à explicação da teoria neomarxista. Nesse sentido, não podemos ser taxativos e determinar que os sujeitos que buscam outros lugares o fazem apenas devido os fatores econômicos, é certo que muitos seguem esse processo, mas para alguns o deslocamento tem outro significado. Como pode ser percebido nas narrativas dos migrantes 02, 03 e 09. Para estes, sair do lugar de origem traz um sentido de liberdade. Ser livre, andar e conhecer esse é o objetivo, até o momento em que há a necessidade de criar raízes, de sentir-se parte, incluído. Nos três casos esse momento acontece com a constituição da família, mas o migrante 02 ressalta que o Canoas foi o meio que ele encontrou para viver em Presidente Figueiredo, lugar que chamou sua atenção desde a primeira vez que o viu. Contudo, independente dos fatores de repulsão e das políticas implementadas para impulsionar os movimentos migratórios, o Canoas é o lugar atual vivenciado, cujo fator de atração é a criação do Projeto de Assentamento, possibilitando-os o acesso à propriedade da terra, a tranquilidade e o anúncio do evangelho. Atitudes e valores que contribuíram e contribuem na (re) construção desse lugar chamado Canoas, assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

ENTRE A TOPOFILIA E A TOPOFOBIA: UM LUGAR CHAMADO CANOAS

3 ENTRE A TOPOFILIA E A TOPOFOBIA: UM LUGAR CHAMADO CANOAS

Aqui já moro há 31 anos. Cheguei em março de 1978. Já era Canoas. Até porque conforme as histórias contadas pelos moradores daqui, esse nome foi dado pelos indígenas. Contavam que um índio deixou uma canoa abandonada aí no rio, que também tem o nome de Canoas, e a canoa foi ficando velha, muito velha, e se tornou um ponto de referência. Quando alguém saía, que o outro perguntava para onde ia, respondiam: ah! vou lá na canoa velha. Daí ficou canoa velha, canoa nova, até que o nome ficou Canoas. Então batizaram esse lugar com o nome de Canoas [...] (HABITANTE 01).

Continuamos aqui fazendo uma apresentação do lugar conforme a percepção e representação dos sujeitos que o vivenciam. Analisamos a realidade experienciada no lugar considerando dois momentos em sua construção. Na primeira etapa buscamos compreender como os moradores antigos representam o lugar antes da criação do Assentamento. A segunda etapa subdivide-se em duas partes: A percepção dos moradores antigos sobre a criação do Assentamento e a chegada dos novos sujeitos; E a percepção e representação do Canoas pelos migrantes assentados. A partir das vivências representadas nos mapas mentais e nas narrativas perceberemos como ocorreu a (re) construção e qual o significado desse lugar chamado Canoas.

3.1 UM LUGAR CHAMADO CANOAS

O Canoas já recebia esse nome, antes mesmo da criação da Comunidade Santa Terezinha (final da década de 1980) e de se tornar uma área de Projeto de Assentamento (década de 1992). Essa informação foi obtida através do depoimento da mais antiga habitante do lugar.

Aqui já moro há 31 anos. Cheguei em março de 1978. Já era Canoas. Até porque conforme as histórias contadas pelos moradores daqui, esse nome foi dado pelos indígenas. Contavam que um índio deixou uma canoa abandonada aí no rio, que também tem o nome de Canoas, e a canoa se tornou um ponto de referência. Então batizaram esse lugar com o nome de Canoas (HABITANTE 01).

É um lugar que se manifesta de duas formas: como Assentamento e Comunidade. Localiza-se no Km 139, margem esquerda da BR – 174 no Município de Presidente Figueiredo Estado do Amazonas, (figura 13). Distanciando-se 139 quilômetros em linha reta de Manaus. Ali foi implementado em 1992 pelo INCRA o Projeto de Assentamento Federal do Canoas, que atualmente é constituído por quatro comunidades: Santa Terezinha e Canoas com acesso pelo ramal do Canoas no Km 139; a Comunidade Bom Jesus no Ramal Novo Progresso e a Santa Terezinha II com acesso pelo ramal do Urubui II no Km 126.

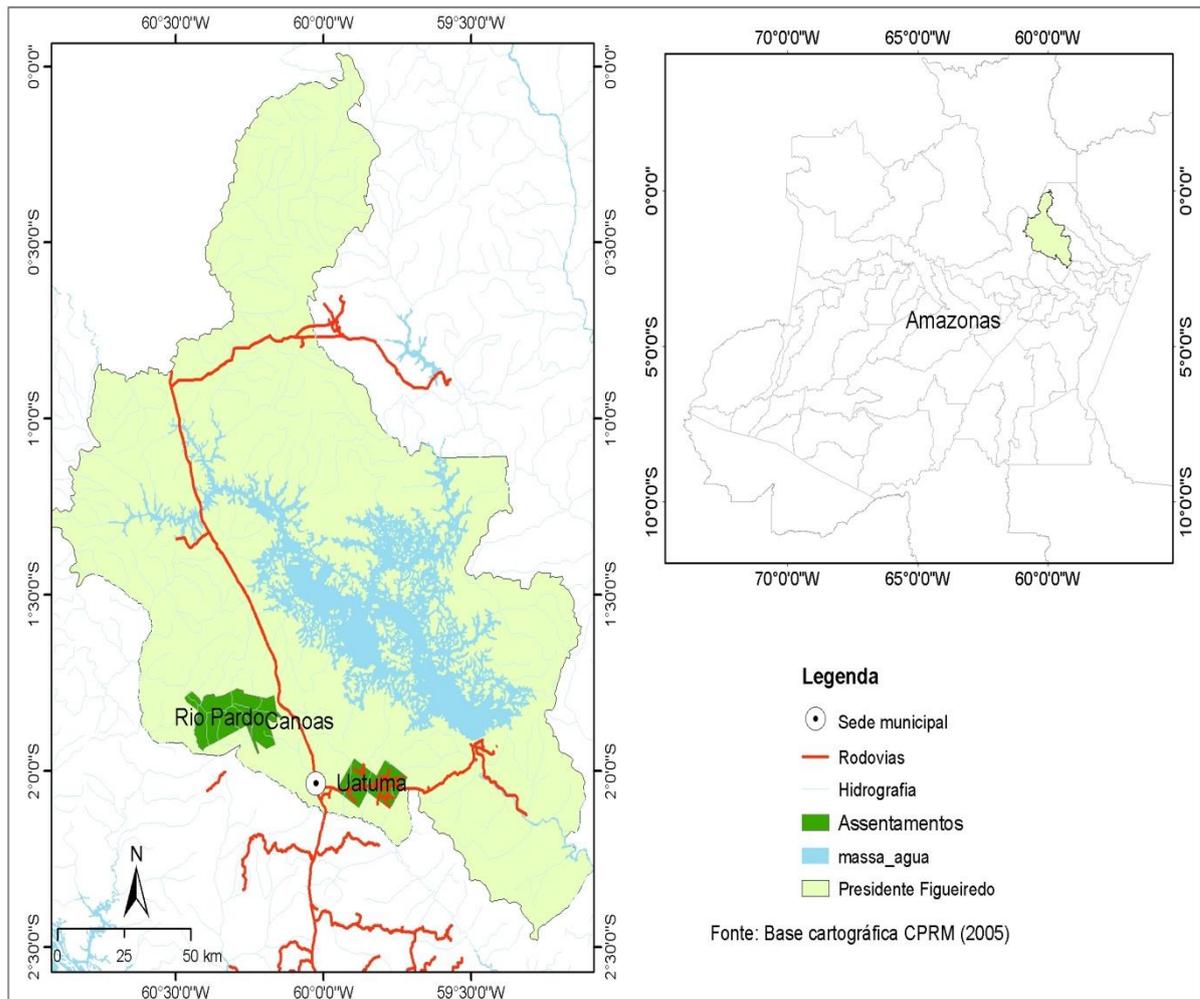


Figura 33: Localização Geográfica de Presidente Figueiredo/AM.
Fonte: Org. PINHEIRO. 2009.

Diferente do que ocorre com outros lugares da Amazônia, o Canoas não possui relações econômicas, territoriais e culturais com os grandes rios amazônicos, mas possui com a floresta e com a BR. Nesse sentido, vale ressaltar que Gonçalves (2001) apresenta dois padrões de organização do espaço amazônico, sendo rio-várzea-floresta e estrada-terra firme-subsolo. Esses padrões estão diretamente relacionados às diferentes paisagens da região, e que foram criados ao longo de sua formação sociogeográfica, de acordo com os diferentes interesses de segmentos e classes sociais atuantes na mesma. Na vila não se chega pela rede fluvial, mas pela rodovia, adentrando o ramal do Canoas – Km - 139 da BR – 174. No ramal, o relevo acidentado e a estrada é de chão batido, sem asfalto. Após 7 km de ramal,

partindo da BR 174, avista-se a “Associação Comunitária Santa Terezinha” ou “Vila do Canoas” (figura 14), como é popularmente conhecida.



Figura 14: Perfil da Vila do Canoas.
Foto: Sacramento, janeiro/2009.

Na Vila não tem nem rua primeira, nem segunda, rua da frente ou de trás. Chega-se à mesma pela rua que dá continuidade ao ramal, essa é a rua principal, não que ela tenha esse nome, na verdade ela não tem nome, desta surgem outras ruas (figura 14). A vila é a Comunidade Santa Terezinha que já constituía o lugar, antes da criação do P.A. até porque, como mencionado acima, no período anterior ao processo de territorialização do Assentamento, já habitavam o lugar algumas famílias de posseiros. Em 2009, de acordo com dados do INCRA, o P.A. é constituído por aproximadamente 262 famílias oficialmente assentadas, há também as que não fazem parte do assentamento, alguns são funcionários públicos, moveleiros e caseiros.

Casas de alvenaria, umas poucas, a maioria é de madeira, igrejas, bares, mercearias (mercadinhos) e movelarias se entremeiam e juntamente com outros elementos da paisagem como a fiação que possibilita a chegada da energia elétrica e as antenas parabólicas, conduzindo o mundo para dentro dos lares, através da televisão, os telefones públicos para receberem e darem

notícias de outros lugares, a falta de movimento e a monotonia que reveste o lugar, caracteriza a vila do Canoas.

Ao se afastar da vila em direção aos lotes, a marca mais significativa da paisagem é a vegetação, caracterizada pela floresta e por algumas áreas de pastagens, além das palmeiras de côco cultivados pelos agricultores e outras que são nativas, por exemplo: os buritizais e os açazeiros, como paisagem de fundo percebe-se algumas castanheiras. Atividades de plasticultura e psicultura, e até mesmo floricultura. A produção de côco e cupuaçu são as que predominam. Entretanto, há também o cultivo da banana, macaxeira, pupunha, e, alguns falam até mesmo em feijão, arroz e milho, esses somente para a subsistência. A seguir são apresentadas algumas figuras que demonstram parcialmente a paisagem descrita.



Figura15: Pastagem no ramal N. Progresso.
Foto: Sacramento, Julho/2009.



Figura 16: Tanque para piscicultura no ramal Tracauá.

Foto: Sacramento, Julho/2009.

As moradias se distanciam, mas em alguns trechos há a manifestação de algumas comunidades, como é o caso da Comunidade Bom Jesus, no ramal Novo Progresso. Escolas municipais de ensino fundamental, Igrejas evangélicas e algumas mercearias se manifestam ao longo do percurso. Outra característica é a presença dos madeireiros que se territorializam, evidenciando sua ação na região do Assentamento. As estradas que dão acesso aos lotes, em alguns ramais demonstram a dificuldade que os agricultores têm de escoarem seus produtos, principalmente, no Ramal do Urubui I (figura 17), o que se deve à ausência de pavimentação, bem como às características naturais do relevo acidentado. As condições se agravam em dias chuvosos, quando fica praticamente intrafegável.



Figura 47: Estrada no Ramal Urubui I.

Foto: Sacramento, Julho de 2009.

Até aqui procuramos apresentar o Canoas conforme as observações feitas no trabalho de campo. Nas páginas que seguem vamos conhecê-lo através do olhar de indivíduos que o vivencia possibilitando sua (re)significação.

3.2 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CANOAS

Para compreendermos como o lugar é percebido e representado pelos diferentes sujeitos que o vivenciam e que contribuem em seu processo dinâmico de construção e reconstrução, dando-lhe uma identidade, num fazer-se constante. Compreendendo a dinamicidade de (re) construção e (re)significação do lugar através das multidimensionalidades do vivido, consideramos duas etapas nesse processo: O canoas antes do assentamento, quando era constituído apenas pela comunidade Santa Terezinha; e a partir da década de 1992 com a criação do Projeto de Assentamento Canoas. Com a segunda etapa, temos a chegada de muitas famílias, de outros lugares, para

adquirirem um lote de terra. Em 2000 ocorre a territorialização das movelarias que dinamizam ainda mais a identidade do lugar. Contudo, tentamos compreender a construção desse lugar considerando duas etapas, antes e após a criação do Assentamento. Sendo que a percepção sobre a chegada das movelarias entram na segunda etapa, até porque trata-se de uma área de Projeto de Assentamento Rural. Portanto, essa abordagem nos ajuda a compreender como o Canoas vai deixando de ser um espaço indiferenciado, tornando-se um lugar através das relações que estabelecem entre os sujeitos e destes com o ambiente físico.

3.2.1 A Comunidade Santa Terezinha

Na região que hoje pertence ao assentamento, já havia algumas famílias de agricultores. Obtivemos informações sobre o Canoas, quando ainda era constituído apenas pela Comunidade Santa Terezinha, por três antigos habitantes. A colaboradora ZG, que foi a primeira entrevistada, de naturalidade amazonense, que neste trabalho será identificada como habitante 01, contribuiu para uma melhor compreensão do processo de formação do lugar, bem como da dinamicidade local. O segundo e a terceira a colaborarem para o desenvolvimento da pesquisa, ambos amazonenses, serão identificados como habitantes 02 e 03, respectivamente. O habitante 02, além da narrativa elaborou um mapa mental do Canoas antes e outro após a criação do P.A. Os identificamos como habitantes, considerando que,

[...] Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTNER, 1985, p. 166).

Através dos depoimentos que demonstramos a seguir, compreendemos que o lugar era constituído por poucas famílias. Não havia ramal, energia elétrica, comércios, escola, nem posto de saúde. Esses

habitantes trabalhavam na agricultura. Relatam que na região havia muita produção. Plantavam milho, banana, feijão e até mesmo arroz. As atividades eram realizadas com a organização de multirões em alguns casos, em outros o trabalho era feito pela própria família. Reuniam-se, também, para as festas que aconteciam, para as novenas e com o passar dos anos para os torneios e reuniões comunitárias, como podem ser percebidos nas narrativas que seguem.

HABITANTE 01

A habitante 01 chegou ao lugar em 1978, quando havia apenas dois habitantes, o Lucy e o Severino, os dois já faleceram. Eles movimentavam o Canoas, faziam festas e novenas. “Não tinha estrada, não tinha nada, era por uma trilhazinha que caminhávamos, e as pessoas vinham. Eu sou católica, e aqui, preguei muito o catolicismo”. As festas eram conduzidas ao som de um aparelho à pilha que rodava a noite toda. As pessoas vinham da BR a pé por meio do mato, traziam a roupa, quando chegavam, tomavam banho, trocavam de roupa e brincavam a noite toda. Conforme o depoimento a terra era muito boa. As pessoas iam, gostavam e ficavam. Tudo o que se plantava dava: banana, macaxeira. Havia muita produção. Esta era escoada até a BR com a utilização de um Jerico. Da BR era embarcado no caminhão que ia para Presidente Figueiredo ou para Manaus. O sucesso de tanta fartura é percebido como resultado das condições do solo e também como fruto da organização do grupo. Os chefes de família se organizavam e faziam os multirões para desempenhar as atividades:

nós organizávamos multirão, eu saia na frente, agente saia cantando, era uma festa. Era lindo, lindo, mas hoje em dia ninguém quer mais se organizar para trabalhar assim que é uma coisa tão legal, um ajuda o outro. Agora querem fazer é sozinho, consideram perda de tempo. Daí começou o fracasso da produção, que hoje é pouquíssima. Saíam daqui de dez caminhões lotados de produto, depois foi diminuindo para quatro, três [...].

Anos mais tarde veio a escola do Mobral, D. Zita era a Professora. Havia, primeiramente dez alunos. No início eram alfabetizados apenas adultos, depois quando entrou o Prefeito Paulo Martins, foram matriculadas 15 crianças,

e daí foi melhorando. As aulas aconteciam numa casa que D. Zita mandou fazer exclusivamente para esta tarefa. Fez por conta própria. As famílias ajudavam. Fizeram juntos. Estavam trabalhando com o objetivo de organizar a comunidade. A construção da sede comunitária, a sede da Santa Terezinha, foi feita pelos próprios moradores. Havia aproximadamente 30 famílias, uns chegavam, gostavam e iam ficando, outros voltavam. Foram organizados torneios e muitas reuniões antes do assentamento “participamos de muitas reuniões boas, reunião grande, reunião boa mesmo, mas isso antes do assentamento”.

HABITANTE 02

O habitante 02 chegou nessa região em 1974. Cultivava arroz, feijão, milho e melancia. Enfatiza que “nessa época o Canoas não tinha nada, não tinha nem ramal. Nós e outros vizinhos fomos quem abrimos uma picada. Era um lugar isolado, com poucos moradores. Agente começou entrando para pescar e caçar. Aí fomos fazendo o caminho até chegar esse ponto” (figura 18). Apesar de afirmar que nesse período “não tinha nada”, deixa claro que “antigamente tinha muita caça e muito peixe”. Cada família trabalhava para si. Ele, os irmãos e o pai trabalhavam juntos. As festas eram animadas, mas não era um freqüentador assíduo, porque não tinha tempo. Era tempo do corre-corre, tinha que trabalhar para sobreviver.

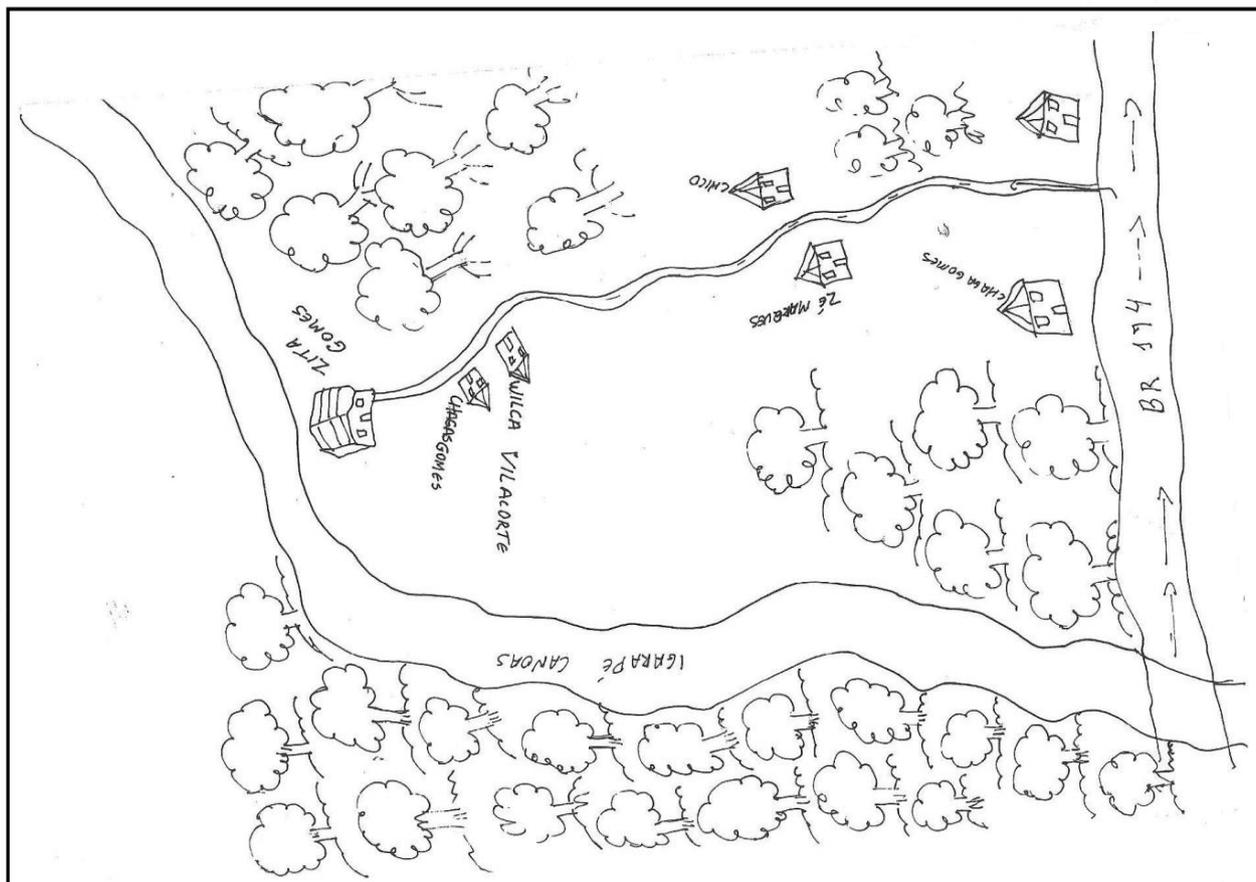


Figura 18: O Canoas antes da criação do PA para o Habitante 02.

Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

HABITANTE 03

A habitante 03 inicia seu depoimento descrevendo as características do lugar. O canoas era só mata, havia apenas uns nove moradores. A escolinha era na casa da D. Zita. Tinha muita fartura, caça e peixe. O rancho do mês era transportado nos ombros, da BR até a comunidade. Era um lugar muito difícil. Mas, sentiam-se seguros, havia tranqüilidade. As festas eram feitas no barracão da comunidade, passavam a noite brincando, não acontecia uma briga. Ressalta que:

antes do Assentamento o Canoas era muito bom. Eu queria que voltasse aquela época. Não tinha esse ramal. Antes nossa casa era de paxiúba cercada de palha, mas nós íamos para Manaus passávamos de quinze dias, quando chegávamos tudo o que deixávamos estava aí. Eu andava por esse mato, só eu e Deus e meu cachorro, era pegando jabuti, pescando, sem medo. Era um lugar seguro. Eu gostava muito daqui.

3.2.2 O Projeto de Assentamento

Aqui consideramos dois momentos: a percepção e representação dos antigos habitantes sobre o Assentamento e no segundo momento dos migrantes assentados.

3.2.2.1 Os antigos Moradores: Um Olhar do Passado.

HABITANTE 01

Prosseguindo em seu depoimento, a habitante 02 nos fala sobre a criação do P.A.. O Assentamento foi criado em 1992. A partir daí foi aumentando o número de pessoas. Foi chegando gente.

Gente de todo lado, do Maranhão, da Bahia, do Piauí, do Mato-Grosso, do Pará. O INCRA trouxe gente de todo lugar. Não fizeram uma triagem para saber quem eram as pessoas que vinham. Tinha gente que chegava pegava o lote, pegava as coisas, vendiam tudo e iam embora, e começou o descontrole. Chegou a “tal” da reforma Agrária.

Essa colaboradora tinha lido em uma revista sobre a Reforma Agrária. E de acordo com as informações, tratava-se de algo muito bonito. Na revista dizia que a pessoa que mora em assentamento da reforma agrária tem um atendimento muito especial. Logo que chegava a Reforma Agrária, eles mandavam desmatar, formavam vila e davam toda assistência para as pessoas durante seis meses, até ter suas próprias condições. Quando chegou o assentamento foi bem diferente. “Nós só fomos vendo miséria. Foi criado o Assentamento, foi chegando gente, cada vez mais, e só gente pobre”. E assim as coisas foram se modificando, foi chegando gente e mais gente. Chegavam, diziam que queriam ser assentados no Canoas, e depois já vinham com a mudança. Às vezes a pessoa não gostava de trabalhar, às vezes queria o caminhão só para a produção dele, e não podia ser todos os comunitários tinham o mesmo direito. Ao contrário do que acontecia em período anterior,

hoje em dia, tem dois caminhões para retirar os produtos. O ônibus entra uma vez por semana (trata-se do ônibus que leva os agricultores para a feira). Havia muita produção: milho, arroz, banana, feijão branco. Hoje os produtos que se destacam são: côco, quando é tempo de pupunha, sai pupunha, algum tem macaxeira, ninguém ver mais milho, feijão verde, a banana também diminuiu. “A terra parece que cansou, não sei como foi, e há também a proibição para o desmatamento”. Com todas as modificações nos modos de vida, há ainda a questão sobre as territorialidades das diferentes igrejas evangélicas, que implicam na formação de vários grupos e divide a opinião dos habitantes. Finalizando o depoimento deixa o seguinte questionamento:

Agora não sei se o assentamento continua ou acaba, chegou uma conversa de que a Vale vai tomar de conta de tudo isso aqui. As pessoas vão ser desapropriadas. Eu não sei nem se o INCRA sabe disso, porque para eles fazerem isso, eles vão ter que mexer com o INCRA, para ver se permite que isso aconteça. E anda forte essa conversa, anda forte mesmo.

HABITANTE 02

Para este habitante a chegada do Assentamento vem acompanhado da abertura de ramais, que possibilitam o escoamento dos produtos. Com ele chegou também energia elétrica. Mas com tudo isso veio a poluição dos igarapés, incluindo os problemas sociais: como as drogas e a criminalidade. Devido a esses problemas acredita que deveria haver um posto policial no lugar, para saber o que os adolescentes ficam fazendo até tarde da noite na vila. Ressalta que não tem muitas coisas para falar sobre o Assentamento. Estava se referindo ao recebimento dos benefícios do INCRA. Sua esposa é funcionária pública, é merendeira na escola, ganha um salário mínimo. E, por isso recebeu apenas o fomento e o habitação. Já o crédito para a reforma da casa não pode receber, porque já está empregada. Acrescenta que um salário mínimo é tão pequeno para que impossibilite uma pessoa de receber a reforma da casa. Hoje trabalha com piscicultura, não pesca mais. Cria porcos e galinhas. Cultiva pimenta e banana, porque são os produtos que dão com mais facilidade.

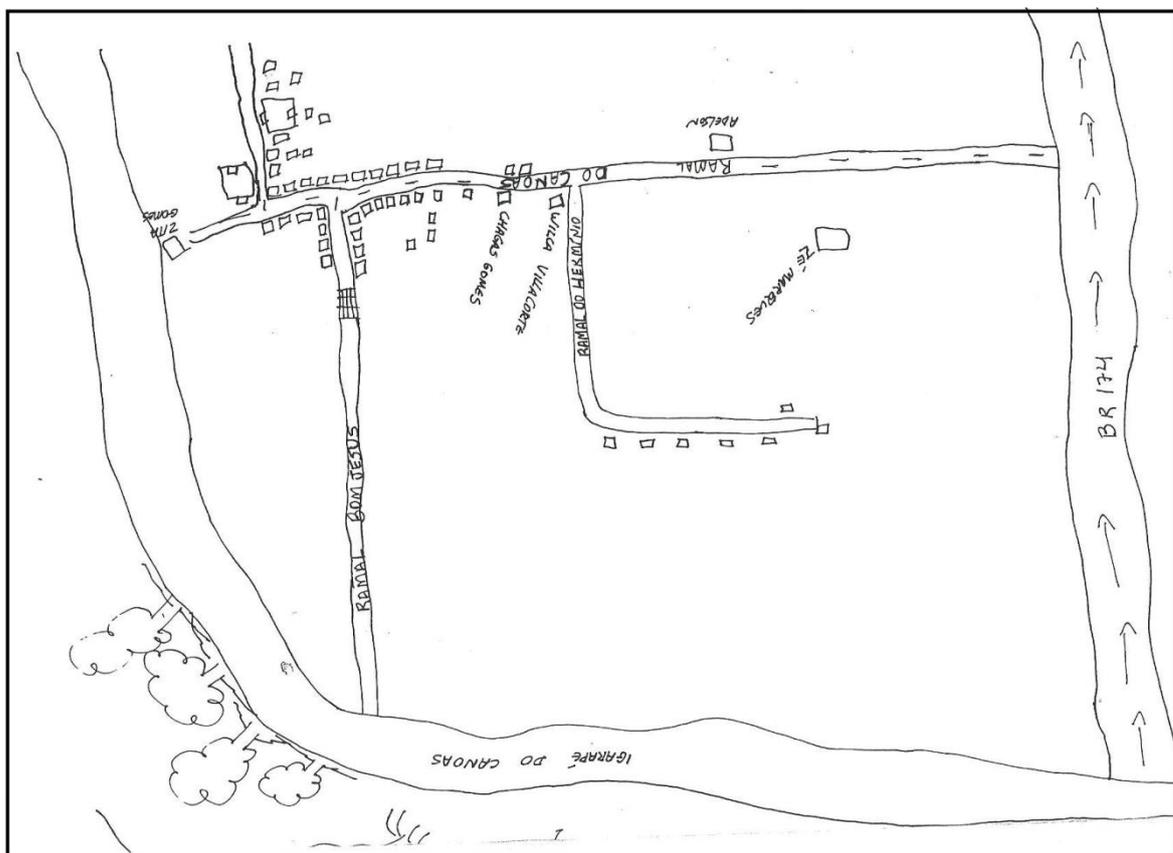


Figura 19: A manifestação do Canoas atual para o Habitante 02.

Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

HABITANTE 03

A Habitante 03 nos fala que a criação do Assentamento veio cheia de promessas pelo INCRA, para incentivar o desenvolvimento da atividade agrícola. Disponibilizaram o crédito habitação para as famílias fazerem as casas e o fomento para ajudar as pessoas quando chegavam. Depois veio mais um reforço de R\$ 2500 para ajudar as pessoas a concluírem a construção da casa. Com a criação do Assentamento chegou gente de tudo quanto foi lugar. A vila cresceu. Muita coisa mudou. O sossego acabou. Hoje, ela não confia em ficar mais sozinha em casa. Está demais. “Bebedeira, uso de drogas. É uma gritaria, palavrão de todo tipo. Tem dias que agente não consegue sossegar nem de dia nem de noite. e hoje eu não vou à roça, com medo. Você anda por aí, é caminho de todo jeito, pessoal fuma droga por esses caminhos aí”. Menciona o caso que foi manchete nos jornais, da mulher que tocaram fogo na Gusmão, comunidade próxima do Canoas. O que não existia antes.

Essa vila acabou com o sossego. Não foi o Assentamento, foi a vila. Antes era melhor, não tenho nem dúvida. Trazia rancho na cabeça lá de fora, mas era melhor. agora o problema não são os assentados são pessoas que não tem nada haver com o Assentamento. Tem bandido escondido aí nessa vila, então falta o INCRA tomar as devidas providências para retirar esse pessoal que não é assentado. Aqui já foi assaltado carro de mercadoria lá naquele ladeirão (início do ramal), antes de sair na BR, ônibus, mercadinho. Aqui está perigoso.

Muita gente chegou, mas deixa claro que os responsáveis pelas melhorias foi D Zita e seu Arlindo. Este lutou pelos ônibus escolar e da feira. “Mas os novatos, não fizeram muita coisa pelo Canoas”.

3.2.2.2 Os migrantes assentados: A chegada do estranho

Após conhecermos a percepção dos antigos habitantes sobre a chegada do PA e as transformações que o lugar vivenciou, partimos agora para as narrativas e os mapas mentais do Canoas pelos sujeitos que chegam, para termos uma melhor compreensão desse momento.

A Revelação do Lugar

Migrante Assentado 01

O migrante Assentado 01 faz parte do contexto do Canoas há 12 anos. Têm quatro filhos, três nascidos no lugar. Em 1998 quando chegou havia apenas 6,5 Km de ramal, até a comunidade e mais 2 Km adentro, como pode ser percebido no mapa mental representado abaixo (figura 20). Todo o Assentamento era assistido e trafegável por água pelo rio Canoas. Havia muita produção de banana, macaxeira, farinha, cana e milho. Quase não tinha problemas com criminalidade. Mas o lugar era deficiente de saúde e educação. Percorriam mais de seis horas de motor rabeta para chegar no último morador. As dificuldades eram muitas e todo mundo sonhava com estrada na porta.

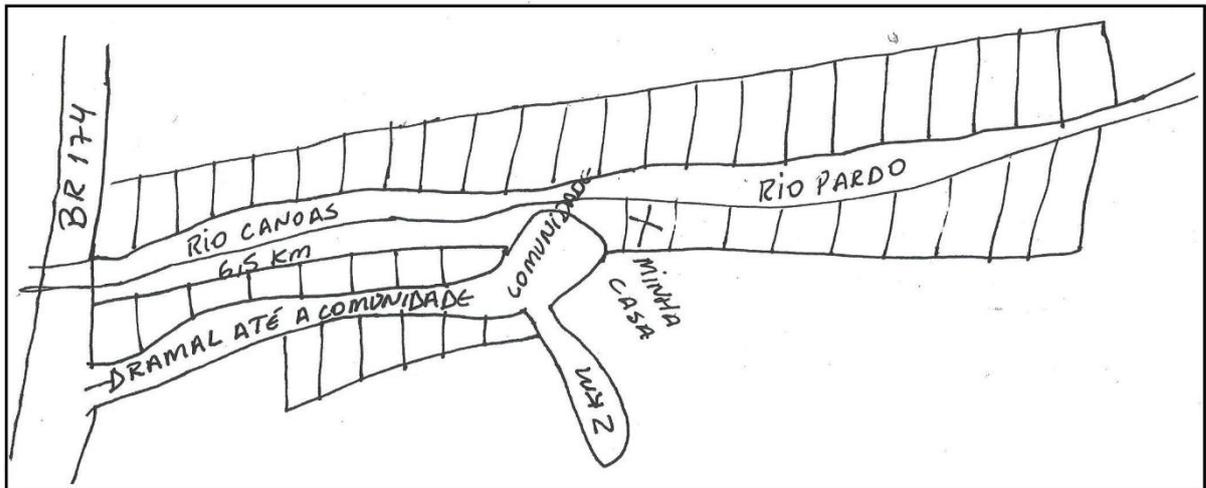


Figura 20: A revelação do Canoas para o Migrante Assentado 01.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010

Conforme a representação gráfica acima, o Canoas se manifesta como um conjunto de lotes a serem distribuídos. Trata-se de um Projeto de Assentamento e não de um lugar, sem a presença da floresta e do homem.

Migrante Assentado 02

Para este, o canoas era apenas uma comunidade com umas doze casas aproximadamente. Não havia ramal que conduzissem aos lotes, era somente uma picada, como pode ser melhor analisado na figura 21.

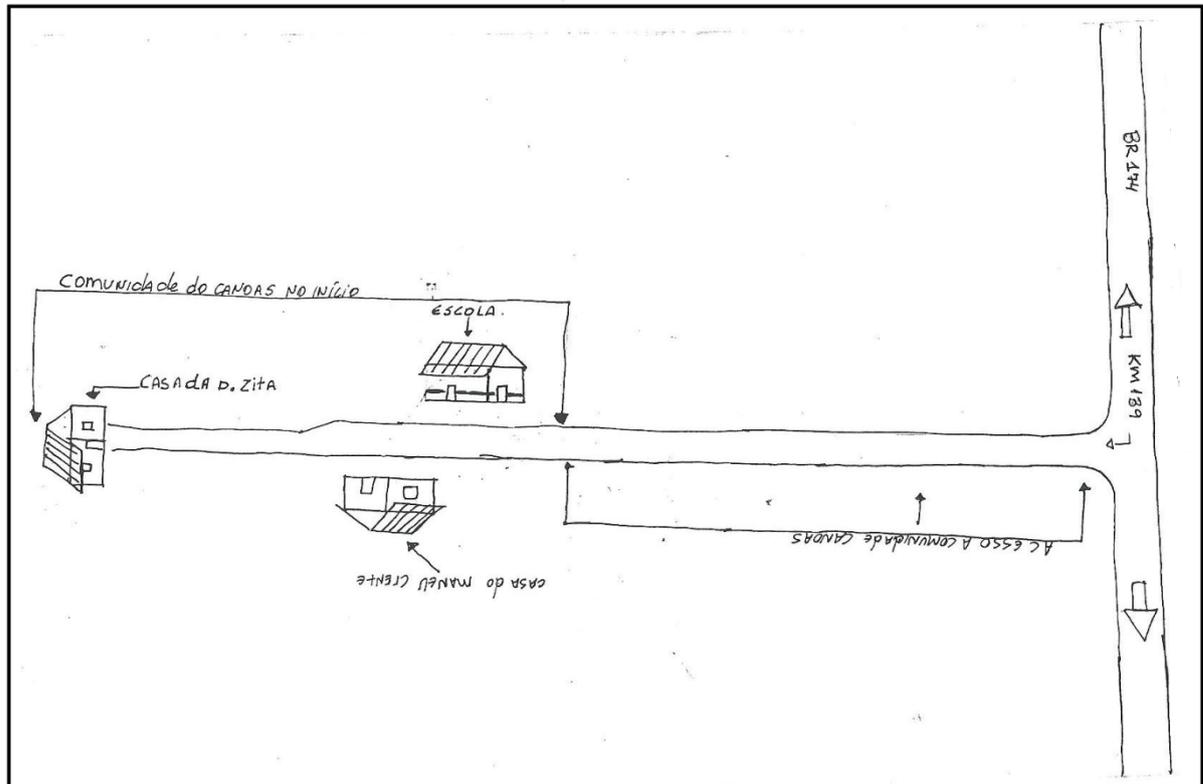


Figura 21: A revelação do lugar para o Migrante Assentado 02.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Migrante Assentado 03

Este colaborador não faz a representação gráfica do Canoas no momento da chegada, nem atualmente. Quanto ao período de sua chegada, afirma que o lugar mudou muito pouco. Quando chegou já tinham sido abertos os ramais. Adquiriu o lote de um ex-assentado, que retornou para Manaus. Quanto às suas experiências, relembra as grandes lutas que passou quando chegou. Veio sem condição financeira, somente com a família. Não conhecia ninguém, então foi um período de em que sofreu muito com enfermidades, às vezes até mesmo com a falta de alimento. “Foi muito difícil”, reafirma. “Mas de cinco anos para cá melhorou. Graças a Deus estou bem, e não tenho intenção de sair daqui”.

Migrantes Assentados 05 e 06

Os Migrantes Assentados 05 e o 06 são casados. Passaram muita dificuldade quando chegaram no Canoas. Ela afirma que “mesmo assim, sentia uma

alegria tão grande, tão grande, inexplicável”. Os dois trabalhavam. Ele cuidou da derrubada, construção da casa, fez o roçado. Ela cuidava das crianças e dos afazeres domésticos. Quando davam seis horas da tarde, ele ainda estava encoivarando, e ela limpando ao redor da casinha. Bom, como os mesmos ainda não tinham plantação, os vizinhos davam banana, macaxeira e batata. Dias depois o esposo conseguiu um serviço em um bananal no Rio Pardo, Projeto de Assentamento próximo ao Canoas. Ele passava a semana lá, só vinha em casa nos finais de semana. Então ele foi trabalhando assim, e foi também, fazendo plantio em seu lote. Plantou arroz, “porque maranhense gosta de arroz demais”. Plantou milho e banana. Trabalhava de domingo a domingo, sol e chuva, dia e noite, trabalhava para ele e para os outros. “E foi assim que começou”. Na figura 22 está representado a manifestação do Canoas para estes sujeitos.

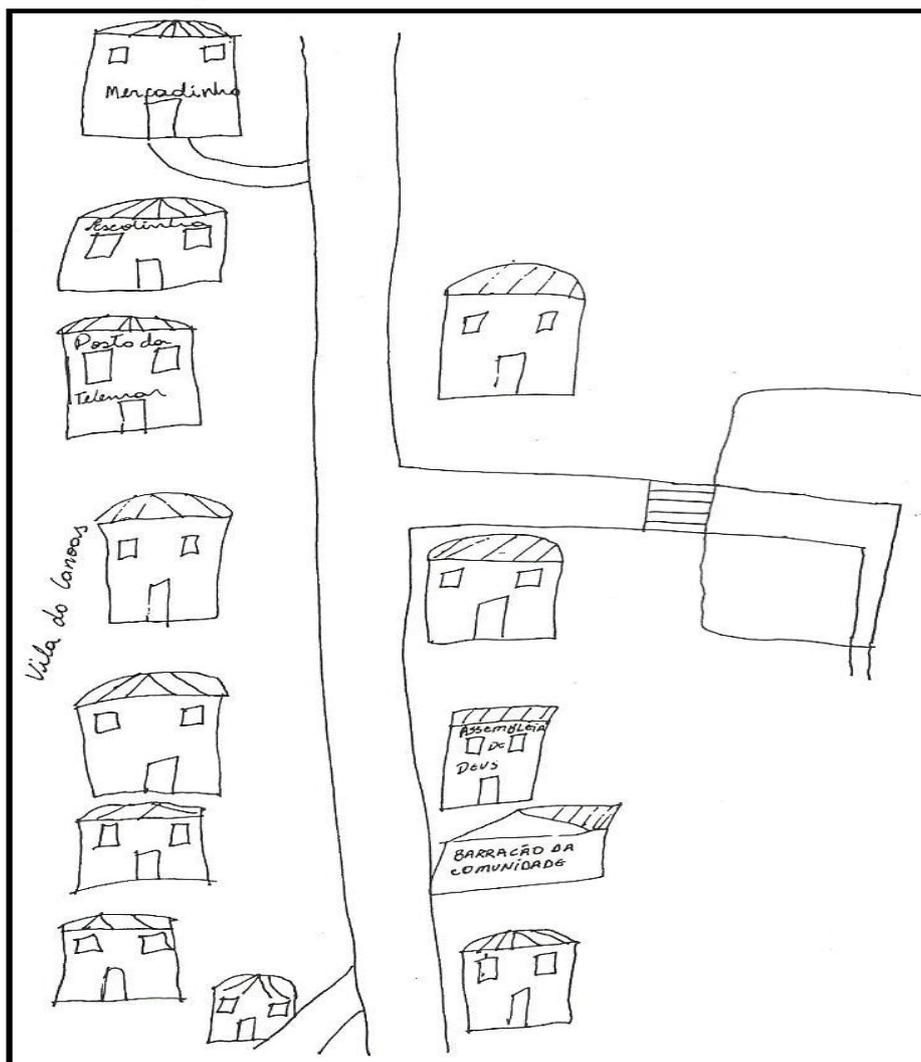


Figura 22: A revelação do lugar para os Migrantes Assentados 05 e 06.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Nela percebemos o lugar enquanto uma vila onde são destacados os seguintes pontos de referência: o mercadinho, a escola, o posto telefônico (a esquerda) e a igreja e o barracão da comunidade (a direita). Quando chegaram a estrada do ramal onde moram já estava sendo construída (rua que dar acesso ao Bom Jesus à esquerda no Mapa Mental), mas ainda não chegava até o lote deles. Mesmo assim, foram morar no terreno.

Migrante Assentado 07

Então eu vim para cá por causa das terras. Aqui é um assentamento para agricultura, agente tenta através da agricultura se manter. Agente tem a expectativa de um sonhador: de melhora, sempre espera que melhore.

O Migrante Assentado chegou em 1996. Recorda que no período de 1996 até 1998 chegaram muita gente de fora, do estado do Pará, principalmente. Este era o momento em que muitas pessoas retornavam para buscar suas famílias, e, dessa maneira iam transmitindo a informação a outras pessoas sobre o P.A. Assim começou a surgir interesse de outras pessoas que lá no Pará viviam e que tinham interesse em possuir uma terra. E a informação era que o INCRA naquela época dava terra e também o crédito Fomento e Habitação. Ele instalava a família e dava uma vida de qualidade, o que impulsionava o deslocamento de famílias que não tinham terra e vinham em busca da propriedade da terra. Esse foi o período que chegou mais gente de fora. Acrescenta que o Canoas não tinha estrutura para receber família nenhuma. Cita o exemplo de seu irmão que deixou a família em Manaus e veio explorar a região para poder adquirir uma casa e se estabilizar com a família, tentando assim dar uma vida digna para a mesma. Nessa época os moradores produziam banana e extraíam cipó. No primeiro momento o ramal do Canoas era somente até a Comunidade, depois é que fizeram até o ramal do T. Esse era todo o trajeto que as pessoas faziam. Lembra que o lugar era constituído

apenas por algumas famílias, que já viviam no lugar e outras que já tinham sido assentadas pelo INCRA. Primeiro a D. Zita, depois o Pedro Pereira e lá no início tinha o Eliézio. Na Comunidade do Canoas tinha um colégio, “que era só um colégio”, com duas salas, um posto telefônico, um postinho de saúde. E as casas que tinham era a casa da D. Cosma, do Seu Daia e do Seu Manoel Crente (figura 23).

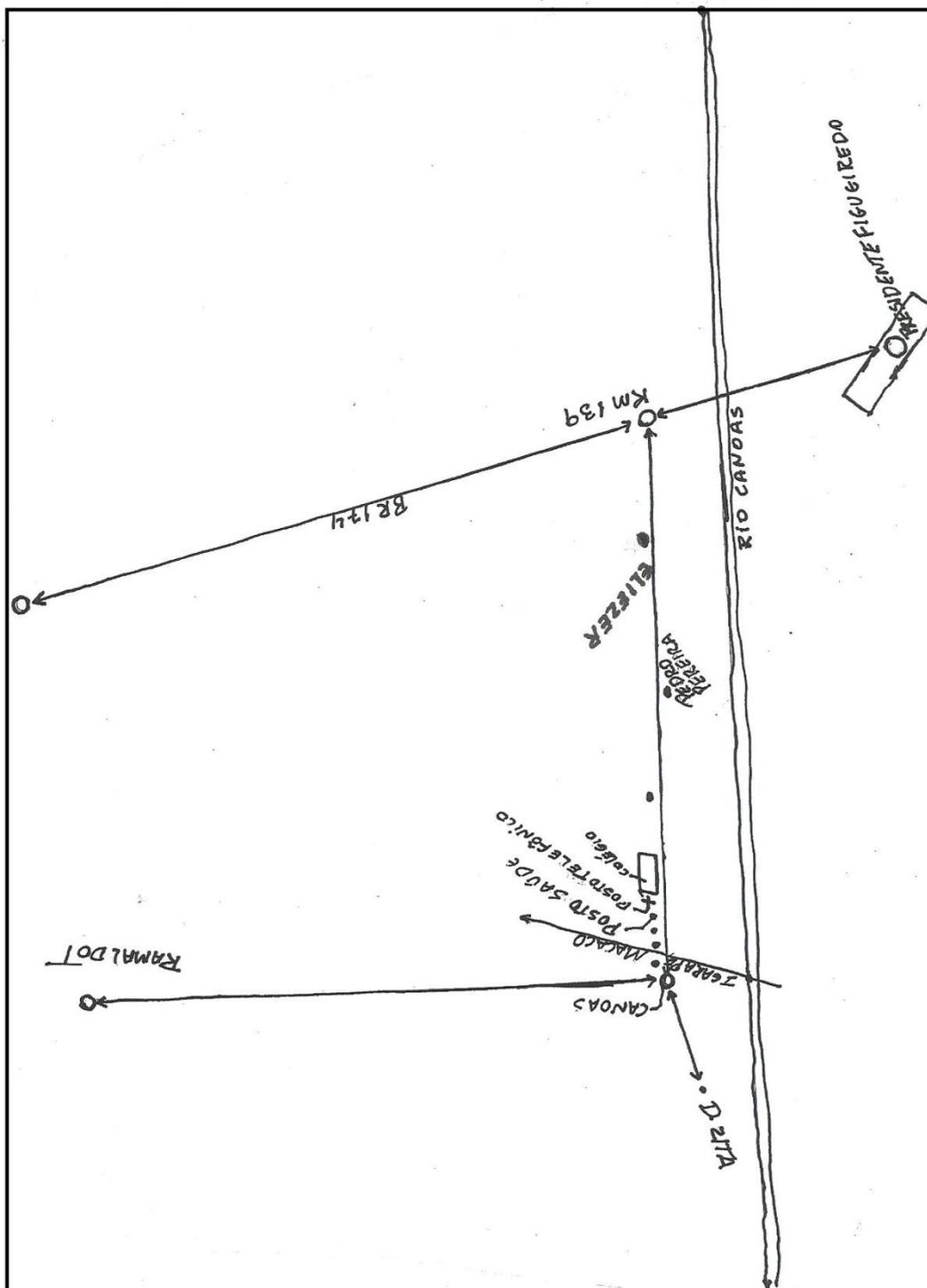


Figura 23: A revelação do lugar para o Migrante Assentado 07.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010

Migrantes Assentados 08 e 09

Casados, vieram praticamente no mesmo ano. Ele veio no final de 1995 para conhecer e tirar o lote. A figura 24 revela um grupo de sujeitos

reunidos no barracão da comunidade antes de olhar os terrenos. O Migrante Assentado 09 adquiriu o terreno em dezembro de 1995. Em janeiro de 1996 mudou-se com toda a família para o PA. Quando chegaram, da vila até o terreno era só uma picada, ainda não tinha estrada. Era mata pura (figura 25). Tinha um barraquinho em outro lote que chovia mais dentro do que fora. Mas traziam uma lona grande, cobriram o barraquinho e ficaram lá até fazerem o barraco no próprio terreno. Sair de Manaus e ir para o Canoas significava criar os filhos longe da marginalidade da cidade grande, liberdade e ar puro.



Figura 24: Barracão da Comunidade.
Foto:S/A, dezembro/1997

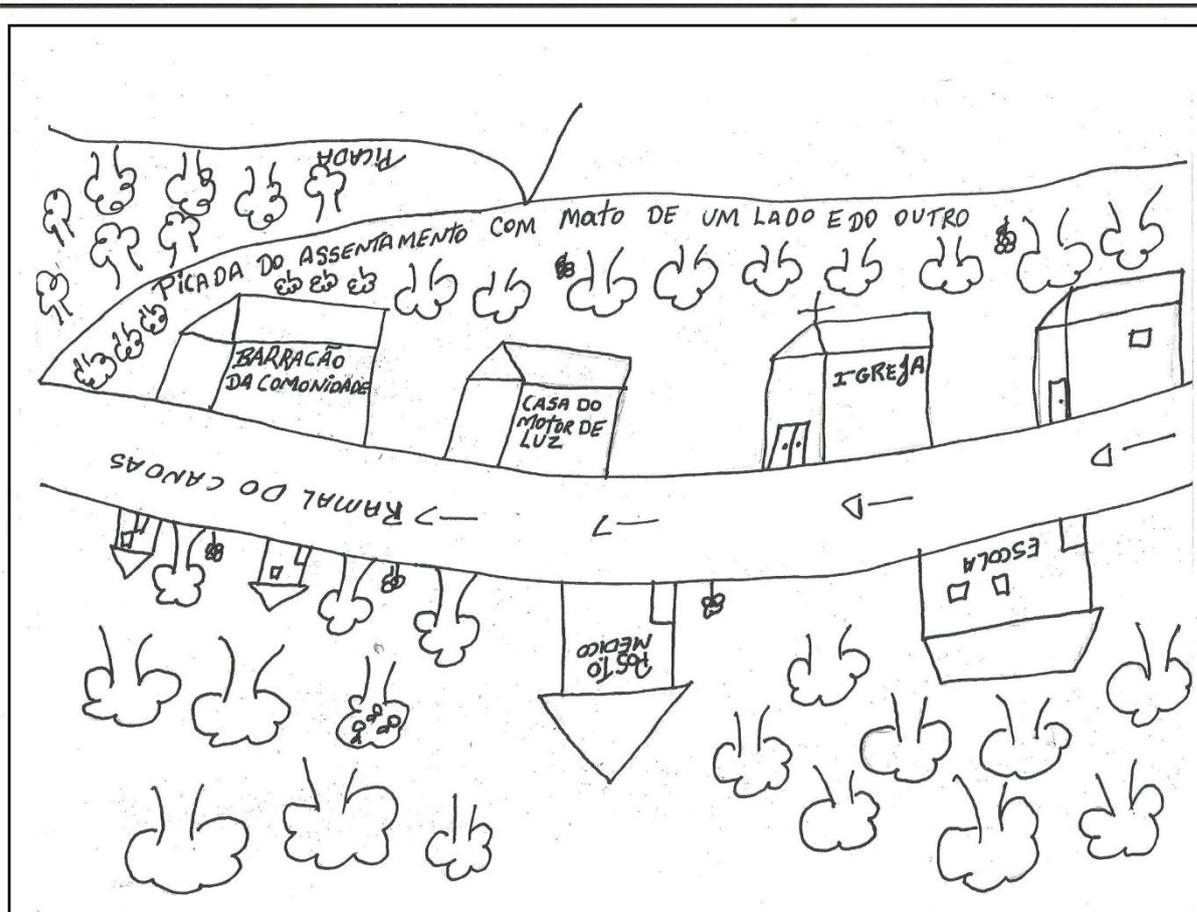


Figura 25: A revelação do Lugar para a Migrante Assentada 08.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Neste Mapa Mental o Canoas se manifesta através dos pontos de referências já mencionados, tais como o barracão da comunidade e a escola, acrescentando a casa do motor de luz e o posto médico. Além desses elementos a floresta é parte significativa na constituição do lugar. Quanto aos ramais, representa apenas a picada que dava acesso a seu terreno.

Migrante Assentada 10

Em seu depoimento enfatiza a tranquilidade do lugar quando chegou. No que diz respeito às transformações afirma que “evoluiu muito pouco, mas o canoas quando eu cheguei era melhor. Não tinha essa baderna que tem hoje”. Na vila tinha o colégio, algumas casinhas, poucos comércio (figura 26). Não tinha o movimento que tem hoje, carro para lá, carro pra cá, entra e sai toda hora, não tinha. O ramal do Bom Jesus era vareda, ou seja, era picada. Em

1998 despontou no Assentamento, era muito melhor. Tinha mais segurança. As pessoas andavam sem medo pelas estradas.

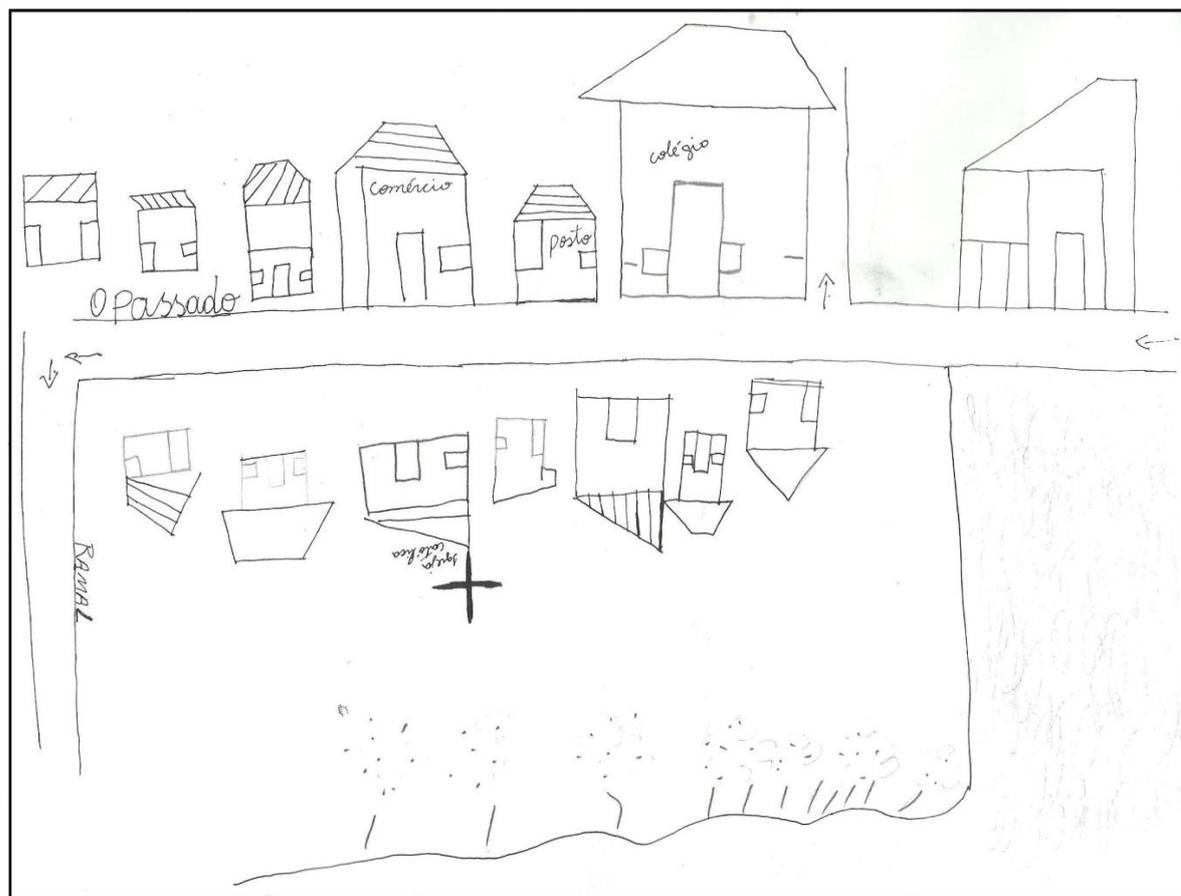


Figura 26: A revelação do lugar para a Migrante Assentada 10.

Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

O Presente e a Perspectiva do Futuro

Migrante Assentado 01

Para este Assentado foi um avanço muito grande em pouco tempo. Nada oficial, mas pela quilometragem de sua moto são 93 Km de Ramais hoje trafegáveis na região do Assentamento. Hoje o Canoas é assim: Muitos ramais (figura 27), quase todos com energia elétrica; bem assistido com saúde, escola e transporte de produção. Mas, produção de agricultura familiar quase não tem mais. No Mapa Mental em que faz a representação gráfica atual do Canoas, segue o mesmo perfil do Mapa que demonstra o Canoas no período de sua

Vivencia o lugar há 13 anos, e, para ele nos últimos três anos a mudança foi muito brusca e de certa forma para pior. O rumo da história mudou, pois ao invés de plantarem bananas ou criarem galinhas, porcos ou carneiros é melhor derrubar uma árvore que dá em média 8 a 10 m³ de madeira que é vendido, hoje 8 de abril de 2010 a 160 reais o metro, resultado: é mais lucrativo mexer com madeira. Mas não é apenas este o fato da Agricultura não dar certo. No Assentamento os que têm mais recursos estão comprando os lotes e os agricultores estão virando caseiros. Grandes fazendeiros estão comprando vários lotes e anexando uns aos outros e formando grandes fazendas para criação de bovinos. Como exemplo cita um caso que aconteceu no ramal onde está localizado seu lote.

O meu ramal como se pode ver no mapa é de apenas 1.100 metros, eu já perdi quatro vizinhos, pois um único fazendeiro comprou quatro lotes e formou uma fazenda com mais de 300 bois e mantém apenas um vaqueiro tomando conta, na qual não produz nada além de boi. No Assentamento, hoje também é produzido mais de “cinco mil portas” por mês e mais aduelas e Kits para estofados. São muitas as famílias vivendo exclusivamente de madeira, e 90% madeira ilegal. Instalaram-se na vila várias “movelarias” que produzem portas em escala industrial. Uma em que eu trabalhei, consome em média 400 m³/mês. Com a facilidade do dinheiro circulando vieram os problemas sociais: drogas é o carro forte, seguido de prostituição (principalmente infantil), bebidas e até latrocínio. Queda brusca na produção agrícola e aumento muito grande na extração de madeira, do desmatamento para pastagem, aumento da marginalidade, empobrecimento a curto prazo do assentamento.

Desafios a serem superados:

1 a inadimplência com o BASA é um grande gargalo;

2 A falta de novos créditos e incentivos à agricultura familiar é outro empecilho;

3 A falta de assistência técnica de qualidade e capacitação é um grande entrave no desenvolvimento sustentável familiar.

Migrante Assentado 02

O Canoas para este significa um campo de evangelismo. Seu desejo é anunciar o evangelho. Hoje faz parte do assentamento, e às vezes entra em

conflitos com sujeitos que questionam sua condição de pastor e não de agricultor. “O meu objetivo aqui dentro é simplesmente anunciar o evangelho e passar para as pessoas o que eu recebi. Agente só quer passar para as pessoas aquilo que é bom, eu pelo menos sou assim”. Hoje não sabe se permanece, ou não, no Assentamento, porque a Igreja tem um Ministério, e é quem determina para onde ele vai. “E a própria Bíblia diz que agente não sabe de onde vem nem para onde vai”. Afirmo “aqui é o lugar que eu amo, porque eu ajudei a desenvolvê-lo. Eu não criei, mas faço parte disso aqui”. Querem que ele seja um produtor rural, mas ressalta que os assentados não têm apoio do INCRA e a política que os impossibilita de trabalhar para preservar o meio ambiente. “É o desenvolvimento sustentável, mas no Canoas esse desenvolvimento não chegou. Que é o que realmente a Comunidade precisaria para que tivesse um meio de vida melhor, um conforto melhor, tivesse o mínimo necessário para sobreviver”. Lembra do momento em que foi assentado quando os técnicos do INCRA deixaram claro que o assentamento era para a agricultura de subsistência. “Mas até para a agricultura de subsistência existe o mínimo, e muitas vezes nem esse mínimo tem chegado. Isso não é uma crítica. É somente o que eu vejo”. O lugar é constituído de um povo carente. Com todas as dificuldades é feliz. Sente-se bem. Sente-se do lugar.

Eu não me sinto mais um novo baiano, hoje eu me sinto livre porque eu faço o que eu gosto. Quando não estou no evangelho, to batendo meu sítio, pego o caniço vou no igarapé pegar um peixinho, vou fazer uma farinha quando o vizinho me chama, eu acho gostoso, eu acho bom. Planto uma macaxeira para os meninos comerem, planto uma banana. Agente toma uma água de coco. Quando o negócio aperta mesmo, agente tira açaí para vender ou para tomar.

Nesses 12 anos de assentado nunca trabalhou fora. Além das atividades citadas acima, vive, também, do evangelho. Reafirma a venda de lotes pelos assentados, que o fazem justamente por não terem condições de desenvolverem o trabalho. Em seu mapa mental dar destaque a vila do Canoas que centraliza o PA. Os igarapés que cortam o lugar e os principais ramais.

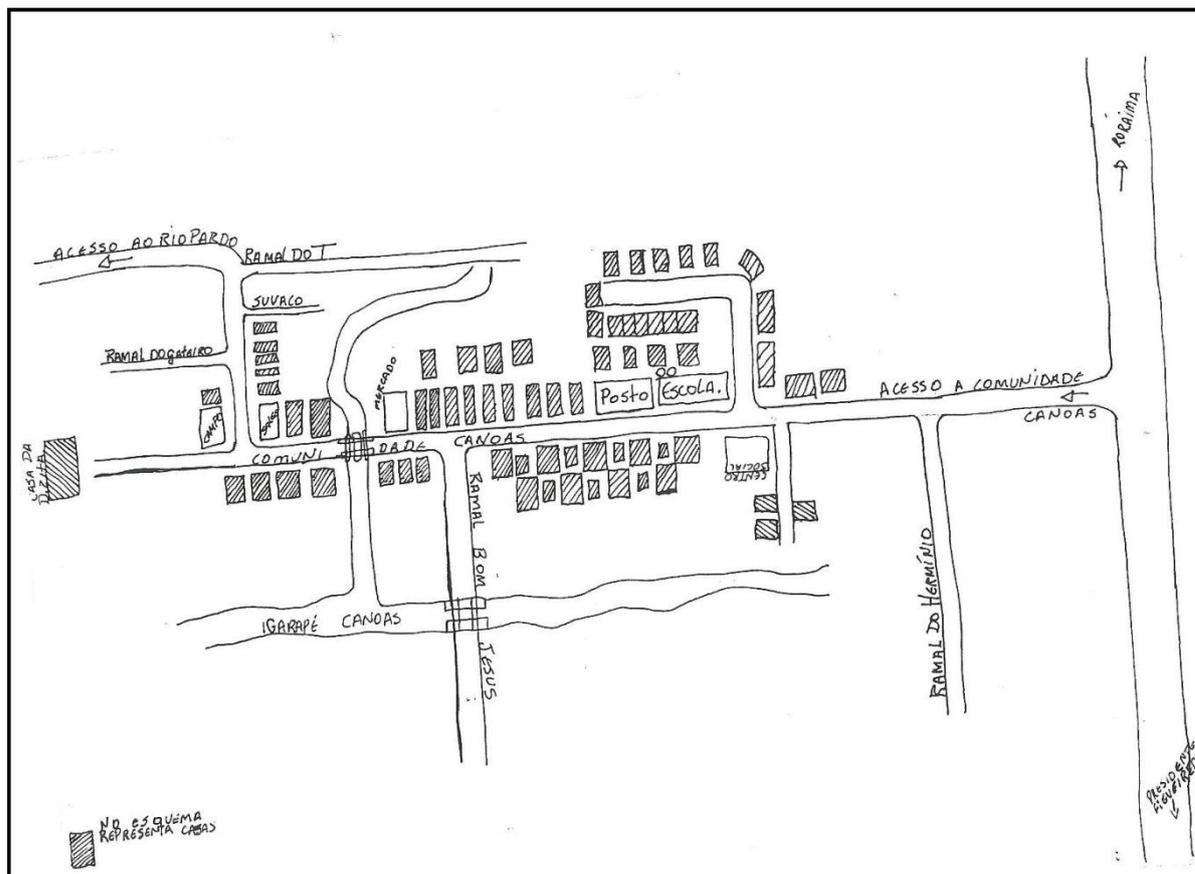


Figura 28: O Canoas atual do Migrante Assentado 02.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Migrante Assentado 03

É pedreiro, carpinteiro, mas também trabalha roçando mato, como ele mesmo disse: “juquireiro”. Trabalha diárias e empreitas para os amigos, além de trabalhar em seu próprio lote. Gosta da tranquilidade do lugar. Disse-nos que já tentou ir embora duas vezes para Manaus, foi, mas não se acostumou, voltou.

Aqui agente não tem preocupação, marginalidade, essas coisas. É um lugar muito tranquilo, então a bondade daqui é essa. É um lugar sadio, não tem peste, não tem doença, é difícil a pessoa ficar doente, a única doença que aparece aqui é a malária, mas é por época, mas tem até a época dela. É no começo do inverno. De novembro para janeiro e de janeiro em diante, é quando começa a chover que fica aqueles poços de água, água nova.

A convivência é muito boa, ótimos vizinhos, e também tem grandes amigos, são pessoas boas, pessoas de responsabilidade. As frutas do sítio são poucas, ressalta que talvez pelo fato de chover demais não tenha muitas frutas. O que mais dá é coco e manga, e dá bastante banana. Ele não tira seu sustento da terra, ou seja, da propriedade. Afirma ser por falta de condição financeira, até porque ainda não recebeu nenhum benefício do INCRA (Habitação e Fomento).

Migrante Assentado 04

Para ele em 1993, quando chegou, era muito difícil as coisas no Canoas. Hoje, a vista do que era, é bom. É claro que muito ainda pode ser feito para melhorar. Por exemplo, as estradas ficam intrafegáveis quando chove. Em sua insatisfação nos fala que o governo deveria prestar assistência ao assentamento, pois onde os agricultores têm apoio, rapidamente melhoram de vida. Em outros lugares como, “Boa Vista, Apuí, o financiamento sai. O técnico está lá dentro com o produtor rural. No Canoas isso não acontece. Mesmo assim, “aqui é bom. Mas o cara sem dinheiro ele não trabalha, sem um técnico, também não”. Nos disse que enquanto os meninos estiverem pequenos continuam no Canoas. Depois que eles crescem seguem o destino.

Porque o destino da gente quem sabe só é Deus. Se não melhorar, o plano é sair. Estou trabalhando, ajeitando o sítio, quando der certo eu vendo. Vou procurar um lugar para esses meninos se empregarem, aprender alguma coisa. Aqui eles só vão aprender a puxar enxada, não vou deixar eles se acabarem aqui dentro.

Em seu mapa mental (figura 29) percebemos tanto os aspectos naturais quanto humanos que se manifestam no lugar, destacando o principal ramal que dá acesso ao PA. a partir da BR e o ramal do Tracauá onde está localizado seu terreno.

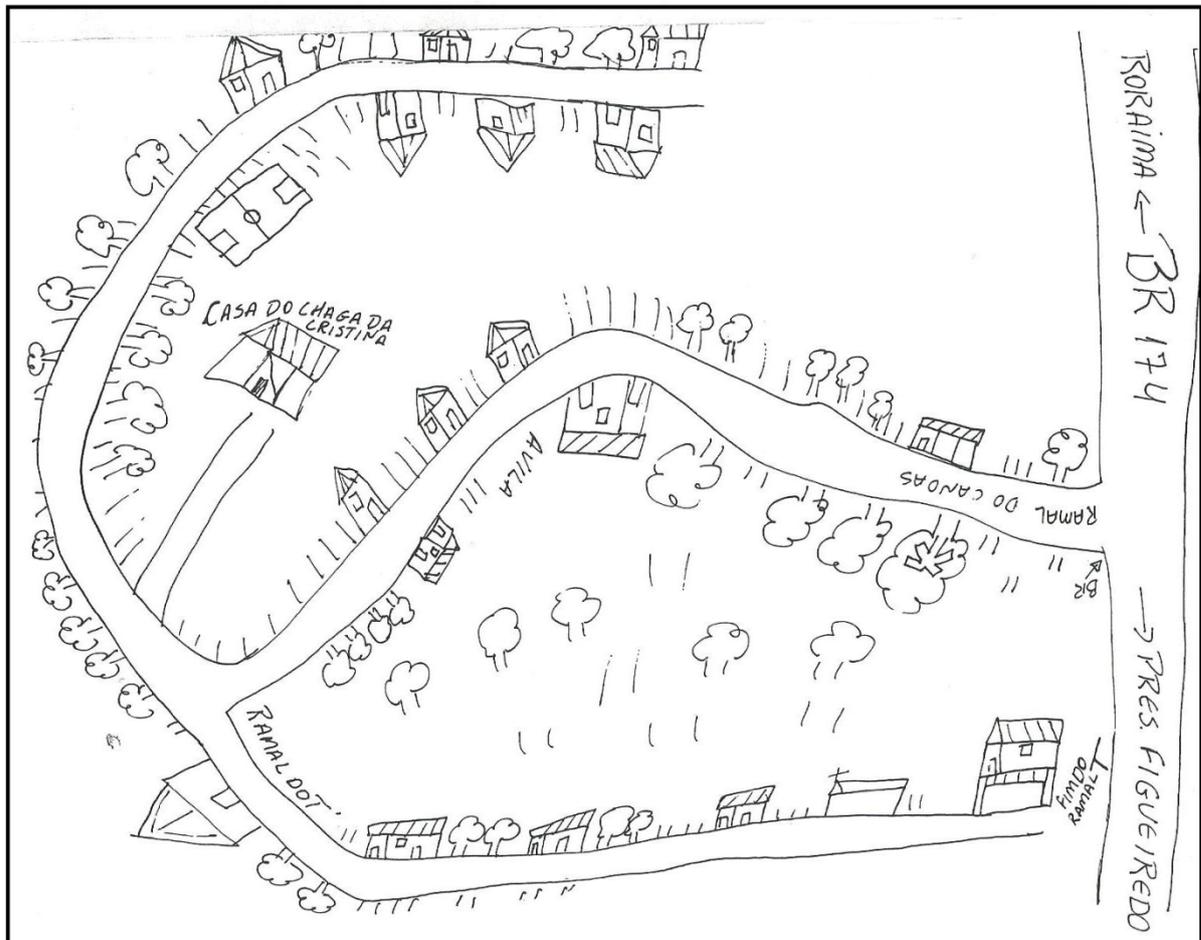


Figura 29: O Canoas atual do Migrante Assentado 04.
Fonte: Trabalho de Campo, abril/2010.

Migrante Assentada 05

A migrante Assentada 05 demonstra uma forte relação de pertencimento com o lugar. “Eu gosto demais daqui. Se dependesse de mim eu não tinha nem nascido, nem me criado lá no nordeste”. Explora em sua consciência as atividades que desenvolvia, e a árdua labuta de todos os dias. Era quebradeira de coco. “Lá as mulheres trabalham de mais, é no roçado, é quebrando côco babaçu, é cuidando dos filhos, tem que deixar comida no roçado para o esposo. Nunca veio na minha mente voltar para o Maranhão”. Outra questão era o acesso à terra. “Lá qualquer pedacinho de terra é caro demais, lá é só fazendeiro mesmo, e aqui não”. Cultivam coco, cupuaçu, tem um bananalzinho. Mas menciona o estranhamento na criação de gado que é muito difícil, diferente do Maranhão. Também é muito difícil o plantio de milho, de arroz, feijão, que não dá como lá no nordeste. “Não é dizer que a terra não

dá, porque dá, mas é mais fraco”. No que diz respeito ao acesso à educação, para ela no “Canoas tudo é mais fácil, tem até colégio para os filhos estudarem”. Em sua narrativa tem seu lugar de origem como ponto de referência. Destaca os aspectos positivos e negativos nas comparações feitas entre o lugar de origem e o de destino. Em seu mapa mental (figura 30) do Canoas, o representa destacando mais uma a vila que centraliza o lugar, acrescentando o colégio e o mercadinho construídos recentemente. Inclui também a construção do ramal Novo Progresso à direita.



Figura 30: O Canoas atual da Migrante Assentada 05.
Fonte: Trabalho de campo, abril/2010.

Migrante Assentado 06

Hoje só podem desmatar 20% dos lotes, para ele isso significa um impecilho na realização do trabalho. Em seu depoimento transparece sua insatisfação com a realidade das políticas ambientais no Assentamento.

Hoje o IBAMA não nos deixa mais trabalhar, agente só pode desmatar 20% dos lotes, ta certo porque as coisas tão ficando cada dia pior, daqui uns dias o governo não vai deixar desmatar mais nem isso. Mas quem não pode desmatar são os pequenos, porque os grandes desmatam quanto quiser. Porque eu sei que tem um cara ali perto da vila que comprou o lote do outro e desmatou quase tudo, encheu de capim. Meu vizinho derrubou uma quadra foi multado em dois mil reais, e teve que pagar. O outro derrubou trinta quadras, queimou, encheu de capim e está lá.

Considerando toda a burocracia para a obtenção da licença pelo IBAMA para fazerem a derrubada, este colaborador nos fala que fez suas derrubadas todas ilegais.

Illegal por que? Só para você ter uma idéia: a primeira vez que eu desmatei derrubei essas duas quadras aqui mas não fui no IBAMA. A segunda vez eu queria derrubar três quadras ai fui no IBAMA. Cheguei lá informei que eu queria tirar uma licença para desmatar três quadras. Ele disse tudo bem, perguntou quando você vai começar, eu disse rapaz eu quero começar agora. Ele disse, não, é o seguinte tu vai dar entrada nos papéis aqui e vai esperar o papel chegar lá para começar o serviço. Eu disse tudo bem. Vim embora, cheguei aqui, no outro dia peguei o terçado e fui para o mato, botei os trabalhadores e roçamos três quadras. Depois mandei derrubar, isso em 2000. Para encurtar a história até hoje não chegou esse documento. Entao também não vou mais.

Após manifestar sua insatisfação com as políticas ambientais voltadas para o Assentamento, relembra como as relações hoje estabelecidas no lugar foram acontecendo.

Quando chegamos os moradores aqui faziam mutirão. Depois foi entrando um mal estar no meio do povo, e hoje é cada um por si e Deus por todos. No nordeste é assim: eu estou com o roçado cheio de arroz maduro, estou doente, o pessoal sabe que eu estou doente, o que acontece: reúne um grupo de homens, de acordo com o tamanho da roça e vão cortar o arroz e por no paiol. E não cobra nenhum centavo seu.

Para ele o Amazonas é lugar de indústria, não de agricultura.

O governo não investe na agricultura, porque ele quer preservar a Amazônia. O agricultor vive aqui pela misericórdia de Deus. Não que a terra vá ajudar e agente também não tem assistência técnica. No nordeste você planta uma lata de arroz, tu apanha vinte alqueire de arroz, o que significa doze sacas de arroz limpo. E aqui se agente planta uma lata de arroz, vai dar no Maximo duas sacas de arroz limpo. Aqui não é terra de agricultura.

Devido essas características agrícolas do lugar, menciona que precisam recorrer a outros meios, porque se não passam fome.

Então o Amazonas é um lugar muito bom de sobreviver, mas o agricultor vive aqui de teimoso, porque tu plantas, mas se não tiver adubo, não dá. Aqui tu plantas uma muda de banana, se você não por adubo ele não vai passar daquele tamanho, porque não tem o que comer, lá no nordeste, você põe uma muda de banana num buraco, com um tempo ele está um monstro, com um cacho de banana que você quase não consegue carregar. Aqui no Amazonas não é lugar de agricultor viver, vive porque é a profissão que tem.

Mesmo mediante as dificuldades enfrentadas, demonstra grande afeto pelo Amazonas, em sua fala faz continuamente comparação entre o lugar de origem e o atual. Compara a vizinhança do Maranhão com a do Amazonas, essa foi a característica do lugar que mais estranhou.

Minha mulher estranhou muito quando chegou aqui no Amazonas. Lá no Maranhão é assim: você tem um vizinho, quando você está doente ele não sai da tua casa. Todos os dias ele vai te visitar. Fica até tarde da noite conversando. Aqui não. Minha mulher adoece você não ver um vizinho vindo aqui visitá-la. Não é porque nós sejamos mal elemento, não. Eu acho que é o estilo do lugar, do lugar mesmo, do Canoas. É o clima do lugar. Você ver a diferença.

Ressalta que do Canoas só sai quando partir para “a glória com o senhor”. Relembra dos momentos difíceis que vivenciou em Manaus. Ele sabe que a vida na cidade para quem não tem uma qualificação é muito difícil. Então pretende continuar seu trabalho neste lugar chamado Canoas, que conforme seu mapa mental (figura 31) é representado através dos ramais do Urubui I e II e Novo Progresso ou comunidade Bom Jesus.

Muitas coisas mudaram. Hoje já tem um colégio que funciona até o terceiro ano do ensino médio. Quando chegou tinha até a quinta série. Aumentou o número de alunos. “Hoje já se fala em 500 alunos pela parte da manhã. “O Canoas está saindo da fumaça e manifestando sua cara”. Já tem educadores formados do próprio Canoas. Hoje em dia tem casa para educadores de nível mais elevado para poder ajudar a preparar cidadão na comunidade”. Há também extração de madeira, cita o caso das movelarias que são responsáveis por parte do desenvolvimento econômico local. Há também, muitos funcionários públicos: guarda municipal para guardarem o patrimônio público que é o colégio, centro social e o posto de saúde. Tem professor, agente de saúde, técnico em enfermagem. A atuação das serrarias apresenta as duas faces da mesma moeda. Por um lado é uma fonte de renda, o problema está na falta de um projeto de reflorestamento.

Eles poderiam em conjunto com os órgãos competentes conseguirem as mudas, e comercializar para o próprio parceiro que extrai a madeira do Assentamento ir plantando no local. Falta uma pessoa que tenha conhecimento da área para poder conscientizar tanto os moveleiros quanto os parceiros que extraem a madeira, da importância de reflorestar aquilo que ele retira. Ou mesmo orientar os próprios parceiros para fazerem os canteiros. As movelarias contribuem muito para a economia do Canoas. E se elas saírem daí muita gente vai passar fome, vamos voltar para a estaca zero outra vez. Viver só da agricultura não dá, não tem condições. Você tem o produto, as estradas são muito ruins para escoá-lo.

Contudo, o seu desejo é de continuar no Canoas. Enfatiza que chegou no Canoas solteiro, casou-se e tem quatro filhos. “O canoas foi bom para mim. E quero criar meus filhos aqui. Para mim o Canoas está bom, é claro que precisa melhorar”. Em seu mapa mental que representa o Canoas na atualidade inclui também a região do PA Rio Pardo. Destaca a vila e alguns moradores que vivem nos lotes. Dar ênfase a comunidade Bom Jesus, ramal Novo progresso onde está localizado seu terreno. Neste ramal destaca a igreja onde se congrega e a escola, além dos vizinhos.

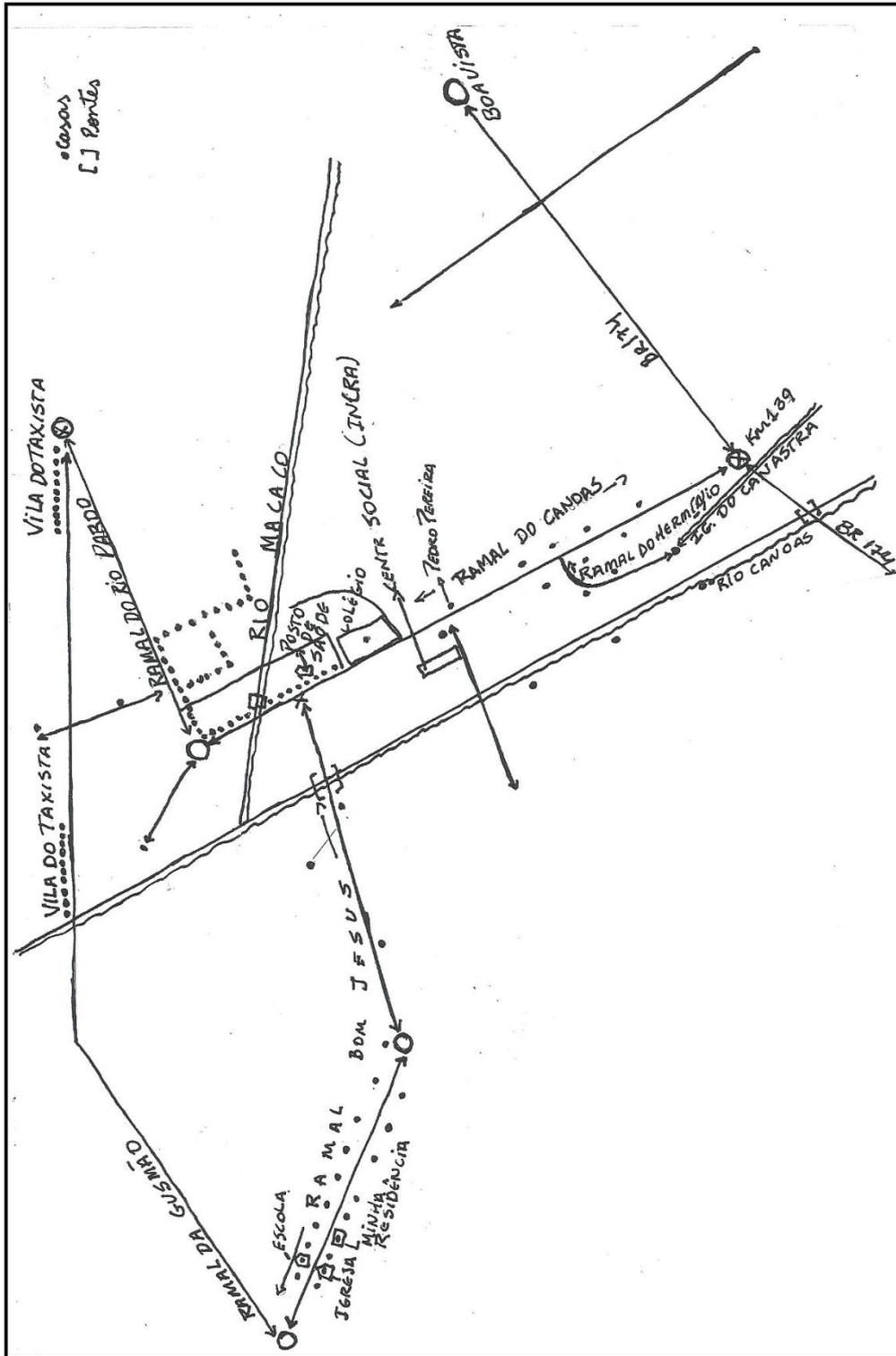


Figura 32: O Canoas atual do Migrante Assentado 07.

Fonte: Trabalho de campo, abril/2010.

Migrante Assentada 08

Com os filhos criados, ela nos fala sobre a vontade que os mesmos têm de vê-los morando na cidade, devido terem uma idade avançada e o trabalho ser pesado. Ela tem problema de coluna, já se machucou trabalhando com gado, “apanhei duas vezes, já cheguei a cair carregando banana nas costas, hoje em dia tenho um problema sério de coluna, nem capinar meu quintal eu posso mais”. O esposo (Migrante Assentado 09) há um ano havia sofrido um infarto. “Então por isso tudo, pelos gostos dos filhos, agente já tinha vendido isso aqui, ou pelo menos alugado uma casa em Figueiredo, mas se eu tiver de ir embora daqui, posso até ir para Figueiredo que é uma cidade pequena ainda, cidade grande eu não quero mais”. Hoje ela não vive mais no Canoas. Desde que seu esposo partiu deste plano terreno, mudou-se para Figueiredo, onde mora com a filha. Mas quando ainda vivia no Canoas, em seu depoimento fez a seguinte declaração:

Pra morar aqui é maravilhoso, o ar puro, o sossego. Não tem carapanã, é um clima gostoso. Na cidade é muito quente, muito barulho. Na questão da saúde agente é até bem assistido aqui. Agente tem uma equipe médica aqui. Nem que seja uma ou duas vezes por mês, mas o médico vem. Se agente precisa fazer um exame em Manaus, tem a assistente social do município que já marca esse exame, tem o carro do hospital em Presidente Figueiredo que leva e trás a pessoa. Eu prefiro continuar aqui no assentamento.

Em conversa recente disse só ter saído do Canoas porque não dá para morar sozinha. Ao fazer o mapa mental do lugar (figura 33) representa-o com detalhes, demonstrando a afeição que tem pelo mesmo. No que diz respeito aos ramais destaca apenas o ramal do Tracauá por ser onde vivenciou o Canoas durante todos esses anos.

roça pequena. Aí deu aquele mal, tal de cigatoca e moco, e assim foi decaindo. Era nossa melhor produção, mas foi caindo e esta é a nossa situação aqui. O IBAMA te proíbe de desmatar, você não pode plantar mais de um hectare. O governo quer te cobrar energia, ele quer te cobrar tudo. Você trabalha um hectare em uma terra ruim dessa, que essa terra é ruim. E aí você vai comer o quê? Eu estava deixando a agricultura para criar gado, pensando ainda que era favorável fazer pastagem, mas com essa proibição o muito que você puder criar é dez ovelhas. Você ver minha área aqui é improdutivo, uma área dessa aqui é um pântano danado. Aí na frente é só um pantanal. Os igarapés não podem ser atingidos. Eu estou abandonando a agricultura, abandonando a criação de gado, que para mim é a melhor criação. O governo te dá até um bom incentivo nessa parte, você pode fazer um empréstimo para criação de gado de 1,15% ao ano. Bom ele te favorece de um lado, mas do outro não. O que o gado vai comer se não pode ter pastagem? Então agora vou lidar com piscicultura. Outra situação é a atuação das movelarias, mas o que é que o povo pode fazer? Estão extraindo madeira sem orientação. O IBAMA só aparece quando é para punir. Eles deveriam de ter vindo no momento em que essas oficinas chegaram para orientar e coisa e tal. Não sabem orientar. Muitas vezes a pessoa faz um erro por falta de orientação. Recorda o período quando ainda existia o IBDF. Por isso é que eu dei valor ao exército, naquela época quando era o militarismo. Porque o IBDF orientava todo mundo. Ele distribuía aquelas cartilhas, indicando a área que você podia derrubar, podia caçar. Eles te davam carteirinha com o limite de caça que você podia caçar e o período do ano, o mês que os bichos estavam em gestação. Isso tudo tinha na cartilha. O IBAMA não faz nada, ele só vem para punir. Chegam, tomam os jericos, motosserra, a madeira. Muitas vezes um coitado daquele está devendo a gasolina, a lima, a corrente, está tudo fiado. Eles não querem nem saber, eles apreendem o material. De início não era para eles apreenderem, era para eles orientar. Bom eu não sei qual é a finalidade disso aqui. Eu acho que é jogada do governo. Veja só, a pior parte é você chegar e desbravar. Você pega um bicho bravo, a pior parte é amansar. O brabo é mais barato, o mansinho custa bem mais. Então uma mata dessas depois de desbravada, a pessoa vai caindo em decadência, vê que não está dando para ele, vai embora. E daí o lote é vendido para outro que tem mais condições. Porque das experiências que eu tive por esse meio do mundo por onde andei de assentamento e loteamento, sempre foi assim. O pequeno sai e quem vai desfrutar da desbravação daquela área são os poderosos que tem dinheiro e já pegam o serviço manso.

Migrante Assentada¹⁰

O Canoas não mudou para melhor. As melhorias que vieram foi a ampliação do colégio, a construção do posto médico. Recorda que quando chegou havia apenas uma igreja: a Assembléia de Deus. Hoje tem a Congregação Cristã no Brasil, Deus é Amor, Pentecostal Unida do Brasil e outras (figura 34). Ao falar sobre a lentidão com que os eventos acontecem, relaciona a falta de desenvolvimento com a desunião da população. Acrescenta que no lugar “tem mais presidente do que comunidade. É uma briga por

patente e não fazem nada”. Afirma que no Pará não é assim, lá a população se organiza para lutar por seus direitos. “Então se os governantes perceberem que nós somos unidos eles vão ajudar, porque sabem que nós somos organizados”. Outra questão destacada é a insegurança que permeia o lugar. Cita o caso da senhora que assassinaram na Comunidade da Gusmão. Deixa claro que a maioria das barbaridades que acontece não se deve à realização de festas, até porque as festas que acontecem são a festa do colégio e alguma festa programada de bar. No Canoas tem muitos evangélicos, tem a igreja católica, mas quase não há católicos. Então a maioria das pessoas são evangélicas. No que se refere às serrarias apresenta os pontos positivos e negativos. Como pontos positivos possibilitou oportunidade de emprego. Mas são poucos os pais de família que tiram seu sustento dessa fonte de renda. “Muitos trabalham para manter o vício. E o que é pior, está aumentando. Um vai puxando o outro, até criança está cheirando cola. Você sabe quem passa, mas tem que ficar de boca fechada, porque se você denuncia você tá procurando a morte. Quem traz problemas não são os donos, mas quem vem de fora para trabalhar”. Contudo, mesmo mediante tantos problemas, gosta do lugar, e nos diz

Sabe por que eu gosto desse lugar, é porque de lá de onde eu vim, eu passei por muita dificuldade. Aqui para você viajar, fazer um tratamento, tudo é mais fácil. Aqui o que você produz você vende, agora é ruim porque a terra não produz bem, precisa de adubo. Porque lá onde agente morava tudo que agente plantava dava, mas era difícil de vender. Lá era um lamaçal no inverno, se você não encontrasse um filho de Deus que tivesse um bom coração, você passava dois, três dias sem tomar café, porque não tinha açúcar. Aqui não, aqui pode está chovendo do jeito que for, você pega uma carona até a vila, da vila pega outra para a BR e de lá pega o ônibus para Figueiredo. No Pará quando chega o inverno para tudo, aqui não tem isso. Eu acho bom aqui.

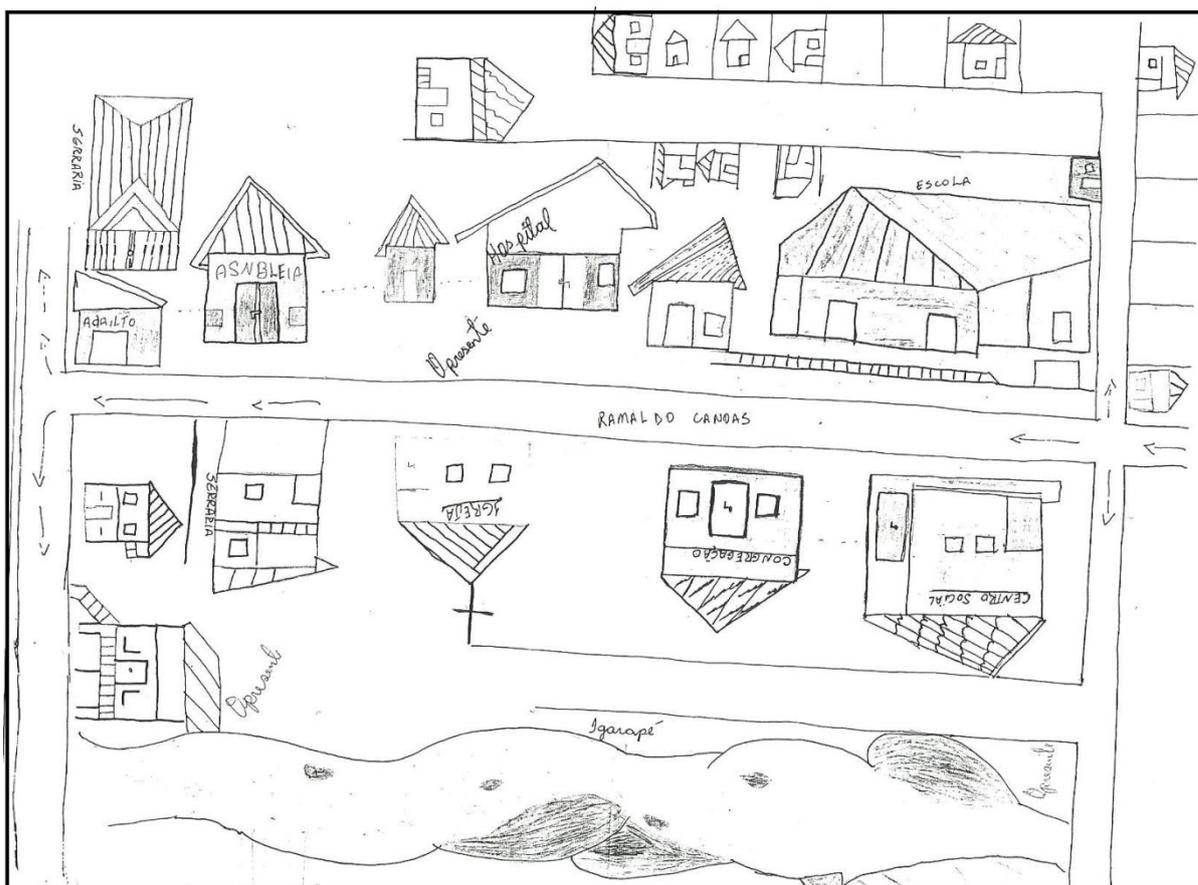


Figura 34: O Canoas Atual da Migrante Assentada 10.
Fonte: Trabalho de campo, abril/2010.

3.3 A (RE) CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR

A leitura da percepção e representação do mundo vivido pelos sujeitos contribui na compreensão de (re) construção do lugar e como esse processo é vivenciado pelos indivíduos nos períodos que o constituem.

A identidade de um lugar é dinâmica. Essa dinamicidade é vivenciada e percebida de diferentes maneiras por seus habitantes. Nas narrativas estão expressas as experiências vividas carregadas de sentimentos que demonstram desde a tranquilidade e segurança que permeava a Santa Terezinha até a manifestação dos graves problemas sociais que hoje agravam o lugar. Para os antigos o lugar era muito melhor antes da territorialização do Assentamento, mas acrescentam que os problemas sociais (prostituição, drogas, homicídios) existentes hoje no Canoas não vieram com os migrantes assentados, e sim com outros sujeitos que não possuem relação alguma com o PA.

Para os antigos habitantes antes da chegada do PA enfrentavam muitas dificuldades no que diz respeito aos meios de transporte, acesso à educação e saúde, entretanto aquele Canoas era muito melhor do que o que hoje se manifesta. A habitante 03 enfatiza que antes do assentamento o lugar era muito bom, e que gostaria muito que voltasse aquela época, mesmo com todas as dificuldades vivenciadas. Mais uma vez reafirmamos, conforme Relph (1979) que o lugar é constituído por experiências agradáveis ou não.

Os migrantes assentados ao chegarem enxergam o Canoas como algo a ser desbravado e construído. Essa relação nos possibilita pensar a relação que Tuan (1983) faz entre espaço e lugar. Para este autor espaço e lugar são termos familiares, mas acrescenta que o que começa como espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à proporção que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Ao analisarmos as narrativas percebemos que os problemas sociais são mencionados por todos os sujeitos da pesquisa, e as modificações que o Canoas vivencia acontece com a inserção de novos elementos positivos ou negativos que acompanha as etapas de (re) construção do mesmo. Mesmo mediante tantos problemas existentes hoje, esses indivíduos possuem uma relação afetiva com o lugar, e que por esse motivo defendem que seja necessário um olhar mais atento das autoridades para essas situações.

Os mapas mentais transparecem dados que nos levam a pensar a relação estabelecida entre os habitantes e as características físicas. Para o habitante 02 o Canoas é representado antes da criação do PA por algumas famílias e a floresta que se destacava na paisagem. Hoje a paisagem é representada com a inserção de novas famílias, o desmatamento e a abertura dos ramais. Para os que chegam, a representação gráfica é demonstrada através das poucas famílias que viviam na vila, e um grande vazio demonstrado pelo espaço em branco, representando a floresta, com exceção da migrante 08.

O Canoas era percebido como um espaço a ser explorado, um depósito de lotes a serem distribuídos, e, a partir da atividade humana herdar uma forma, possibilitando-o características concretas com a inserção de novos

elementos. Compreendemos que se trata de um lugar não familiarizado, e por esse motivo apresenta tais características.

Os migrantes assentados percebem e representam o lugar de maneira diferenciada, mas concordam em um ponto, o P. A. é um sonho realizado, é o acesso à propriedade da terra. Em seus depoimentos descrevem as relações estabelecidas com o ambiente físico e humano. Enfatizam a tranquilidade, a segurança, o ar puro. Fazem comparações entre o clima e os modos de vida da cidade e do campo. Expressam a satisfação em terem chegado ao lugar. Um “lugar revelado”, que apesar das dificuldades oferece condições para atender às necessidades básicas do ser humano, como: alimentação, moradia, educação e saúde. Não se pode negligenciar as dificuldades enfrentadas, mas em um lugar vivenciamos tanto experiências topofílicas como topofóbicas, e é na manifestação dessas relações que o lugar acontece.

Outro destaque dado por todos os sujeitos diz respeito à ação das movelarias. As movelarias dividem a percepção dos habitantes. Para alguns, é uma fonte de renda, para outros um desrespeito à própria natureza, e, falta de compromisso com as atividades agrícolas por parte dos agricultores que participam do processo. Enfatizam que o assentamento é para agricultor e não para madeireiro e, que os impactos causados pelas movelarias são refletidos muito mais nas questões sociais. Quanto aos impactos diretos na natureza, nem todos concordam que a atuação das movelarias seja capaz de esgotar os recursos florestais, causando um desequilíbrio ecológico. Para estes é muito mais marcante a atuação dos novos sujeitos que emergem, contribuindo para o avanço dos latifúndios, que em alguns casos o processo de substituição da floresta pela pastagem gera muito mais impactos, pois o lote tem toda sua cobertura florestal substituída pelas pastagens. A retirada de madeira para as movelarias ocorre com a retirada de árvores nobres, em contrapartida as pastagens requerem a retirada completa da vegetação. E isso já vem acontecendo dentro do Assentamento, uma área cujos lotes só podem ser desmatados 20% de sua área total.

Portanto, a identidade de um lugar é um processo em transformação que pode ser melhor compreendido ao analisarmos a “forma como nossas experiências dos lugares ocorre e seus componentes” Relph apud Marandola

Jr (2010, p.3). E nessas experiências os indivíduos, mesmo vivenciando experiências comuns, percebem e representam o mundo de modo diferenciado, conforme os elementos que se destacam tanto de maneira positiva quanto negativa. E nessa dinamicidade o lugar constrói e reconstrói sua identidade, ganhando ou perdendo elementos sociais e culturais. Segundo Haesbaert (1999) nesse processo convivem novas e antigas formas de identificação no/com o território, o que para nós refere-se ao lugar. Assim, no encontro do novo e do já estabelecido o lugar se transforma e se (re) significa.

CONSIDERAÇÕES

CONSIDERAÇÕES

Após a trajetória realizada neste trabalho, é chegado o momento de fazermos as considerações, partindo da contribuição teórico-metodológica até a análise dos dados obtidos. Os mapas mentais e as narrativas na perspectiva da história oral de vida contribuíram no acesso aos dados, possibilitando-nos ter acesso ao mundo vivido de cada indivíduo. O diálogo se manifestou de uma forma que nos levou a pensar o LUGAR como uma (re) construção dinâmica que acontece tendo como base as relações estabelecidas entre os sujeitos e destes com os elementos físicos que o constituem. A MIGRAÇÃO ficou compreendida como um fenômeno que influenciou na dinâmica do lugar, através da inserção de outras características culturais, (re) significando-o. E a IDENTIDADE um elo que conduziu o fenômeno espacial da MIGRAÇÃO em um determinado espaço que se transformou em LUGAR a partir das manifestações estabelecidas nas relações de identidade que se (re) construíram e se reconstróem através da identificação, possibilitando a cada sujeito o sentimento de pertencimento, ou não, ao longo do tempo.

Os mapas mentais, assim como, a história oral de vida nos possibilitou um retorno aos fenômenos em si. Eles foram tomados como procedimentos que nos conduziu às manifestações do vivido, em um tempo passado, presentes na consciência geográfica imediata de cada sujeito. Entre si, mapas mentais e as narrativas na perspectiva da história oral de vida estão relacionados, pois ambos permitem conhecermos os elementos mais significativos na trajetória desses migrantes. Considerando que o que foi apresentado, tanto das vivências como no trajeto referem-se aos elementos mais significativos em cada situação. Um ponto que nos chama atenção é a questão sobre o que compreendemos como significativo. Temos o hábito de pensarmos o significativo apenas como os momentos carregados de experiências tofólicas. O que pode ser um equívoco. Nesse caso

concordamos com Relph (1979) quando afirma que o lugar se constitui de experiências topofílicas e topofóbicas.

Apropriamos-nos de alguns preceitos que caracterizam a história oral como a legitimidade dos depoimentos e a valorização das experiências individuais, como uma aproximação da fenomenologia, embora Meihy (2005) não apresente uma abordagem fenomenológica da história oral. Quanto aos mapas mentais, Nogueira (1994) deixa claro que os mesmos são representações das experiências vividas no lugar. E, foi a partir das experiências vividas nos lugares da migração, e no próprio Canoas, que buscamos compreender as representações do vivido descritas por cada sujeito, por cada migrante.

A fenomenologia tem a preocupação de compreender as experiências vividas do homem, como se realizam, assim como, a percepção e representação do mundo vivido para os mesmos. Toma o corpo não como objeto, mas como sujeito, pois é através dele que o mundo é experienciado. Através do corpo, mente, emoção e vontade, a pessoa interage com o mundo no qual está inserido e, constrói um mosaico de lugares especiais com os quais possui suas identidades, mesmo havendo redes de interações sociais ou comerciais que causem intensas transformações nesses espaços, criando novas territorialidades. Os habitantes destes lugares os terão na memória, pois fazem parte de suas experiências vividas, onde se desenvolveram suas intersubjetividades.

Nesse sentido, torna-se importante perceber como a Geografia humanista e a fenomenologia tomam as experiências vividas no espaço geográfico, valorizando as relações de pertencimento, a memória, imagens mentais que homens e mulheres possuem de seu lugar de origem, como no caso de migrantes que carregam consigo as lembranças de sua terra natal, ou mesmo, lembranças da infância, diferentemente de uma abordagem proposta pela geografia moderna que separa homem/natureza, tomando o homem como um mero espectador das transformações existentes, como se houvesse um abismo entre o ser humano e a natureza. É bom lembrarmos que atualmente as modificações que ocorrem no ambiente estão fortemente relacionadas à ação humana e, mesmo assim, ainda há muitos trabalhos em Geografia que

desconsideram o homem, trabalhos estes provenientes, principalmente da Geografia física, é claro que muitos geógrafos físicos buscam ultrapassar essas barreiras, e, inserir o homem em suas discussões, no entanto, muitos ainda insistem em realizarem análises meramente técnicas. Nesta abordagem, o homem é valorizado e, posto dentro das discussões a respeito das construções e transformações que ocorrem em seu ambiente. Não se trata de um mero espectador, mas, de um sujeito, constituído não apenas de razão, mas também, de emoção.

A discussão da abordagem teórico-metodológica, a leitura do trajeto, das vivências, e da própria (re) construção do lugar, nos remete a reflexão sobre o significado da migração, e, sua implicação na dinâmica que (re) significa o mundo vivido e possibilita uma dinamicidade na formação de uma identidade através da inserção de novos elementos culturais que chegam com esses indivíduos chamados por nós de migrantes assentados. Quando nos referimos ao significado da migração, o fazemos com o objetivo de tentar transparecer que ao (re) constituirmos o vivido por cada sujeito tanto na trajetória, como no lugar atual, percebemos o significado dos lugares, e como essas experiências implicam na (re) construção do Canoas. Sendo a migração, também, um fenômeno que contribui na inserção de novos elementos que implica na (re) construção de identidades. Porém, é evidente que outros fatores possibilitam também a dinâmica constante da (re) construção de identidades na modernidade, mas nessa abordagem não temos a intenção de discutí-los.

No canoas a chegada de novos sujeitos é algo marcante e percebido nitidamente tanto pelos antigos habitantes, quanto pelos migrantes assentados. Os sujeitos percebem as transformações tanto com a criação do Assentamento quanto com a territorialização das movelarias. São nítidas as transformações ocorridas no lugar com a chegada desses novos atores sociais.

A chegada do Assentamento vem acompanhada de famílias de diferentes estados brasileiros, abertura de ramais, construção de escolas, posto de saúde, redes de energia elétrica e telefone, que de certa maneira implica diretamente em modificações na paisagem. Essa etapa é percebida de modo diferenciado tanto pelos que já vivenciavam o Canoas antes da criação

do P.A. quanto pelos que chegam para serem assentados. Para os antigos o lugar antes era farto, muito peixe e caça, nesse ponto os migrantes concordam. No início do P.A. todos afirmam que havia muita produção, o que não acontece hoje, devido principalmente a falta de subsídios para esses agricultores. Para alguns, isso ocorre também pela falta de união do grupo. Se por um lado a chegada de novos sujeitos modificou a vida do grupo que ali vivia, de maneira negativa, como bem ressalta a habitante 01, ao falar sobre a união que havia antes com a realização de mutirões. Por outro lado, ressaltam os benefícios que o lugar obteve, enfatizando os pontos positivos.

Quanto às movelarias, as opiniões são divergentes, de um lado temos os que são a favor, de outro os que são contra. Para os que são a favor é uma fonte de renda. Para os que são contra, um desrespeito à própria natureza, afirmando que o assentamento é para agricultor e não para madeireiro. Quanto à retirada de madeira dois migrantes assentados enfatizaram que “ninguém desmata uma grande área. Adentram a floresta e retiram somente a árvore que está em sua fase adulta, os fazendeiros não, estes desmatam todo o lote para criar gado (MIGRANTE 01 e 07)”. Assim, é necessário que seja dada maior atenção à maneira como ocorre o processo. Não se trata apenas da aplicação de multas por parte dos órgãos competentes, é necessário que seja desenvolvido mecanismos que possibilitem a esses trabalhadores a realização de suas atividades, garantindo aos mesmos condições de permanecerem no lugar de modo digno, com a implementação das atividades agrícolas, e que outras atividades sejam uma complementação da renda familiar, e não o foco da economia.

É evidente que as políticas agrícolas implementadas para essas áreas não atendem às demandas dos agricultores, o que os conduzem a migrar das atividades agrícolas para outras fontes de renda, como a retirada de madeira, que na maioria das vezes, está à parte dos planos de manejo. Outra situação é a evasão dos primeiros assentados, que venderam seus lotes para os fazendeiros que estão emergindo na área do assentamento. O que acontece devido à ausência de mecanismos que possibilitem a implementação de políticas que beneficie o agricultor.

Mesmo sendo as questões sociais e econômicas mais evidentes que os problemas nos habitats naturais, o descampamento do solo para dar lugar às pastagens causam muito mais impactos ambientais físicos do que o extrativismo da madeira. A retirada da cobertura vegetal causa erosão do solo, além de afetar de modo intenso a fauna, os recursos hídricos do lugar e os próprios modos de vida da população local, no desenvolvimento das atividades voltadas para o extrativismo vegetal e animal.

Contudo, diante de todo este cenário percebemos nas entrevistas realizadas, mesmo sem subsídios para se tornarem pequenos produtores e viverem da renda da terra, afirmam ser o Canoas um sonho realizado, lugar de oportunidades. É no Canoas que alguns conseguiram pela primeira vez ter seu primeiro pedaço de terra. Entretanto, ressaltam a ausência do Governo Federal, cuja presença se limita, além do “Luz para Todos”, aos créditos referentes ao fomento, alimentação, habitação e mais recentemente a reforma da casa. O que nos conduz a pensar qual o tipo de reforma agrária que o INCRA está se propondo a realizar no PA Canoas. Consideramos que, mesmo cada um, tendo motivos que os levaram a se deslocarem de seu lugar de origem, sendo essas de natureza individual, não há como negar que cada um está inserido em uma sociedade e que por isso estão também sujeitos às relações de força que os impulsionam a migrar, as quais podem ser resultado das estratégias políticas, econômicas e sociais do Estado, ou não.

Portanto, a realização deste trabalho nos possibilita refletir sobre o processo de (re) construção de um lugar através da percepção nas multidimensionalidades do vivido pelos indivíduos que fazem parte de sua dinâmica, e, a partir da compreensão do entrelaçamento das relações que vão se estabelecendo nos diferentes períodos que o formam, apreender como um espaço indiferenciado vai se tornando parte do mundo vivido de cada indivíduo. Neste processo, percebemos que o Canoas tornou-se para a maioria de seus moradores o lugar com o qual possuem uma relação afetiva, mesmo mediante as dificuldades enfrentadas. Vale ressaltar, que as experiências vivenciadas nem sempre são carregadas de sentimentos topofílicos, e nesse caso, a dinâmica de um lugar acontece no contexto das experiências agradáveis e desagradáveis. Entretanto, com todas as dificuldades existentes, o Canoas é o

lugar onde a maioria dos sujeitos da pesquisa pretende continuar, com exceção de alguns. Nele possuem suas terras, se a possibilidade de produzirem para o mercado é mínima, eles buscam outros meios de se inserirem na dinamicidade da economia local, inserindo-se ora como sujeitos, ora sujeitados ao processo que (re) significa este lugar chamado Canoas.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 19 de maio de 2009.
- BECKER, O. M. S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologias, contextos. In: CASTRO, I. E. et al. (orgs). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BEZERRA JR, B. A solidão de não pertencer: uma observação a partir de um fragmento de Clarice Lispector. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs). **Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia Cultural: Um século**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. V. 3.
- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985.
- CARNEY, G. O. Música e lugar. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, R. L. **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. pp. 123 – 149.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. pp. 35 – 86.

_____. Introdução: Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana. In: SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais: Vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 13 – 29.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley – uma apreciação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Orgs). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. pp. 09 – 33.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** São Paulo; Centauro, 2005.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônia**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. IN: ROZENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ/PPGG, 1992.

_____. A geografia Humanista: uma revisão. In: **Espaço e Cultura**. Edição Comemorativa (1993 – 2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC/Dpto de Geografia/Instituto de Geografia, 2008. pp. 137 – 147.

INCRA. **Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Manaus/AM, 2009.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira margem; Curitiba: NEER, 2007.

LENCIONE, S. **Região e Geografia**. São Paulo: USP, 1999.

LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

MARANDOLA JR. Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: O Pensamento de Heidegger em Place end placelessness, de Edward Relph. In:

XIV Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre/RG. **Anais**. Porto Alegre: URGs, 2010. P 1-9.

MARTINS, J. de S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MELLO, J. B. F. de. Descortinando e ((re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDHAL, Z; CORRÉA, R. L. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Edurj, 2001.

MENEZES, F. L. Migração: Uma Perspectiva Psicológica, Uma Leitura Pós-Moderna ou, Simplesmente, Uma Visão Preconceituosa. In: CUNHA, M. J.C. [et al.]. **Migração e Identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental: Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1994.

_____. **Percepção e Representação Geográfica**: A "Geograficidade dos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese de Doutorado. USP. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2001.

_____. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: SILVA, A. A. D. da; GALENO, A. (Orgs.) **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004, pág. 209-236.

OLIVEIRA, P. R. M de. O migrante, seu drama psíquico e a percepção das diferenças. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs). **Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In: Geografia , 4(7): Rio Claro – SP. Abril 1979, pág: 1 - 25.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARMENTO, J. C.V. **Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores.** Coimbra: FCG, 2004.

SAUER, C. O. A Morfologia da paisagem. In: CORREA, R. B; ROZENDHAL, Z. (Orgs.). Paisagem, Tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

_____. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. pp. 19 – 26.

SORRE, M. **Max Sorre: Geografia.** Tradução: Januário F. Megale; Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984.

SILVA, G. A. da. **O Assentamento como forma de Ocupação em Presidente Figueiredo:** Projeto de Assentamento Canoas. Manaus: Ufam, Monografia, Especialização em Geografia da Amazônia Brasileira. Departamento de Geografia, Universidade Federal do Amazonas, 2005.

SINGER, P. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia Política da Urbanização.** 14 ed. São Paulo: contexto, 1998. Pp. 29-62.

SOUZA, R. L. de. **Projetos de Assentamento na Amazônia:** Condições socioeconômicas e Demográficas: O caso do Assentamento Canoas. Manaus: Ufam, Monografia, Curso de Ciências Econômicas. Faculdade de Estudos Sociais. Departamento de Economia e Análise, Universidade Federal do Amazonas, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

THOMPSON, P. **A voz do passado – história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINER, C. B. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (orgs). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Rio de Janeiro: Revan, 2005. pp. 251-274.